



**PROFHISTÓRIA**

MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA

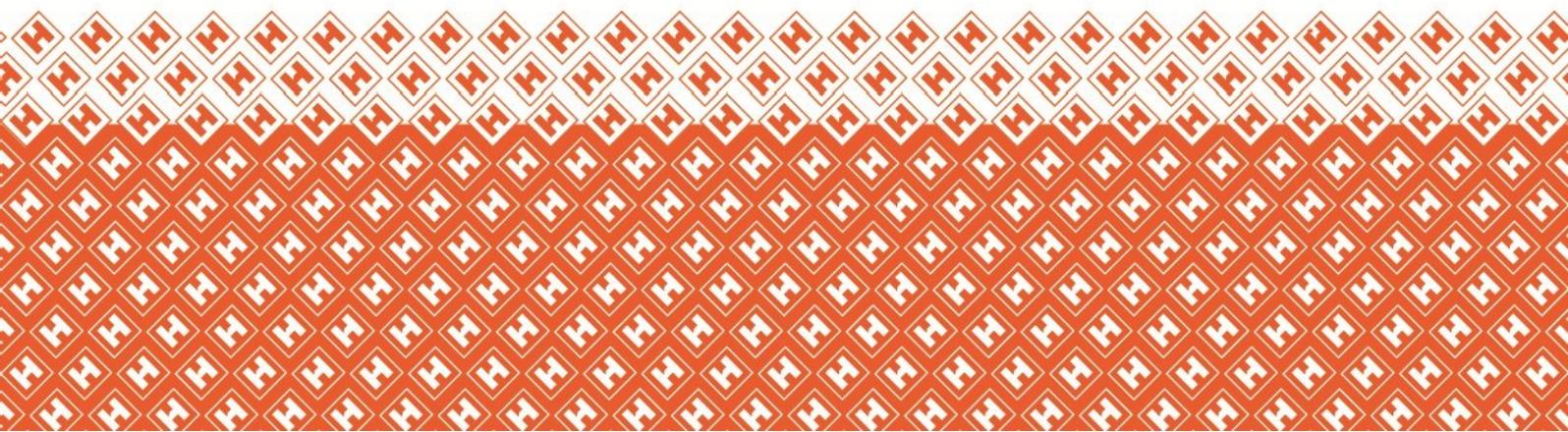
---

JOELMA MALTEZ DE SÁ DOMINGUEZ DA SILVA

# História e Literatura na sala de aula: olhares de Jorge Amado sobre a Península de Itapagipe (Salvador-Ba)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA BAHIA

MAIO / 2023



HISTÓRIA E LITERATURA NA SALA DE AULA: OLHARES DE JORGE  
AMADO SOBRE A PENÍNSULA DE ITAPAGIPE (SALVADOR-BA)

Dissertação apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em Ensino de História-  
ProfHistória/UNEB como requisito para  
obtenção do título de Mestre em Ensino de  
História.

Orientador: Professora Dra. Maria das  
Graças Leal

Salvador  
2023

Joelma Maltez de Sá Dominguez da Silva

HISTÓRIA E LITERATURA NA SALA DE AULA: OLHARES DE JORGE AMADO  
SOBRE A PENÍNSULA DE ITAPAGIPE (SALVADOR-BA)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Ensino de História- ProfHistória/UNEB como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Cidade, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dra. Maria das Graças de Andrade Leal  
Universidade Estadual da Bahia (UNEB)

---

Prof. Dra. Celeste Maria Pacheco de Andrade  
Universidade Estadual da Bahia (UNEB)

---

Prof. Dra. Iacy Maia Mata  
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Aos meus alunos destes e de outros tempos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao Criador pela vida e pelas oportunidades. A família por ser a base de tudo. Foi com minha avó Belinha, professora por mais de 30 anos, que conheci uma História que sensibiliza e emociona. A minha mãe, agradeço por seu amor e garra, criar quatro filhos para a sua independência é uma inspiração. A Miele, Ademar e Lara, irmãos de sangue e lutas, agradeço por sempre estarem ao meu lado. Aos cunhados, sobrinhos, tios e primos com exemplos, carinhos, palavras e ações motivaram minhas conquistas. Agradeço a meu sogro e a Manuel, pais de coração, tudo sem vocês seria mais difícil. Agradeço também aos que não estão aqui, porém, de muitas maneiras contribuíram para a minha caminhada: a meu pai, a Aderbal, a meu avô e a minha sogra, como queria ter tido mais tempo com eles.

Gratidão aos mestres que durante a minha formação me encantaram para o conhecimento e despertaram em mim a vontade de encantar outros, é válido destacar Marcia Gabriela, Iacy Maia e Juvenal de Carvalho. Em especial, agradeço aos professores do PROFHISTÓRIA que em meio ao mundo pandêmico ascendeu em nós o desejo de continuar. A minha orientadora, Graça Leal, agradeço por cada sorriso e pelos olhos brilhando, espero transmitir aos meus alunos o mesmo que ela transmite. Obrigada pelas leituras atentas e as incontáveis orientações.

Agradeço aos meus colegas, aqueles que dividiram comigo os desafios de um mestrado, nossa turma foi incrível, citar nomes seria impossível, cada um teve um lugar importante nessa caminhada e, também, aqueles da luta diária, no "chão da escola", meus colegas do Adventista e do Presciliano Silva, em especial, a Viviane que foi minha maior motivadora, a Alexandre e a Camerina que me ajudaram nos desafios com o horário das aulas e na realização de atividades das oficinas, a Jilmara pela revisão de textos, a Átila pela inspiração, a Ingrede, que me faz sempre desejar ser uma professora melhor, a Eliane, a Keila e a Adrielle por terem sido as melhores parceiras de projetos, a Eneida, a Ilda e a Simone por, além das contribuições, serem exemplos de profissionais. Aos meus amigos, agradeço por terem tornado meus dias mais felizes e sempre somarem em meus conhecimentos e autoestima, especialmente, Du e Cris, Geandson e Aline, Geisinha e família.

Aos meus alunos por serem os melhores e me ensinarem a ser melhor também, em especial aos companheiros nessa pesquisa, estudantes do 9º ano do Colégio Presciliano Silva. A minha filhinha Nina, por doar suas habilidades

contribuindo em realizações desse trabalho. Aos meus filhos, agradeço pela compreensão nas ausências e a felicidade que demonstram em cada conquista nossa, tudo é por vocês também. E para concluir, ao meu esposo, colega, amigo, companheiro sem igual, agradeço pelo apoio incondicional e por partilhar comigo seus muitos saberes.

*"Quem não lê, mal ouve, mal fala, mal vê."*

*(JORGE AMADO)*

## LISTA DE QUADRO

<b>Quadro 1</b> — Problemas de pesquisa .....	94
<b>Quadro 2</b> — Produção Literária .....	98
<b>Quadro 3</b> — Alagados.....	102
<b>Quadro 4</b> — Monte Serrat.....	103
<b>Quadro 5</b> — Relatos sobre o cinema .....	105

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> —	Mapa de Itapagipe.....	49
<b>Figura 2</b> —	Lousa conhecimento prévio.....	82
<b>Figura 3</b> —	Lousa progressão do conhecimento.....	83
<b>Figura 4</b> —	Aula no Solar.....	88
<b>Figura 5</b> —	Detalhes do casarão.....	89
<b>Figura 6</b> —	Casa de Jorge Amado.....	90
<b>Figura 7</b> —	Ruas do Pelô.....	91
<b>Figura 8</b> —	Exposição: fotografias e recortes de jornais.....	92
<b>Figura 9</b> —	Jorge Amado e a Península de Itapagipe.....	96
<b>Figura 10</b> —	Parte inferior da antiga ponte do Cruch.....	97
<b>Figura 11</b> —	O álbum.....	100
<b>Figura 12</b> —	Palafitas .....	101
<b>Figura 13</b> —	Igreja de Mont Serrat.....	103
<b>Figura 14</b> —	Lugar de comemorações de Iemanjá.....	103
<b>Figura 15</b> —	Cine Itapagipe.....	104
<b>Figura 16</b> —	Local atual do cinema.....	104

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

APEB	Arquivo Público do Estado da Bahia
BA	Bahia
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEIM	Companhia Empório Industrial do Norte
EPA	Educação Patrimonial e Artística
LDB	Lei de Diretrizes e Base da Educação
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PROFHISTÓRIA	Mestrado Profissional em Ensino de História
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo estabelecer um diálogo entre o ensino de História Local e a Literatura amadiana, tendo em vista, na busca por uma aprendizagem significativa, o protagonismo do estudante ao incentivar leituras, análises de fontes históricas e valorizações de diferentes memórias. A pesquisa consistiu em promover o estudo da Literatura de Jorge Amado como fonte histórica, atentando-se para as narrativas sobre a Península de Itapagipe, localizada na Cidade Baixa em Salvador-BA. A partir da retomada de algumas reflexões sobre o ensino de História e a relação entre História e Literatura, é destacado o potencial didático das narrativas literárias para o ensino de História Local por meio de quatro obras de Jorge Amado, todas publicadas entre as décadas de 1930 e 1950: "Mar Morto" (1936), "Capitães de Areia" (1937), "Bahia de Todos os Santos, Guia de Ruas e Mistérios" (1945) e "A Morte e Morte de Quincas Berro D'água" (1959). Tais obras retratam o cotidiano em Salvador nesse período, evidenciando lugares e sujeitos invisibilizados nas práticas tradicionais de ensino da disciplina de História. Além disso, foi proposta como solução mediadora de conhecimento, tendo por referência os pressupostos estabelecidos por Isabel Barca (2004), uma aula-oficina – "Pelas ruas de Itapagipe: histórias contadas por Amado e por nós" – planejada para o 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Presciliano Silva, mas que pode ser adaptada para outras séries. Por fim, são discutidos os resultados da aplicação das aulas-oficinas e são disponibilizados os passos para que outros docentes utilizem em suas práticas pedagógicas voltadas para o ensino e aprendizagem de História.

**Palavras-chave:** Ensino de História; Literatura; Jorge Amado; História Local; Itapagipe.

## ABSTRACT

The goal of this essay is to establish a dialogue between Local History and “Amadian” Literature, considering, in search of significant knowledge, the student as the main character in the action of incentivising readings, analysis of historical sources and the promotion of different memories. The research consisted on promoting the investigation of Jorge Amado’s Literature as a historical source, paying attention to the narratives about the Itapagipe Peninsula, located in the lower half of Salvador city, Bahia. Following the resumption of some of the thoughts about History teaching and the relationship between itself and the topic of Literature, the didactical potential of the literary narratives for the teaching of local history is highlighted by four of Jorge Amado’s works, all of them published between the decades 1930 and 1950: “Sea of Death” (1936), “Captains of the Sands” (1937), “Bahia of All Saints, Guide of Streets and Mysteries” – (1945) and “The Double Death of Quincas Water- Bray” (1959). These works describe the day-to-day life in Salvador in that period of time, bringing to light the places and the people erased by traditional teaching practices on History as a subject. Beyond that, an intermediate solution was proposed, referencing the assumptions established by Isabel Barca (2004) in a workshop – “Through the streets of Itapagipe: stories told by Amado and by us” – planned for the 9th Grade, but can be adapted for other grades. Ultimately, the results of the method application in a regular class in the Itapagipe Peninsula, where I teach, are discussed and the steps are shared for other teachers to follow in their pedagogical practices towards the teaching of History.

**Keywords:** History teaching; Literature; Jorge Amado; Local History; Itapagipe.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO 1 - ENCONTROS DA HISTÓRIA E DA LITERATURA: A OBRA AMADIANA NA SALA DE AULA</b> .....	<b>24</b>
1.1 SOBRE O QUE E COMO ENSINAR HISTÓRIA NA PERSPECTIVA OFICIAL...	28
1.2 ENSINO DE HISTÓRIA: A LITERATURA E A POSSIBILIDADE DE INSURGÊNCIA CURRICULAR.....	31
1.3 A LITERATURA AMADIANA COMO RECURSO DIDÁTICO E FONTE DE MEMÓRIA LOCAL .....	34
1.3.1 <b>Um contador de histórias</b> .....	<b>37</b>
1.4 POTENCIALIDADES DA LITERATURA AMADIANA NA SALA DE AULA .....	41
1.5 TESTEMUNHO HISTÓRICO NA OBRA AMADIANA: UM OLHAR PARA A HISTÓRIA LOCAL.....	44
<b>CAPÍTULO 2 - OLHARES AMADIANOS SOBRE A PENÍNSULA DE ITAPAGIPE: POR MAIS PROTAGONISMO NAS AULAS DE HISTÓRIA</b> .....	<b>47</b>
2.1 MAR MORTO.....	51
2.2 CAPITÃES DA AREIA.....	60
2.3 BAHIA DE TODOS OS SANTOS - GUIA DAS RUAS E DOS MISTÉRIOS DA CIDADE DO SALVADOR.....	66
2.4 A MORTE E A MORTE DE QUINCAS BERRO D'ÁGUA.....	70
<b>CAPÍTULO 3 - HISTÓRIA, LITERATURA E MEMÓRIA NA SALA DE AULA</b> .....	<b>76</b>
3.1 O LÓCUS DA PESQUISA.....	77
3.2 AULA-OFICINA .....	78
<b>3.2.1 A escolha do tema</b> .....	<b>80</b>
<b>3.2.2 Aula-oficina: estrutura e funcionamento</b> .....	<b>81</b>
3.3 PRIMEIRO CICLO DA AULA-OFICINA: CONHECENDO JORGE AMADO.....	83
<b>3.3.1 A aula de campo</b> .....	<b>86</b>
3.4 SEGUNDO CICLO: DIÁLOGOS DA HISTÓRIA E DA LITERATURA.....	93
<b>3.4.1 Produções Históricas: a Arte e a Literatura</b> .....	<b>95</b>
3.5 O ÁLBUM: "PELAS RUAS DE ITAPAGIPE: HISTÓRIAS CONTADAS, POR AMADO, E POR NÓS" .....	99
<b>3.5.1 Alagados</b> .....	<b>101</b>
<b>3.5.2 Monte Serrat</b> .....	<b>102</b>

<b>3.5.3 O Cinema de Itapagipe.....</b>	<b>104</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>106</b>
<b>FONTES.....</b>	<b>110</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>111</b>
<b>APÊNDICE – AULA OFICINA .....</b>	<b>117</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido como resultado de reflexões sobre o que, e como ensinar História, questões que me inquietam desde a graduação, quando as expectativas sobre a professora que desejava ser era latente. Inquietações que me acompanharam durante a vida profissional e que me levaram ao PROFHISTÓRIA, programa que objetiva a formação continuada de professores em busca de inovações que favoreçam a construção do conhecimento histórico na educação básica.

As discussões sobre *o que, e como ensinar História* se avolumam há décadas no Brasil<sup>1</sup>. Dentre os aspectos discutidos, estão aqueles relacionados à importância de tornar o conhecimento significativo para os discentes, o que passa por aproximá-los do fazer historiográfico, inclusive com leituras e interpretações de fontes históricas. Entretanto, apesar dos avanços metodológicos e entendimentos correntes na área sobre a relevância da diversidade de fontes na pesquisa, por vezes, a aproximação dos estudantes da educação básica da tarefa do historiador enfatiza o trabalho com documentos escritos, ditos oficiais. Essa tendência reflete ainda um pensamento rankeano no sistema educacional, o que está em descompasso com as correntes contemporâneas sobre pesquisa e ensino de história. Dessa forma, evidencia-se a necessidade de práticas pedagógicas que desconstruam a mentalidade tradicional no processo de ensino aprendizagem e, em paralelo, possibilitem a elaboração de saberes relevantes e duradouros, portanto, de práticas promotoras de certas resistências ao currículo colonial<sup>2</sup>, marcado por silenciamentos e invisibilidades, visto que a disciplina História e seu currículo escolar são constituídos como objetos de disputas.

Na perspectiva de viabilizar uma proposta de metodologia para o ensino de história que fortaleça e/ou valorize aprendizagens significativas<sup>3</sup>, pode-se acionar, no

---

<sup>1</sup> No Brasil, Elza Nadai (USP), Circe Bittencourt (USP/PUC), Maria Auxiliadora Schmidt (UFPR), estão entre os nomes nas últimas décadas do século XX que contribuíram para o estudo da história enquanto disciplina escolar, seus métodos e objetivos, ou seja, colocaram o ensino de história como objeto de pesquisa, assim como influenciaram outros pesquisadores com produções e orientações.

<sup>2</sup> Ver BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGUÉL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. Sociedade e Estado. Brasília, 2016, p. 15-24. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100002>. Acesso em: 15 mai. 2021.

<sup>3</sup> Sobre a aprendizagem significativa "se caracteriza pela interação entre conhecimentos prévios e conhecimentos novos, e que essa interação é não literal e não arbitrária. Nesse processo, os novos conhecimentos adquirem significado para o sujeito e os conhecimentos prévios adquirem novos significados ou maior estabilidade cognitiva." (MOREIRA, 2001, p. 2) Sobre o conceito de aprendizagem significativa ver: AUSUBEL, D. P. Aquisição e retenção de conhecimentos. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2003.

âmbito da história e do ensino de história, a abordagem relativa à relação entre Literatura e História. Devido às experiências pessoais, acadêmicas e profissionais considero que os textos literários são fontes e narrativas potentes para a ampliação sobre a noção de passado e uma maior compreensão da mentalidade de uma época e de suas configurações políticas, sociais, culturais, colaborando para que os alunos realizem suas interpretações e se apropriem de conteúdos históricos que envolvem temas diversos. A prática educativa que articula a ficção com a história tem o potencial de levar os adolescentes a um maior interesse sobre questões relativas ao passado e seus sujeitos, aciona diversos conhecimentos prévios, enquanto contribui com o gosto pela leitura.

O lugar da leitura no processo de ensinar e aprender é mais um desafio para o professor de História. Ler é imprescindível para a compreensão dos processos históricos, entretanto, a maior parte dos estudantes não possuem o hábito de ler livros. É uma geração de imagens e de respostas prontas que precisam de incentivos para a valorização do ato de ler narrativas. Portanto, a aprendizagem em História não pode ser dissociada de atividades que favoreçam práticas de leituras. "O ensino de História, e de outras disciplinas, deve, em consequência, vir acompanhado de investimentos permanentes em leitura, redação e reflexão - competências que as aulas expositivas e o tradicional sistema de perguntas e respostas não ajudam a desenvolver" (RIBEIRO, 2004, p. 76)

A trajetória que percorri de estudante a professora configura-se como uma justificativa pessoal para o desenvolvimento desta pesquisa. As pessoas e os hábitos do passado sempre despertaram minha curiosidade, assim como chamavam minha atenção os textos literários, as novelas e os filmes contextualizados em outras épocas. Como estudante da educação básica, foram os projetos que relacionavam as linguagens e a História que mais me marcaram e me permitiram construir saberes. Essas experiências entraram em consonância com a teoria devido à oportunidade de participar de um grupo de pesquisa na graduação, "Educação e Literatura em História"<sup>4</sup>, realizando leituras, discutindo teóricos e desenvolvendo projetos baseados no estudo de autores como Machado de Assis, José de Alencar e Jorge Amado, que foram, inclusive, levados para sala de aula como estratégia de ensino e aprendizagem e como professora, foi possível constatar o quanto tal interdisciplinaridade abre

---

<sup>4</sup> Grupo de pesquisa nas Faculdades Jorge Amado, atual Unijorge, que participei como bolsista entre os anos de 2004 e 2005 sob a coordenação das professoras Lacy Mata e Ana Queiroz.

possibilidades para a aprendizagem. Como justificativa social, destaco o fato de compreender o diálogo entre a História e a ficção como um dispositivo eficaz para estreitar as fronteiras entre os alunos e o conhecimento histórico. O estudo da disciplina deve estimular leituras múltiplas, questionamentos, relações entre o passado e o presente, valorização de memórias, a compreensão de si e da comunidade em que está inserido. É certo que o ensino por livro didático e mapas conceituais não dão conta dessa multiplicidade de questões que envolvem a aprendizagem. Em contrapartida, a leitura de obras literárias proporciona estímulos imaginativos, criativos e sensíveis, se comparadas aos recursos didáticos tradicionais. Nessa perspectiva, apresento, nesta dissertação, uma possibilidade metodológica que promove o diálogo entre a História, a História Local e a Literatura, a partir da obra amadiana<sup>5</sup>.

Jorge Amado<sup>6</sup> é um importante escritor baiano, testemunha de inúmeros acontecimentos do século XX que se propôs narrar as realidades que conheceu, evidenciando múltiplos olhares sob a sociedade por meio de suas personagens. Seus textos literários possuem a capacidade de produzir entendimentos sobre a história que vai além do currículo tradicional da disciplina, pois trata de gente comum, de realidades atemporais, fala da história local e de temáticas pouco vistas nos livros didáticos, como o cotidiano, as sensibilidades e as impressões do autor, particularmente relacionadas à Bahia. Os romances amadianos são portadores das vozes silenciadas e ocultadas de sujeitos excluídos da história<sup>7</sup>, como mulheres, crianças, pobres e negros, o que confere historicidade para quem foi negada a própria história<sup>8</sup>. A literatura amadiana, portanto, é uma importante fonte para pesquisas sobre a História Social de Salvador, o que torna ainda mais pertinente sua

---

<sup>5</sup> Chamamos de obra amadiana, a produção literária de Jorge Amado que envolve romances, crônicas e guia. Engloba 49 livros e diversos textos. Desses muitos foram traduzidos e vendidos em mais de 80 países.

<sup>6</sup> Escritor brasileiro (1912-2001), lido em diversos países, possui uma obra baseada na exposição e análise de realidades da Bahia e em narrativas sobre o povo baiano. É comum dividir sua produção em dois momentos distintos: a primeira com de cunho político e social e a segunda com características mais regionalistas.

<sup>7</sup> Apesar da produção historiográfica brasileira contar com o crescimento de pesquisas sobre História Social e Cultural desde do fim do século XX e, nessa perspectiva, colocar o indivíduo comum em um lugar de protagonista é inegável que a escola ainda trabalha com um currículo eurocêntrico. Buscar alternativas para levar para sala de aula as pesquisas acadêmicas faz parte do cotidiano do professor. A leitura e a análise de obras amadianas é uma rica possibilidade de trabalho didático para a pesquisa escolar sobre a sociedade baiana no século XX, não excluindo a importância de trabalhar com historiadores que produzem pesquisas nessa área.

<sup>8</sup> Ver ANDRADE, Celeste. A literatura no ensino de história da Bahia: a obra de Jorge Amado. SITIENTIBUS (UEFS), Feira de Santana, v. 14, p. 09-21, 1996.

utilização como recurso didático na educação básica.

Para o desenvolvimento de práticas educacionais que promovam a aprendizagem em História é fundamental, além de ampliar a utilização de fontes históricas na sala de aula, é imprescindível repensar os objetos de conhecimento. O estudo da História Local deve ocupar um lugar de destaque no processo formativo dos estudantes. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)<sup>9</sup> o colocam como eixo temático para o Ensino Fundamental e destacam a importância do estudo sobre o local em que os alunos vivem, a fim de oportunizar reflexões sobre si, sobre o grupo que pertencem e sobre o outro. A Base Nacional Curricular Comum (BNCC)<sup>10</sup>, apesar de não aprofundar questões sobre História Local, põe como necessidade as relações entre eventos, tempo e espaço no estudo da história com ênfase no protagonismo do estudante<sup>11</sup> e a necessidade de relacionar as suas vivências com os objetos de conhecimento.

Entendo que a História Local na sala de aula é, por vezes, um objeto de conhecimento, mas é, também, uma estratégia pedagógica, portanto, uma “forma de abordar a aprendizagem, a construção e a compreensão do conhecimento histórico com proposições que podem ser articuladas com os interesses do aluno, (...) com a possibilidade de desenvolver atividades diretamente vinculadas à vida cotidiana” (SCHMIDT & CAINELLI, 2004, p. 113). A História Local evidencia “o lugar” como objeto de estudo, possibilita a valorização das particularidades, da diversidade, assim como contribui para a construção da identidade individual e coletiva. Como afirma Vilma Barbosa (2006), o estudo do local está altamente relacionado à História do Cotidiano e do tempo presente, abrindo [...]

a possibilidade de resgatar o passado, através de variadas formas, entre elas, o uso de fontes disponíveis na própria localidade - quando existirem: os livros, a literatura de cordel, músicas e poesias, as fotografias, o patrimônio histórico material e imaterial, os documentos dos arquivos, bem como, descobrindo e explorando as fontes vivas através de depoimentos orais. (BARBOSA, 2006. p. 66).

<sup>9</sup> Secretária de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: História / Brasília: MEC / SEF, 1998.

<sup>10</sup> A Base Nacional Curricular Comum (BNCC) é um documento normativo que define as aprendizagens fundamentais que todos os estudantes devem desenvolver ao longo da educação básica. Estabelece conhecimentos, competências e habilidades, orientada pelos princípios já exigidos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica. Ver BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

<sup>11</sup> Uma das ênfases da BNCC é o protagonismo juvenil, cita quase sessenta vezes a palavra protagonismo ao indicar as normas em relação as Ciências Humanas. A Base enfatiza que é essencial um ensino de História que valorize o tempo vivido pelo estudante, seu entorno, seus conhecimentos prévios e sua capacidade criativa.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) destacam que o estudo da História Local é um “recurso pedagógico privilegiado [...] que possibilita aos estudantes adquirirem, progressivamente, o olhar indagador sobre o mundo de que fazem parte” (1998, p. 9). Como enfatiza Barbosa, são muitas as fontes que podem ser usadas no estudo da História Local e a literatura é uma delas, pois a ficção possui a capacidade de promover indagações, construir problemas e evidenciar diferentes sujeitos. Promover esse diálogo é, também, uma alternativa para ampliar a noção de currículo, assim como para elaborar estratégias de ensino aprendizagem eficiente para a produção de saberes significativos. Muitos historiadores podem ser citados quando se trata da aproximação do fazer historiográfico com o texto literário, entretanto, a utilização da literatura como recurso didático ainda se configura como uma discussão pouco explorada. Utilizar o texto imaginativo no estudo da história humana permite ultrapassar as antigas concepções historiográficas, oferecendo uma nova visão sobre os conteúdos históricos, pois favorece a imersão no cotidiano passado, na mentalidade de uma época, no universo político, social, cultural, econômico, permitindo aos alunos realizar sua própria leitura da história e, assim, perceber, por exemplo, de maneira subjetiva e fundamentada, o reflexo das estruturas políticas e econômicas na vida social<sup>12</sup>.

Atuo como professora da Escola Estadual Presciliano Silva, localizada na Península de Itapagipe, região que compõe a parte baixa da cidade do Salvador (Bahia) e que possui uma rica história desconhecida pela maioria de seus habitantes. Ocupada, inicialmente, por povos indígenas, foi palco de conflitos entre os nativos e os colonizadores, passando a ser povoada ao longo do tempo por agricultores, pecuaristas, pescadores e artesãos. Entre o século XIX e início do século XX, constituiu-se como um lugar de veraneio, abrigando casarões na beira mar, até passar a funcionar como um polo industrial da cidade, levando muitos operários a fixar

---

<sup>12</sup> Significativos trabalhos têm sido produzidos no PROFHISTORIA que contemplam a aproximação entre a História e a Literatura na sala de aula. Ver FERREIRA, Grace Kelly. Folhetos de acontecido: literatura de cordel e sua função no ensino de história. Dissertação Mestrado em ensino de história -- Profhistória - UEM, 2018. OLIVEIRA, Cristiane. Contos da África Lusófona: Fontes Literárias para o Ensino de História. Dissertação Mestrado em ensino de história – Profhistória - UNIRIO, 2018. VIANA, Lucialine. Fontes literárias e a construção de saberes históricos: uma proposta didático-pedagógica no Ensino de História. Dissertação Mestrado em ensino de história – Profhistória - UFT, 2017. PINHO, Deise K. Santana. MINHA RE) EXISTÊNCIA É VOZ! Ensino de história e escrituras de mulheres negras: Oficinas pedagógicas com o romance ‘Um defeito de cor’. 202f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – Mestrado Profissional, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2022.

moradia na Península<sup>13</sup>. Essa região sempre foi um espaço de encontros. Encontros de pessoas, de culturas, de saberes, de artes. Encontros históricos e literários que devem ser conhecidos, pesquisados e visibilizados.

Compreendendo a literatura como rica fonte de História Local, a obra de Jorge Amado foi escolhida por muito contribuir com o conhecimento sobre a história da Bahia nos diferentes espaços e territórios identitários, como por exemplo na Península de Itapagipe, parte baixa da cidade do Salvador. Suas narrativas são contextualizadas em várias partes do estado, com informações e análises importantes, em especial, por tratarem de locais ainda pouco estudados na historiografia e, por conseguinte, falarem sobre os diversos grupos que os compõem, bem como por abordarem temas sensíveis da história, conferindo historicidade a sujeitos silenciados. O livro *Capitães da Areia*<sup>14</sup>, por exemplo, toca em questões que tendem a interessar ao público da educação básica, sobretudo por trazer narrativas atemporais e enriquecedoras sobre o cotidiano de crianças pobres e marginalizadas na dinâmica da capital baiana. Embora seja uma obra ficcional, os sentidos e representações presentes nas histórias que conta, toma como referência a realidade social dessa população<sup>15</sup>. Por isso, foi utilizado, entre outros livros, como fonte na realização dessa pesquisa, a fim de provocar o diálogo entre o texto literário amadiano e a história local.

De fato, o escritor ambienta suas tramas do litoral ao interior da Bahia, dos centros urbanos à periferia. Assim, conhecer sua literatura é um convite à própria história da gente deste estado nordestino. É possível utilizar a narrativa de Jorge Amado para estudar sobre diferentes contextos históricos e lugares baianos. No entanto, por ter sido aluna na península itapagipana e, hoje, atuar como professora em uma escola da região, o objeto de pesquisa foi delimitado: estabelecer diálogos

---

<sup>13</sup> FLEXOR, Maria Helena (Org.); SCHWEIZER, Peter José (Org.). Península de Itapagipe: patrimônio industrial e natural. Salvador: EDUFBA, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/16789/1/pensinsula-de-itapagipe.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2021.

<sup>14</sup> Romance publicado em 1937 que narra a história de crianças abandonadas e marginalizadas da cidade de Salvador. Apesar de ser ficção, reflete questões de ordem social, cultural e política ocorridas pelas ruas da cidade no contexto vivido pelo autor.

<sup>15</sup> A Literatura, assim como a História, tem a realidade como referência. No entanto como destaca Pesavento, para os literatos “os limites da criação e fantasia são mais amplos do que aqueles permitidos ao historiador... Para o historiador a literatura continua a ser um documento ou fonte, mas o que há para ter nela é a representação que ela comporta... o que nela se resgata é a rerepresentação do mundo que comporta a forma narrativa.” (PESAVENTO, 1995, p.117) Além de Pesavento (1946 - 2009), são referências nessa área os historiadores: Roger Chartier (1945), Nicolau Sevcenko (1952-2014), Sidney Chalhoub (1957), entre outros.

entre a história e a literatura amadiana com o intuito de construir conhecimento histórico na sala de aula sobre Itapagipe e os itapagipanos. Pesquisar sobre esse lugar assume uma posição de importância por se tratar de uma parte da cidade totalmente esquecida nos livros didáticos e invisibilizada pelos currículos oficiais trabalhados nas escolas. Por se tratar de uma região narrada e descrita por várias vezes na obra amadiana, a literatura, nesse caso, é potencializada como recurso pedagógico, para contribuir na construção de uma história local de forma a elaborar saberes históricos e valorizar as memórias. É, portanto, uma estratégia de negação ao currículo colonial ao propor novas possibilidades de ensino que apreciem o estudo sobre lugares e sujeitos negligenciados pela historiografia tradicional.

O ensino de História tem ocupado, ao longo do tempo, um terreno de disputas entre diferentes memórias. O currículo da disciplina evidencia essa disputa. Segundo Joeze Bernadino e Ramon Grosfoguel (2015), existe um confronto de ideias entre um currículo colonial, que perpétua a realidade de dominação, mesmo na ausência de colônias formais, e o currículo decolonial, marcado pelas insurgências, que dá ênfase às identidades, à alteridade e à diversidade. Apesar dos avanços no estudo sobre essas questões, é evidente o quanto o currículo colonial persiste na escola de diversas formas, tanto na seleção dos conteúdos eurocêntricos e a notoriedade dada aos sujeitos homens e brancos, como no fato das metodologias não evidenciarem as lutas, conquistas e individualidades de gente comum. Portanto, o currículo tradicionalmente usado nas escolas de ensino fundamental não confere à disciplina História a real importância que possui na formação de indivíduos mais críticos e atuantes. Não obstante, os PCN's e a BNCC, documentos oficiais, enfatizam a necessidade de mudanças curriculares e metodológicas, ainda prevalecem o currículo e as práticas de ensino coloniais. Destarte, as questões que norteiam essa pesquisa problematizam o ensino de história a fim de construir caminhos possíveis para a elaboração de práticas pedagógicas colaborativas de aprendizagens significativas, capazes de abordar questões sociais de nossa história.

O trabalho pedagógico pautado no currículo eurocêntrico tende ao esvaziamento de significados para os alunos que vivem em regiões periféricas, pois os lugares conhecidos por eles são invisibilizados e as pessoas com as quais convivem são estereotipizadas e/ou ocultadas. Assim como a metodologia tradicional de ensinar a história não alcança os adolescentes da contemporaneidade o que torna

fundamental estabelecer possibilidades para a construção de aprendizagens significativas. Nessa perspectiva foi definido o seguinte problema: **A intersecção entre a obra de Jorge Amado e a História Local pode contribuir para a valorização de diferentes sujeitos e memórias, além de despertar o gosto pela história e leitura por parte dos estudantes?** Dessa forma, o objetivo geral dessa pesquisa consiste em estabelecer um diálogo entre a História e a Literatura nas aulas de História, visando desenvolver uma metodologia que promova a elaboração de saberes históricos na educação básica através da obra amadiana, assim evidenciando lugares e sujeitos invisibilizados pelo currículo tradicional. De forma mais específica, procuro discutir possibilidades de práticas de ensino que contribuam para uma aprendizagem significativa, a partir de textos literários, indico a literatura amadiana como fonte para estudos sobre a Península de Itapagipe, propondo estratégias de ação que almejam levar os discentes a reconhecerem a leitura e o conhecimento histórico como importantes em seu processo formativo e os torne protagonistas no processo de aprender.

Quanto à metodologia é uma pesquisa qualitativa e aplicada, pois procura sistematizar possibilidades de enriquecimento do trabalho docente ao elaborar estratégias pautadas no desenvolvimento de práticas de ensino para a educação básica que busca aproximar os estudantes da tarefa do historiador ao propor intersecções entre a literatura e a história local. A pesquisa foi realizada em três etapas. Inicialmente realizamos uma revisão bibliográfica sobre os temas e conceitos que norteiam o problema de pesquisa como as interfaces da História e da Literatura, História Local, memória e currículo, a segunda etapa foi o estudo sobre a vida e obra do escritor Jorge Amado, buscando mapear seus livros que tratam da cidade de Salvador e mais especificamente que citam a Península de Itapagipe entre as décadas de 1930 e 1950. A terceira etapa foi a preparação e aplicação de uma sequência de aula-oficina, baseada na concepção de Isabel Barca, que objetivou colocar em prática, no dia a dia da sala de aula, um estudo sobre História Local, utilizando a literatura amadiana como fonte histórica.

O primeiro capítulo, intitulado “Encontros da História e da Literatura: a obra amadiana na sala de aula”, pontua algumas mudanças ocorridas na perspectiva historiográfica e no ensino da história ao longo do tempo, aborda as propostas da BNCC para o ensino de história no nono ano do ensino fundamental, também

apresenta uma breve revisão bibliográfica sobre as relações existentes entre a História e a Literatura, a História Local e a obra amadiana a fim de compreender o quanto essas relações podem favorecer a elaboração de saberes históricos, de forma a contribuir para a superação do currículo tradicional, dito colonial, e aproximar os estudantes da história e memórias de lugares e sujeitos ocultos.

“Olhares amadianos sobre a Península de Itapagipe: por mais protagonismo nas aulas de História” constitui o título do segundo capítulo. Está destinado a dissertar sobre quatro obras amadianas, publicadas entre 1935 e 1959, e sua contribuição para o entendimento da Bahia e dos baianos, analisando de forma específica as visões de seus personagens sobre a Península de Itapagipe e abordando temáticas e sugestões didáticas para o trabalho das obras na sala de aula. Os problemas que norteiam esse momento são: Quais espaços da Península são descritos por Jorge Amado? Quais as impressões do autor? Quem são os sujeitos de suas obras? Quais informações sobre a Península de Itapagipe são extraídas dos romances amadianos? É possível reconhecer característica do passado na Península com o presente ao ler as narrativas amadianas? Quais possibilidades de utilizar os romances nas aulas de História? Nesse sentido, as obras *Mar Morto* (1936), *Capitães da Areia* (1937), *Bahia de Todos os Santos: Guia de Ruas e Mistérios* (1945) e *A Morte e Morte de Quincas Berro D'água* (1959) serão evidenciados como fonte histórica e recurso didático para desbravar partes do território baiano.

O PROFHISTÓRIA além de almejar o conhecimento teórico sobre ensinar e aprender história orienta a elaboração de uma solução mediadora da aprendizagem, nesse caso seguindo a proposta de Isabel Barca, foi desenvolvida uma proposta de aula-oficina, que foi aplicada para pesquisa sobre a Península de Itapagipe, mas que pode ser adaptada para outras realidades. Toda a metodologia utilizada para construção dessa proposição didática, os passos, as sequências, as fontes/os documentos e os resultados com os estudantes estão tratados no terceiro capítulo, que tem por título "História, Literatura e Memória na Sala de Aula".

A metodologia de aula-oficina possibilita o trabalho com fontes históricas e com um currículo insurgente, propõe manter os envolvidos motivados e os conduz ao reconhecimento de si como sujeitos históricos. Reunindo os objetivos da pesquisa, a aula-oficina intitulada "Pelas ruas de Itapagipe: histórias contadas por Amado e por nós" foi construída e colocada em prática com a turma do nono ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Presciliano Silva. Buscou levar os estudantes a

conhecerem mais sobre as histórias da Península de Itapagipe à medida que os próprios estudantes construíam problemas de pesquisa, selecionavam e exploravam fontes históricas tornando-os “sujeitos produtores do conhecimento” (COSTA, 2019, p. 134). Ainda no terceiro capítulo, foram expostos os resultados obtidos na pesquisa, indicando, os objetivos que foram ou não alcançados. Foi avaliado, por fim, a pertinência do diálogo da História e da Literatura na elaboração de saberes históricos para estudantes da educação básica e o quanto a obra amadiana nas aulas de história de fato pode contribuir para uma prática educativa decolonial e para a pesquisa escolar sobre História Local. A sequência de aula-oficina utilizada nessa pesquisa foi organizada como um caderno para professores que contém, ainda, as principais problematizações dessa dissertação de forma sintetizada.

A literatura amadiana tem potencial como fonte histórica e recurso problematizador ao favorecer a elaboração de problemas de pesquisa que despertam a curiosidade dos discentes e propicia o protagonismo juvenil na construção de saberes históricos, sobretudo por ampliar a visão sobre história local, fontes e sujeitos. Dessa forma, o diálogo entre a História e a Literatura não será vista apenas como recurso didático atrativo, mas como uma metodologia que aproxima os estudantes do trabalho do historiador e confere ao currículo práticas insurgentes ao visibilizar lugares e indivíduos esquecidos no currículo tradicional.

## **CAPÍTULO 1 - ENCONTROS DA HISTÓRIA E DA LITERATURA: A OBRA AMADIANA NA SALA DE AULA**

Em meio aos diferentes campos temáticos e de abordagem na historiografia contemporânea, aqueles que privilegiam a relação entre História e Literatura têm produzido profícuos estudos. Muitos historiadores têm defendido a utilização de textos literários como fonte histórica capazes de elucidar questões, fornecer informações sobre um determinado contexto, além de propiciar a análise de sociedades e suas mentalidades.

Na educação básica, a literatura, também, já é compreendida como importante no processo de ensinar e aprender história, como Julio Pinto e Maria Inez Turazzi (2012, p.13) salientam “não é de hoje que a literatura atrai os historiadores. E o uso de textos ficcionais no ensino de história também não é novidade. Em quase todos os livros didáticos há propostas de trabalho que se dispõe a trazer textos literários para a aula de história”. Entretanto, foi somente no final da década de 1980 e o início de 1990, que ocorreram significativas mudanças na perspectiva historiográfica no Brasil em relação ao lugar da ficção nos estudos históricos por influência das traduções de historiadores como Carlo Ginzburg<sup>16</sup> e Jacques Le Goff<sup>17</sup> que privilegiaram a inserção de novos sujeitos históricos, a diversidade de fontes e a História Cultural<sup>18</sup>. O diálogo estabelecido por Le Goff entre a história e a literatura medieval<sup>19</sup> incorporou a produção literária como fonte de pesquisa histórica, assim como a produção de Ginzburg conferiu importância a fontes não convencionais para conhecer mais sobre

---

<sup>16</sup> Historiador italiano, um dos principais nomes da micro história, referência no estudo de diferentes contextos e utilização de fontes históricas não convencionais. A sua obra "O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição", publicado em 1976 na Itália, depois em vários países, é um marco na historiografia, influenciando diversas pesquisas. Outras obras são relevantes para a ampliação do conceito de fontes históricas como exemplo, "O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício" (2006) que reflete sobre o ofício do historiador e nas virtudes da História, trata dos encontros e diálogos da historiografia com a literatura, propondo relacionar fontes diversas na busca por informações.

<sup>17</sup> Historiador francês, junto com Pierre Nora entre outros, participou da terceira geração Escola dos Anales, contribuindo para revolucionar o estudo da história, defendendo que essa disciplina deveria ser levada para além da academia, ampliou os horizontes de seu estudo ao focar na "história das mentalidades", das formas de pensar ao modo de agir de cada sociedade, seja individual ou coletiva. Dialogou com outras disciplinas e fomentou a utilização de diferentes fontes históricas. Ver GOFF, Jacques Le. História e memória. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990

<sup>18</sup> Sobre História Cultural tomo por referência: BURK, Peter. O que é história cultural? Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, CHARTIER, Roger. A História Cultural – entre práticas e representações, Lisboa: DIFEL, 1990 e PESAVENTO, Sandra Jatay. História & História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

<sup>19</sup> Ver LE GOFF, Jacques. O Imaginário Medieval. Lisboa: Editorial Estampa, 1994 e LE GOFF, Jacques. Heróis e maravilhas da Idade Média. Rio de Janeiro: Vozes, 2009

os grupos marginalizados na sociedade.

Desde a década de 1920, historiadores dos Anales já buscavam a superação da historiografia positivista marcada pelas narrativas lineares, presença de heróis, limitações de fontes de pesquisa e objetividade. O contexto cientificista tornou a história política como hegemônica, o grande objeto de estudo era o Estado. Essa tendência era conservadora, não havia uma preocupação com mudanças, a história sociocultural era marginalizada e toda produção não-política era excluída. Tal vertente, influenciou a produção de materiais didáticos no Brasil e, conseqüentemente, foi norteadora da construção de uma identidade nacional brasileira voltada para os interesses de Portugal.

Ao longo do século XX, historiadores marxistas e da Escola dos Anales consideraram a historiografia rankeana como tradicional e apresentaram novas perspectivas para a construção do conhecimento histórico.<sup>20</sup> O marxismo ampliou o olhar sobre o sujeito histórico, o concebendo como transformador de sua realidade. O materialismo histórico valorizou as classes desprivilegiadas e evocou conceitos de “revolução” e de “luta de classes”. Os Annales expandiram o campo de estudo da história, destacou o valor da sociedade da cultura e da mentalidade, além de valorizar novas fontes, criou métodos para explorá-las. Despertou, ainda, a necessidade de diálogo com outras ciências. Ao longo do século XX, gerações de historiadores ligados a essa escola contribuíram para uma renovação historiográfica e influenciou novas pesquisas no mundo inteiro, inclusive nas universidades do Brasil, abrindo possibilidades para temáticas que contemplavam aspectos mais sociais e culturais.

Historiadores brasileiros passaram a analisar grupos menos favorecidos e a explorar diferentes fontes históricas. Antigos heróis tiveram suas histórias revisitadas e os “marginalizados” tornaram-se objetos de estudo, a micro-história alcançou um lugar de importância nas universidades. Carlo Ginzburg e Giovanni Levi<sup>21</sup> são nomes fundamentais na introdução de novos sujeitos para a pesquisa histórica. Assim como são Sidney Chalhoub e Nicolau Sevcenko<sup>22</sup> no que se refere as possibilidades de abordagens de temas, locais e fontes de pesquisa, em especial por estabelecerem diálogos entre a história e a ficção evidenciando o quanto essa associação tem o

---

<sup>20</sup> Sobre as mudanças nas perspectivas historiográficas e suas influências no Brasil ver: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (org.). Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

<sup>21</sup> Referenciados como fundadores da micro-história italiana, dirigiram a coleção *Microstorie*.

<sup>22</sup>. Referências no Brasil no diálogo entre a história e a literatura.

potencial de produzir conhecimento histórico. Sidney Challoub analisa a produção de Machado de Assis, a partir do contexto social e histórico buscando pensar as mudanças ocorridas no período pelo olhar do romancista. Ele percebe em Machado de Assis um “intérprete incansável do discurso político possível aos dominados” (CHALLOUB, 2003) e, na sua obra, aborda uma série de reflexões sobre sujeitos que não aparecem em outras fontes. Sendo participante ativo de vários acontecimentos políticos, Machado nunca ocultou em seus textos suas visões acerca dos embates que se passavam no Brasil, sendo evidenciado por Challoub como um historiador que põe os escravizados, os desprivilegiados, os pobres como atores históricos responsáveis por mudanças significativas na sociedade.

Machado de Assis também é citado por Nicolau Servcenko em “Literatura como Missão” (2003), obra questionada por vezes que não validaram o texto literário como documento histórico, porém tornou o historiador uma referência para quem tem interesse na interdisciplinaridade. A pesquisa de Servcenko analisou a transição do Império para a República usando como base Lima Barreto e Euclides da Cunha, autores com posições diferentes, mas carregados de insatisfações com o cenário político brasileiro. Sobre a importância da Literatura como fonte histórica, o autor defende que:

A criação literária revela todo o seu potencial como documento, não apenas pela análise das referências esporádicas a episódios históricos ou do estudo profundo dos seus processos de construção formal, mas como uma instância complexa, repleta das mais variadas significações e que incorpora a história em todos os seus aspectos, específicos ou gerais, formais ou temáticos, reprodutivos ou criativos, de consumo ou de produção. (SERVCENKO, 2003)

Para Nicolau Sevcenko, a aproximação entre a Literatura e a História passa por uma confrontação que não apenas colabora para compreensões múltiplas, mas coloca saberes em averiguações e debates, em suas palavras: “nem reflexo, nem determinação, nem autonomia: estabelece-se entre os dois campos uma relação tensa de intercâmbio, mas também de confrontação.” (SEVCENKO, 2003, p. 299).

Significativa contribuição para o enriquecimento do debate foi dada também por Durval Muniz de Albuquerque Jr., autor que não apenas recorre à literatura para entender aspectos históricos, como utiliza uma linguagem literária em seus textos e, por isso, é conhecido como um “encantador de palavras”. Em sua perspectiva, o texto histórico não deve possuir um caráter imparcial ao ponto de não sensibilizar o leitor. A realidade contada pelo historiador pode sensibilizar, assim como a ficção. Nesse

sentido, seu intuito não é “separar a história da literatura”, reforçando a ideia de limites e fronteiras, mas, sobretudo, “articulá-las, pensar uma com a outra”. (ALBUQUERQUE, 2007, p.44).

No início dos anos 2000, a relação entre a história e a literatura já era uma discussão sempre presente nos encontros de historiadores e um campo de pesquisa em expansão nas universidades. No entanto, tais discussões não ocorriam sem conflitos. Fazia parte do debate, e ainda faz, estabelecer os limites entre uma e outra. Segundo Albuquerque chega a existir uma obsessão por proteger a história da invasão literária. Fato criticado pelo historiador, à medida que defende a literatura não apenas como fonte, mas como importante para “pensar a história, para teorizá-la, como tem sido a filosofia ou as ciências sociais” (2005, p 2).

Assim como Albuquerque, Sandra Pesavento trabalhou com essa interdisciplinaridade como forma de alcançar entendimentos sobre mentalidades, culturas e sentimentos. Para Pesavento (2003), a História e a Literatura são “formas de explicar o presente, inventar o passado, imaginar o futuro”, pois “[...] ambas são capazes de representar inquietações e questões que mobilizam os homens em cada época de sua história e, nesta medida, possuem um público destinatário e leitor.” (p.80-81) A historiadora enfatiza, ainda, a literatura como uma “porta de entrada às sensibilidades de um outro tempo”, fonte para o desconhecido. São as obras ficcionais que fornecem “os indícios para pensar como e por que as pessoas agiam desta e daquela forma” (PESAVENTO, 2004, p. 83).

A leitura de historiadores, como os já citados, que utilizam a literatura como fonte de pesquisa, deixa evidente o potencial da aproximação entre a ficção e a história. Diante do reconhecimento da literatura pela historiografia como fonte inesgotável de informações e possibilidades interpretativas não abordadas por fontes documentais tradicionais, assim como o espaço já conquistado por essa interdisciplinaridade na educação básica tanto em livros didáticos e paradidáticos, é fundamental criar metodologias para o ensino de história que supere o modelo de ensino tradicional. Percebe-se que, por fatores variados, a prática de ensino ainda privilegia uma epistemologia colonial, eurocêntrica, com grande espaço para as questões de cunho político e econômico, relegando os aspectos sociais e culturais para o segundo plano, além de geralmente privilegiar os documentos oficiais quando o assunto são as fontes históricas.

Assim, repensar o ensino da disciplina é uma necessidade que já tem

seu objeto de estudo desde as últimas décadas do século XX. No Brasil, Elza Nadai (USP), Circe Bittencourt (USP/PUC), Maria Auxiliadora Schimidt (UFPR), estão entre os nomes que têm contribuído para o estudo da história enquanto disciplina escolar com o objetivo de encontrar possibilidades que garantam a superação do modo de ensinar positivista e anacrônico. Dentre os estudos já realizados, a aproximação dos estudantes do Ensino Fundamental e Médio da pesquisa histórica é entendida como uma metodologia assertiva para a construção de aprendizagens significativas, e o diálogo entre a literatura e a história faz parte desse processo.

### 1.1 SOBRE O QUE E COMO ENSINAR HISTÓRIA NA PERSPECTIVA OFICIAL

A História foi concebida como disciplina no Brasil no século XIX com uma forte influência Positivista, relacionada aos movimentos de laicização da sociedade e no discurso de valorização da nação. Para Elza Nadai,

a História da Europa Ocidental, apresentada como a verdadeira história da Civilização. A História pátria surgia como seu apêndice, sem um corpo autônomo e ocupando papel extremamente secundário. Relegada aos anos finais dos ginásios, com número ínfimo de aulas, sem uma estrutura própria, consistia em um repositório de biografias de homens ilustres, de datas e de batalhas. (NADAI, 1993, p.146).

Durante grande parte do século XX, a Europa continuou sendo o centro dos estudos da História por ser entendida como o “caminho para civilização”, com grande ênfase na construção da cidadania e na valorização do Estado resultando na “construção de algumas abstrações, cujo objetivo tem sido realçar, mais uma vez, um país irreal, mascarando as desigualdades sociais, a dominação oligárquica e a ausência da democracia social.” (NADAI, 1993, p.150)

As mudanças de perspectivas influenciadas pela Escola dos Annales influenciaram importantes discussões sobre o ensino de História principalmente por criticar a seleção de conteúdos políticos com periodização europeia, entretanto na prática pouca coisa mudou. A memorização permaneceu predominante e o estabelecimento do Regime Militar corroborou para a formação de cidadãos obedientes a ordem.

Com a redemocratização e a problematização de questões sociais houve a intensificação das discussões acerca do ensinar e aprender na busca por novas possibilidades para a construção do conhecimento histórico de forma que propicie ao

aluno ser sujeito de seu próprio conhecimento e que assegure a valorização do conteúdo como produto do saber e de visões críticas e diversas sobre o mundo. A Constituição Cidadã de 1988, a Lei de Diretrizes e Base da Educação (1996), os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) e mais recentemente a Base Nacional Comum Curricular (2018) são documentos oficiais relacionados as discussões teóricas e metodológicas sobre educação de uma forma geral, mas também específico ao estabelecer leis e parâmetros norteadores do ensino de História.

Com o estabelecimento da BNCC, o Brasil passou a ter aprendizagens previstas para toda a Educação Básica. Como documento de caráter normativo definiu os objetos de ensino, as competências e as habilidades que deveriam ser alcançadas pelos estudantes por cada ano do Ensino Fundamental e Médio em todo o país. Sem nenhuma intenção de avaliar criticamente a BNCC, será apresentado os procedimentos em que devem ser pautados o ensino de história no nono ano do fundamental, série que foi alvo dessa pesquisa, e enfatizado como a literatura amadiana pode contribuir para alcançar os objetivos propostos pela Base.

Foi normatizado como primeiro procedimento que se deve abordar no nono ano:

[...] a história republicana do Brasil até os tempos atuais, incluindo as mudanças ocorridas após a Constituição de 1988, e o protagonismo de diferentes grupos e sujeitos históricos. O estudo dos conflitos mundiais e nacionais, da Primeira e da Segunda Guerra, do nazismo, do fascismo, da guerra da Palestina, do colonialismo e da Revolução Russa, entre outros, permite uma compreensão circunstanciada das razões que presidiram a criação da ONU e explicam a importância do debate sobre Direitos Humanos, com a ênfase nas diversidades identitárias, especialmente na atualidade. Do ponto de vista mais geral, a abordagem se vincula aos processos europeus, africanos, asiáticos e latino-americanos dos séculos XX e XXI, reconhecendo-se especificidades e aproximações entre diversos eventos, incluindo a história recente. (BNCC, 2018, p. 401)

Em relação ao já estabelecido pelo currículo escolar não houve significativas mudanças no que se refere aos objetos de conhecimento que devem ser estudados no ano, inclusive os livros didáticos mais adotados já seguiam essa ordem cronológica. A proposta da BNCC é pensar sobre os eventos históricos consolidados na cultura historiográfica contemporânea, o que não nega a necessidade de valorizar o tempo vivido pelo estudante e seu protagonismo.

Tendo em vista os conteúdos citados em relação à história do Brasil, a obra amadiana por ser contextualizada no século XX pode ser utilizada como recurso didático e fonte histórica para o nono ano. A história republicana passa pela formação e funcionamento de oligarquias que são abordadas em suas obras como *Suor* (1933)

e *Cacau* (1934). Romances como *Jubiabá* (1935) e *Capitães da Areia* (1937) abordam a exclusão social, o descaso político e conferem protagonismo a diferentes sujeitos. No estudo sobre o totalitarismo é fundamental discutir a censura sofrida por artistas e escritores, como exemplo pode ser citada a perseguição sofrida por Jorge Amado que o levou ao exílio, à prisão e várias de suas obras foram incineradas em praça pública<sup>23</sup>. Os romances citados e ainda outros podem ser usados como base para discutir a luta trabalhista no Brasil e sua relação com o comunismo. Outro tema recorrente é a cultura afro-brasileira o que possibilita discussões sobre diversidade identitária e os Direitos Humanos. No decorrer de todo o século XX, mesmo quando a obra amadiana deixou de enfatizar as questões políticas, suas narrativas contribuem para compreensões de aspectos vinculados à micro história. Além de ser estabelecido os objetos que devem ser estudados nos anos de educação básica, a BNCC propõe como segundo procedimento a escolha de fontes e documentos.

O exercício de transformar um objeto em documento é prerrogativa do sujeito que o observa e o interroga para desvendar a sociedade que o produziu. O documento, para o historiador, é o campo da produção do conhecimento histórico; portanto, é esta a atividade mais importante a ser desenvolvida com os alunos. Os documentos são portadores de sentido, capazes de sugerir mediações entre o que é visível (pedra, por exemplo) e o que é invisível (amuleto, por exemplo), permitindo ao sujeito formular problemas e colocar em questão a sociedade que os produziu. Esse exercício permite que os estudantes desenvolvam a capacidade de identificar, interpretar, analisar, criticar e compreender as formas de registro. (p. 418)

O terceiro procedimento indicado pela BNCC diz respeito a utilizar diferentes proposições na análise de um tema ou problema. Ou seja, é enfatizada a importância de problematizações valorizando a formulação de perguntas para que os estudantes compreendam que aprender história está relacionado à sua produção. A Literatura utilizada na aula de História tanto é uma alternativa para o trabalho com fontes históricas como tem o potencial de favorecer atividades problematizadoras, elementos que serão tratados no segundo capítulo. Analisar uma obra ficcional leva a questionamentos como: o que a obra revela sobre seu tempo? O que transmite ao leitor? Com quais intenções? Quais informações sobre determinado evento ou lugar já são conhecidas? Quais não são? Essas informações são ficção ou realidade? Quais fontes podem ser usadas, além da Literatura, para se

---

<sup>23</sup> Durante o Estado Novo, obras consideradas pertencentes ao "credo vermelho" foram recolhidas de livrarias e queimadas em praça pública. Quase a metade das obras queimadas foram de exemplares de "Capitães da Areia". Ver: Cronologia. In: AMADO, Jorge. *Capitães de Areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 272.

conhecer mais sobre aquelas ideias, pessoas ou acontecimentos? Como destaca Pesavento (2003), o texto literário é “um lócus privilegiado para a leitura da sociedade em foco, além de abrir uma porta para a dimensão cultural, para questionarmos e refletirmos acerca das questões sociais, tornando - se uma fonte documental privilegiada para pensar a História.” (p. 81).

## 1.2 ENSINO DE HISTÓRIA: A LITERATURA E A POSSIBILIDADE DE INSURGÊNCIA CURRICULAR

Nas palavras de Eric Hobsbawm (1995), a atual geração cresce “numa espécie de presente contínuo”, pois entendem o passado como algo muito distante da realidade e, portanto, desinteressante. Diante de tal contexto, cabe ao professor tornar esse passado significativo, propor diálogos que evidenciem elementos necessários para a construção do saber histórico, levando os estudantes a entender a importância desse saber em sua vida. A experiência escolar precisa evidenciar a função da disciplina História, para tanto, é necessário desconstruir a ideia da mesma como “a ciência do passado” e tornar seu estudo significativo no presente.

A concepção dos adolescentes de que o estudo de História é desnecessário está relacionada ao verem a disciplina como esboço de fatos que não se relacionam com sua realidade. Levá-los a compreender que História é, como defendeu Marc Bloch<sup>24</sup> “a ciência dos homens no tempo” só terá relevância com o abandono das abordagens que privilegiam o currículo com grande destaque para personalidades políticas e lugares distantes. Leituras e narrativas que não estão relacionados ao cotidiano dos educandos tendem a ser desinteressantes para o público juvenil contribuindo para o esvaziamento de significados do saber histórico. Esse currículo tem sido nomeado como currículo colonial por reproduzir na educação valores excludentes e desiguais. Segundo Joeze Bernadino e Ramon Grosfoguel (2015), existe um confronto de ideias entre uma proposta curricular colonial, que perpetua a realidade de dominação, mesmo na ausência de colônias formais, e o currículo decolonial, marcado pelas insurgências que dá ênfase às identidades, à alteridade e à diversidade. A aproximação da história e da literatura é importante para a negação do currículo colonial ao abrir possibilidades variadas no desenvolvimento de práticas educacionais insurgentes ao fomentar conhecimentos da História Social, da Cultural

---

<sup>24</sup> BLOCH, Marc. Apologia da história ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2001

e das Mentalidades<sup>25</sup>.

Dar sentido ao estudo da história, contribuindo para a formação de sujeitos críticos e leitores, bem como somar na quebra da estrutura de dominação tradicional é um objetivo para os professores da disciplina. A sala de aula é lugar de inúmeros desafios. Formada por indivíduos que, por vezes, não possuem o interesse pela leitura, estão imersos em uma realidade virtual e são acostumados com respostas prontas. Despertar o interesse dessa geração torna ainda mais significativa a escolha da metodologia adotada no processo de ensinar. Para Marcella Guimarães (2012) a interdisciplinaridade favorece não só o conhecimento histórico como desenvolve o gosto pela leitura:

Experiências didáticas têm demonstrado como obras clássicas e contemporâneas da Literatura Brasileira e internacional possibilitam o desenvolvimento do gosto pela história, leitura, criatividade e criticidade, contribuindo para ampliação do universo cultural e para a compreensão do mundo. Trata-se de uma opção metodológica que pode ser assumida no interior do projeto pedagógico da escola, como forma de integrar professores, projetos, interpenetrar conteúdos e métodos e transpor as rígidas fronteiras das disciplinas escolares. [...] os textos literários nas aulas de história não podem, assim, ser incorporados como meros complementos ou ilustração, mas como fonte a ser problematizada por professores e alunos de forma interdisciplinar, propiciando ao aluno o acesso outras faces das linguagens e o desenvolvimento de atitudes críticas e criativas. (GUIMARÃES, 2012, p.317)

Os estudos realizados nas últimas décadas sobre o ensinar e o aprender história contribuem de forma enriquecedora para tornar a prática pedagógica eficiente no alcance dos objetivos propostos pela disciplina. O PROFHISTÓRIA assumiu, nesse contexto, um papel fundamental por aproximar a academia do espaço escolar. Por muito tempo havia uma distância entre aquilo que se produzia na universidade e o que se ensinava nas escolas. A proposta do mestrado profissional supera essa discrepância ao ter como estudantes os professores da educação básica que pesquisam e refletem sobre sua prática de ensino e contribuem, portanto, com seus pares através dos resultados de suas pesquisas que não mais estão apenas nas universidades. Contudo, apesar de reconhecer os avanços do currículo escolar, dos livros didáticos e da própria formação docente, ainda é imprescindível buscar metodologias que favoreçam a construção de aprendizagens expressivas e de

---

<sup>25</sup> A História Social, Cultural e das Mentalidades tem como precursores os historiadores da Escola dos Annales. Suas contribuições para a reformulação da História, enquanto, disciplina são fundamentais. O estudo dos textos acadêmicos de historiadores desses campos de pesquisa na educação básica por si só já abre a sala de aula para uma reconfiguração do currículo e para a motivação dos estudantes.

práticas educativas que faça resistência ao, ainda vigente, currículo colonial. Para Fonseca e Silva (2010),

Pensar nos lugares, nos papéis, na importância formativa da História no currículo da Educação básica requer concebê-la como conhecimento e prática social, em permanente (re) construção, um campo de lutas, um processo de inacabamento. Um currículo de História é, sempre, produto de escolhas, visões, interpretações, concepções de alguém ou de algum grupo que, em determinados espaços e tempos, detém o poder de dizer e fazer. Os currículos de História – sejam aqueles produtos das políticas públicas ou da indústria editorial, sejam os currículos construídos pelos professores na experiência cotidiana da sala de aula – expressam visões e escolhas, revelam tensões, conflitos, acordos, consensos, aproximações e distanciamentos. (FONSECA e SILVA, 2010, pp. 15-16)

Ampliar os objetos da história, explorar diferentes fontes, estudar sobre sujeitos diversos, são possibilidades de ressignificação do ensinar e do aprender história. Contribui, para tanto, a utilização de textos literários como recurso para construir conhecimento histórico, pois a ficção abre possibilidades de leituras de mundo e de protagonismo de diferentes sujeitos. Logo, no âmbito da nova história cultura, os diálogos entre a literatura e a história colaboram com a construção de práticas de insurgências ao contribuir para uma “história vista de baixo”. As pessoas comuns estão no centro das narrativas, indivíduos que no passado foram negadas sua historicidade, e, portanto, não existem nos livros didáticos, contudo são sujeitos da história.

Repensar o ensino de História envolve discutir o currículo, a abordagem, as fontes históricas, pois só assim é possível superar o distanciamento entre a realidade vivida e a realidade estudada. Os questionamentos levantados por Albuquerque e Kulisnzle (2006) enfatizam a importância das problematizações em torno do currículo escolar:

Quando pensamos o currículo tomamos a ideia de caminho: que caminho vamos percorrer ao longo deste tempo escolar? Que seleções vamos fazer? Que seleções temos feito? E mais: em que medida nós, professoras/es e pedagogas/os interferimos nesta seleção? Qual é o conhecimento com que a escola deve trabalhar? Quando escolhemos um livro didático, ele traz desenhado o currículo oficial: o saber legitimado, o saber reconhecido que deve ser passado às novas gerações. Porque isso é que o currículo faz: uma seleção dentro da cultura daquilo que se considera relevante que as novas gerações aprendam. (ALBURQUEQUE/KUNZLE, 2006, p. 102)

O currículo de história funcionou ao longo do tempo como um instrumento de dominação ideológica. O Estado, os homens brancos, os eventos europeus, a cultura

cristã ocuparam e ainda ocupam o centro do currículo escolar perpetuando preconceitos e desigualdades na sociedade. Por vezes, é estudado nas escolas de forma abrangente os povos distantes, principalmente da Europa, sem notar a imensidão de elementos surpreendentes e fascinantes que fazem parte do cotidiano. A falta de significados que os estudantes atribuem ao ensino de história é resultando dessa distância. Como destaca Aryana Costa (2019): “Por raramente vermos “gente como a gente” como objetos das histórias que estudamos, também não aprendemos a nos vermos como objetos de história no próprio presente. Muito menos, então, como sujeitos”. (p.132).

O diálogo entre a Literatura e a História também favorece a visibilidade a lugares não abordados pelo currículo eurocêntrico tornando-se um caminho facilitador para o estudo da história do local. Geralmente, os lugares em que os discentes estão inseridos pouco aparecem na dinâmica escolar, ainda que já seja consenso o quando a História Local é necessário para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do estudante propiciando a compreensão de aspectos do cotidiano, levando a análise dos espaços que habita, além de oportunizar para professores e estudantes a produção de conhecimento através da pesquisa. Estudar sobre a comunidade que vive pode privilegiar “o estudo do mais próximo e mais simples deslocando-se depois para o mais distante e mais complexo” (SCHIMIDT, 2007, p.188).

### 1.3 A LITERATURA AMADIANA COMO RECURSO DIDÁTICO E FONTE DE MEMÓRIA LOCAL

São múltiplos os diálogos que podem ser estabelecidos entre a ficção e a história local nas aulas de História. Muitas obras literárias são utilizadas como recurso didático para o estudo sobre lugares e grupos específicos. A obra, *Os Sertões*<sup>26</sup> de Euclides da Cunha, por exemplo, é vista como uma fonte riquíssima sobre Canudos e seus habitantes. Os romances urbanos de José de Alencar enriquecem as compreensões sobre a sociedade carioca do final do século XIX, contos de Machado de Assis são referência para pensar a escravidão e, quando o assunto é a Bahia, as obras de Jorge Amado são capazes de contar histórias do litoral ao interior do estado,

---

<sup>26</sup> Ver NETTO, Denise G. A Literatura como fonte para o Ensino de História: "Os Sertões" de Euclides da Cunha e a Guerra de Canudos na Primeira República. Curitiba, 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1396-6.pdf>. Acesso em: 27 set. 2022.

pois fazia parte de seu objetivo de vida narrar à Bahia e seu povo<sup>27</sup>. No livro “História & Literatura: conexões, abordagens e perspectivas” (2020), os autores afirmam que os romances são instrumentos para conhecimento do tempo histórico e da sociedade que ele retrata.

Para os estudiosos da Bahia, entre os séculos XIX e XX, como não fazer uso de Jorge Amado e seu cenário para explicar e entender a pujança e riqueza da região cacaueteira no sul do Estado, das contradições de Salvador e sua riqueza cultural, ao mesmo tempo em que sua política e mentalidade é contextualizada? (SÁ, SANTIAGO E SAMPAIO, 2020, P. 13)

Membro da Academia Brasileira de Letras, Amado tem uma rica produção conhecida pelo mundo, lida por gerações e estudada por intelectuais de diversas áreas, todavia os estudantes da educação básica do século XXI pouco conhecem da ficção do escritor baiano, sobretudo no que se refere à possibilidade de interpretá-la como documento histórico. Desde a primeira metade do século XX, a Escola dos Annales defendeu a importância de ampliar a noção de fonte histórica, assim como estabelecer diálogos com outras disciplinas. Segundo Marc Bloch (2001):

os historiadores tradicionais pensam na história como essencialmente uma narrativa dos acontecimentos, enquanto a Nova História está mais preocupada com a análise das estruturas. A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, tudo o que toca pode e deve informar sobre ele. (p. 71)

No entanto, a história narrativa, com ênfase na política, continuou sendo privilegiada nas salas de aula do Brasil até a década de 1990, demonstrando ainda uma distância brusca entre o conhecimento histórico acadêmico e o escolar. Na academia, o conceito de documento histórico defendido pelos historiadores dos Annales ampliou as possibilidades de conhecimento sobre o passado. Ir além de documentos civis, analisando diferentes vestígios deixados por sujeitos ou comunidades permitiram ao historiador compreender modos de pensar de uma época, de grupos de indivíduos, formas e razões de agir, empreender e se organizar. A utilização de fontes históricas variadas permitiu ainda, reconhecer as diversas formas de representações culturais de cada lugar em tempos históricos distintos. Toda essa

---

<sup>27</sup> José de Alencar, Euclides da Cunha, Graciliano Ramos e Jorge Amado são escritores brasileiros com características diferentes no que se refere à Literatura, entretanto estão a serviço do saber histórico ao retratar o Brasil e as questões sociais presentes no país. Ver BORGES, Valdeci Rezende. José De Alencar E As Américas: Nos Circuitos Das Ideias Refletindo Sobre a Literatura Na América. Locus: Revista De História, v. 17, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/articloe/view/20342>. Acesso em: 18 out. 2022.

reelaboração do conhecimento sobre o passado chegou lentamente nas salas de aulas, sendo ainda necessárias as discussões sobre o que e como se ensinar a disciplina.

Para o professor de História cabe a elaboração de estratégias de ensino que garanta aos estudantes um contato com as fontes históricas, diante da superação da concepção de que a História ensinada na escola é apenas uma compilação daquela produzida na academia. De acordo com os PCN,

[...] o trabalho com documentos históricos é um recurso didático que favorece o acesso dos alunos a inúmeras informações, interrogações, confrontações e construção de relações históricas. Contudo, cabe ao professor saber dispor desse recurso no momento apropriado, ganhar experiência em conduzir os questionamentos, em solicitar contraposições, em destacar as contradições entre os dados internos às fontes ou obtidos em fontes diferentes. O mais importante, vale lembrar, é sempre avaliar as situações significativas de sala de aula, em que os estudantes se envolveram, compararam seus conhecimentos prévios com as novas informações, conseguiram interpretar e abstrair questões pertinentes ao saber histórico (BRASIL, 1998, p. 89).

Ao reconhecer a sala de aula como um lugar de pesquisa e a análise de diferentes fontes históricas como recurso didático, os textos literários ocupam um lugar de importância na busca por saberes sobre o passado, assim como o cinema, a música, a fotografia, os diários, a arte. Sendo necessário analisá-los, questioná-los, confrontar com outras informações. Fato que não os diferencia de outras fontes.

Mesmo que hoje a distância entre a história produzida na academia e a ensinada na escola seja menor do que era no século passado, ainda são raros os professores ou livros didáticos que utilizam a literatura de Jorge Amado como fonte de conhecimento ou como recurso para a construção de saberes históricos, sobretudo porque o espaço dedicado à história local no currículo escolar é limitado. Conhecer a obra amadiana é uma possibilidade de ampliar a visão sobre as cidades da Bahia, a diversidade e a cultura baiana, além de debater temas como desigualdade social, preconceito e intolerância religiosa. As narrativas de Jorge Amado abordam importantes contextos para o conhecimento da história baiana que são negligenciados no currículo escolar tradicional.

### 1.3.1 Um Contador de Histórias

A biografia de Jorge Amado sugere alguns motivos incitadores em relação à sensibilidade e à perspectiva de seus olhares sobre a Cidade da Bahia, como era conhecida Salvador por muitos até meados do século XX. Oriundo da região grapiúna,

onde seu pai fizera relativa fortuna com roças de cacau, commodity por demais lucrativa durante vários anos do século passado, ingressou, aos dez anos de idade (1923), no Colégio Antônio Vieira, fundado e administrado pelos jesuítas na Ladeira de São Bento (1911). Trazia na bagagem infantil incontáveis quilômetros de andanças pelo sul do estado em virtude de ser o filho mais velho do Coronel João Amado com Dona Eulália, exímia contadora de histórias. Sua condição de primogênito o obrigava a acompanhar o pai nas negociações, o que oportunizava a escuta sobre tocaias, enfrentamentos de pestes e demais aventuras fundadoras da cidade de Itabuna, bem como de vilarejos da região, além de colocá-lo em contato com narrativas sobre fatos similares responsáveis pelo crescimento econômico e demográfico de São Jorge dos Ilhéus no princípio dos 1900. Muitas vezes, quando essas rodagens tinham a companhia dos jagunços de confiança, Jorge Amado, no caminho de ida ou no de volta, precisava aguardar os adultos no salão do Bataclan, prostíbulo mais famoso da localidade. Nessas ocasiões, era entretido pelas funcionárias da casa com brincadeiras de criança. Conforme a biógrafa Joselia Aguiar<sup>28</sup>, dentre os tios, Álvaro Amado se destacava por ser “um coronel dado às malandragens, com quem Jorge viveu as histórias mais empolgantes” (2018, p. 19), inclusive a venda de uma água milagrosa de Itaporanga, trazida pelo irmão do coronel João Amado do interior de Sergipe, onde ainda residiam alguns de seus familiares paternos.

Como se não bastasse toda essa formação empírica, no próprio colégio, deu a sorte de encontrar o padre Luiz Gonzaga Cabral<sup>29</sup>, que o introduziu nos estudos da Literatura, assim como na escrita criativa, apresentando-o, dentre outros autores, Charles Dickens<sup>30</sup> e Almeida Garret<sup>31</sup>. Mais tarde, o hábito de leitura o conduziu a escritores proibidos no internato, como Eça de Queiroz<sup>32</sup> e Guerra Junqueiro<sup>33</sup>. Aos

---

<sup>28</sup> Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), mestre e doutora em História pela Universidade de São Paulo (USP) e autora Jorge Amado: uma biografia foi o livro premiado com o Jabuti 2019 no eixo ensaio – biografia, documentário e reportagem.

<sup>29</sup> Jesuíta que foi perseguido na Primeira República Portuguesa por pertencer à ordem religiosa. Com a queda do regime monárquico, padre exilou-se por um período na Bélgica e, em 1917, chegou ao Brasil, onde exerceu o cargo de reitor do Colégio Antônio Vieira entre 1930 e 1933, escrevendo obras sobre educação e oratória durante sua estadia em solo brasileiro.

<sup>30</sup> Popular romancista inglês na Era Vitoriana que introduziu a crítica social em obras ficcionais na Inglaterra.

<sup>31</sup> Ícone do romantismo português produziu textos dramáticos, textos em versos e textos em prosa, legando obra considerável para a literatura internacional.

<sup>32</sup> Eça de Queiroz é considerado pelos críticos o maior prosador de língua portuguesa de seu tempo. Autor de O Crime do Padre Amaro e O Primo Basílio teceu pesadas críticas aos poderes e aos valores religiosos, participando de uma revolução estética na produção literária.

<sup>33</sup> Abílio Manuel Guerra Junqueiro, formado em Direito pela Universidade de Coimbra em 1873. Reconhecido como poeta da República Portuguesa, alcançou fama de anticlerical e igualou-se em

doze anos, depois de uma fuga mirabolante do colégio para conhecer os parentes sergipanos (1926), Jorge Amado convenceu os pais a transferi-lo para o Ginásio do Ipiranga, abrigado no Solar do Sodr<sup>34</sup>. Deixou a condição de interno apenas aos quinze anos, quando passou a migrar de endereço em endereço no centro de Salvador e a trabalhar em jornais da capital. Como repórter iniciante do Diário da Bahia (1927-29), envolveu-se com vários casos nos quais os terreiros de candomblé foram invadidos pela polícia e seus fiéis espancados. Sob tutela intelectual de Pinheiro Viegas, também funcionário da imprensa soteropolitana e antigo integrante do grupo literário de Lima Barreto<sup>35</sup> no Rio de Janeiro, sua precoce boemia, assim como sua produção imaginativa, ingressou na “Academia dos Rebeldes”<sup>36</sup> (1928- 33).

Como resultado do arrebatamento de um primeiro amor não boêmio, que o fazia anunciar o propósito de largar os estudos para se dedicar ao jornalismo profissionalmente, Jorge Amado foi convocado pelo pai a comparecer em Ilhéus e, de lá, embarcou direto para o Rio de Janeiro em uma espécie de exílio (1930), onde se envolveu em rodas literárias que o conduziram a novas influências.

Os contatos com diversos escritores como Oswald de Andrade,<sup>37</sup> Raul Bopp,<sup>38</sup> Graciliano Ramos<sup>39</sup> e de Rachel de Queiroz<sup>40</sup> contribuíram para a construção de seu pensamento político na época e, por conseguinte, determinou caminhos de sua produção literária. Inserido em tal cenário ideológico e movido pelo forte senso de justiça social, oriundo de um tempo em que a fartura financeira dos coronéis

---

aplausos e desafetos com Eça de Queiroz e Antero de Quental, também intelectuais e escritores da Geração de 1870, teve sua leitura proibida no Colégio Antônio Vieira, instituição dos jesuítas frequentada por Jorge Amado no outro lado do Oceano Atlântico no princípio da segunda década dos 1900

<sup>34</sup> Casarão localizado no bairro Dois de Julho, em Salvador-Bahia, para onde se mudou Antônio José Alves, pai do poeta Castro Alves em 1862, onde Castro Alves havia morrido com tuberculose (1871). Foi tombado pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 12 de julho de 1938.

<sup>35</sup> Lima Barreto (1881-1922), romancista e jornalista brasileiro, foi um importante escritor do Pré-Modernismo. Sofreu diversos atos discriminatórios por ser negro.

<sup>36</sup> Grupo opositor aos academicismos reinantes nas letras baianas, no qual se encontravam muitos colaboradores da revista Samba (1928-29) periódico precursor da Academia dos Rebeldes na Bahia.

<sup>37</sup> Ensaísta e poeta fundamental para o modernismo brasileiro, movimento artístico-literário responsável por uma revolução nas artes nacionais, sobretudo pela centralidade do Manifesto Pau-Brasil (1924) e do Manifesto Antropófago (1928), ambos de sua autoria, além de ser um dos principais organizadores da Semana de Arte Moderna de São Paulo (1922).

<sup>38</sup> Raul Bopp escritor brasileiro, participante do Modernismo contribuiu com seus poemas para a afirmação da matriz afro-brasileira.

<sup>39</sup> Graciliano Ramos (1892-1953) foi um escritor modernista brasileiro. Seu mais famoso romance "Vidas Secas" trata dos problemas sociais do Nordeste.

<sup>40</sup> Raquel de Queiroz (1910-2003) foi a primeira mulher que ingressou na Academia Brasileira de Letras. Segundo Joselia Aguiar (2019, p. 61), a escritora foi uma incentivadora para Jorge Amado em sua filiação ao PCB.

do cacau não estava de todo apartada da vida severa e regrada dos jagunços e das empregadas domésticas, fazendo com que estas pessoas estivessem sempre às vistas do filho de Dona Eulália, senso também proveniente do cotidiano de escassez na capital baiana durante o tempo de jornalismo voluntário, além das questões humanitárias legadas pelo convívio com o padre Luiz Gonzaga Cabral e pelos versos de Antônio Frederico de Castro Alves<sup>41</sup>, o escritor abraçou o comunismo como projeto estético, escrevendo obras consideradas panfletárias entre as décadas de 1930 e 1950: *Cacau* (1933); *Suor* (1934); *Jubiabá* (1935); *O Cavaleiro da Esperança: Vida de Luís Carlos Prestes* (1942); *Terras do Sem-Fim* (1943); *São Jorge dos Ilhéus* (1944); *Capitães da Areia* (1945); *Seara Vermelha* (1946); *O amor do Soldado* (1947); *O Mundo da Paz* (1951) e *Os Subterrâneos da Liberdade* (1954). Na política institucionalizada, Jorge Amado deu seu primeiro passo em 1932, quando ingressou na “Juventude Comunista e, empenhado, em dois anos seria eleito membro de comitê dirigente”. (AGUIAR, 2018, p.61) Sua atuação como deputado federal pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB) inclui uma emenda para a supressão da censura na publicação de livros e de periódicos em território nacional e uma emenda garantidora da liberdade de consciência e de crença, logo do livre exercício do culto religioso no Brasil.

Seu mandato se iniciou em 1946, quando eleito por São Paulo (1945), e findou em 1948, quando cassado em virtude da proibição aos partidos comunistas. Ameaçado pelas circunstâncias políticas, Jorge Amado exilou-se em Paris, mudando-se para Praga em 1950<sup>42</sup>.

Sua decepção com Stálin o levou a rachar com o pensamento comunista e, na esteira desse primeiro desembaraço partidário, com toda ideologia institucionalizada, como afirmou em algumas entrevistas televisivas, dentre as quais a cedida para Silvia Poppovic no programa *Vox Populi* da TV Cultura (1984)<sup>43</sup>, especificamente em sua fala conclusiva. Entretanto, sua frustração política não afastou sua escrita da busca

---

<sup>41</sup> Na descrição de Jorge Amado, registrada em *Bahia de Todos os Santos: Guia de Ruas e Mistérios – “Castro Alves, o moço de gênio, libertando escravos, derrubando a monarquia, na força do verso. Era a própria liberdade restituindo a praça ao povo e foi o canto de amor mais belo até hoje composto sob os céus do Brasil. Da liberdade e do amor, soube tudo e tudo nos ensinou”*. (1986, p. 35).

<sup>42</sup> *País do Leste Europeu* que adotou um regime comunista no final da década de 40 a partir da confiança no comunismo como uma esperança para resolver os problemas sociais da nação. Esse dado é reforçado por Hobsbawm, que afirma que o Partido Comunista recebeu 40% dos votos na Checoslováquia em 1947. (1995, p. 385).

<sup>43</sup> AMADO, Jorge. Jorge Amado: entrevista [1984]. Entrevistadora: Silvia Poppovic et al. 1h 02 min 46s. Programa *Vox Populi*, TV Cultura. Disponível em: <https://youtu.be/JYDMnwN4vBI>

por justiça social. Em “Tenda dos Milagres”, um romance de 1969, é possível produzir um sentido autobiográfico a partir da fala do poeta Fausto Pena, pesquisador da vida de Pedro Archanjo, alegoria do intelectual negro Manuel Raimundo Querino, abolicionista, cofundador do Liceu de Artes e Ofício e da Academia de Belas Artes; também representante de outras personalidades baianas<sup>44</sup>.

Resta-me explicar como entrei em contato com o sábio norte-americano e vi-me honrado com sua escolha. O nome de James D. Levenson dispensa qualquer apresentação ou comentário, e o fato de haver-me confiado o difícil encargo deixa-me vaidoso e grato. De nosso breve convívio, guardo amável lembrança, apesar dos pesares. Simples, risonho e cordial, bem posto e elegante, é a negação dos sábios das caricaturas, velhos, bolorentos, enfadonhos. Aproveito para pôr os pontos nos ii num aspecto dessa minha colaboração com o ilustre professor da Columbia, miseravelmente explorada pela maledicência dos invejosos e recalcados (...) tentaram incompatibilizar-me com a esquerda, alardeando ter eu me vendido, a mim próprio e à memória de Archanjo, ao imperialismo norte-americano, por um punhado de dólares. (Amado, 2000, p. 8)

Na mesma entrevista para Silvia Poppovic (1984), o escritor baiano tece críticas a duas formas de censura: a operada nos países totalitários, através da figura do censor, ou redator na fala de Jorge Amado ao tratar dos países comunistas, e a posta em prática pelos países democráticos a partir da figura do editor, que força uma adequação das obras ao mercado livreiro, levando à escrita de uma literatura comercial no mundo capitalista. Destarte, o que se mostra relevante, tanto na transcrição do trecho de sua obra quanto na menção da entrevista, é sua aversão às ideologias partidárias da macro política depois dos anos de militância no PCB. Seu socialismo, após a década de 1950, parece assumir um aspecto apartidário, surgindo em sua literatura de uma maneira muito menos engajada. Ambos os instantes, entretanto - o anterior à frustração com o regime stalinista devido à denúncia de Nikita Khrushchov (1955), secretário geral do Partido Comunista da União Soviética (1953-64) sobre graves violências contra presos políticos, e o posterior a essa tomada de conhecimento -, fornecem material propício para pesquisa, pois em nenhum deles

---

<sup>44</sup> Em nota publicada no livro “Navegação de Cabotagem”, Jorge Amado afirma: “Com Pierre Verger, personagem múltiplo, cientista, professor universitário, ensaísta, fotógrafo, aristocrata, repórter, feiticeiro da linha de Ifá, Fatumbi na África, Ojuobá na Bahia, visitamos casa-de-santo no subúrbio de Portão, estou no rastro da revolta dos negros males, ocorrida em 1832, a personalidade do alufá Licutã me fascina. Trabalho no romance Tenda dos Milagres, Pedro Archanjo é a soma de muita gente misturada: o escritor Manuel Quirino, o babalaô Martiniano Eliseu do Bomfim, Miguel Santana Obá Aré, o poeta Artur de Sales, o compositor Dorival Caymmi e o alufá Licutã — e eu próprio, é claro. De todos eles Archanjo incorpora um traço, uma singularidade, a preferência, o tom de voz, o gosto da comida, o trato das mulheres, a malícia. Tento saber mais acerca do alufá e da nação malê” (AMADO, 2012, p 96).

falta um olhar sensível para os sujeitos silenciados e abandonados pela historiografia tradicional no Brasil.

#### 1. 4 POTENCIALIDADES DA LITERATURA AMADIANA NA SALA DE AULA

Portanto, é perceptível a capacidade da literatura amadiana em produzir olhares e entendimentos que vão além do currículo tradicional. Suas histórias tratam de gente comum, de realidades atemporais, fala da história local e de temáticas pouco vistas nos livros didáticos, como o cotidiano, as sensibilidades, e estão, ainda, carregadas das impressões do autor sobre o momento que vive. Os romances de Jorge Amado são portadores de vozes silenciadas e ocultadas de sujeitos excluídos da história, como mulheres, crianças, pobres e negros, portanto são fontes que podem ser explorados pelos historiadores que tem ampliado cada vez mais as pesquisas na perspectiva de conferir historicidade as pessoas comuns e ao cotidiano que vivem.

Celeste Andrade (1996) é defensora da utilização da literatura para o ensino de História por entender a Literatura como uma chave para a investigação histórica ao evidenciar o que outras fontes silenciam. Para a historiadora, é necessário sair da clássica dicotomia de que o historiador lida com a realidade e o escritor com a ficção, e apresenta a obra de Jorge Amado como importante recurso didático para o estudo de diversos temas fundamentais para a construção do saber histórico. Segundo Andrade, "pela sua força em instituir imaginários e agir na sociedade, a Literatura tem o poder de reconstruir a vida cotidiana, desvendar contradições e revelar divergências presentes nas relações sociais e nas suas representações". (ANDRADE, p.13, 1998).

A literatura amadiana está pautada nas experiências vividas pelo escritor, seus personagens são inspirados em pessoas que cruzaram sua vida. Seus sonhos, interesses e visões de mundo estão presentes ao longo de suas narrativas. Ribeiro e Couto (2000)<sup>45</sup> ao analisar as crenças, ritos e festas afro-católicos presentes nos romances *O Compadre de Ogum* e *O Sumiço da Santa* enfatizam o quanto existe de vivências e memórias na obra Jorge amadiana. Para os autores, Amado ao articular ficção e contexto histórico contribui para a "configuração de uma memória social para a Bahia" (p.38) que, inclusive, constrói imaginários apropriados pelo poder público e

---

<sup>45</sup> Ribeiro, André e Couto, Edilece. "Devoções Afro-católicas nos Romances *O Compadre de Ogum* e *o Sumiço da Santa* de Jorge Amado". In: *História & Literatura: conexões, abordagens e perspectiva*. Jundiaí: Paco Editorial, 2020.

pelo turismo, além de corroborar para que Salvador se tornasse referência da herança cultural africana.

Essa percepção sobre a influência de Jorge Amado para construção de identidades é discutida também por Ilana Goldstein (2000). Sua dissertação intitulada *Literatura e Identidade Nacional: o Brasil Best Seller de Jorge Amado* foi pauta no estudo sobre a construção de uma identidade nacional nas publicações e no discurso do escritor. Para Goldstein, a relevância do estudo de Jorge Amado está em seu papel de interpretar e formar opinião sobre o Brasil, sendo uma das referências mais correntes no exterior sobre o brasileiro, por sua obra ser estudada nas universidades do Brasil e do mundo. Goldstein mapeou as teses sobre a vida e obra do escritor, identificando pesquisas sobre seu engajamento político e trajetória como membro do partido comunista, análises sobre questões mais literárias, inclusive com posicionamentos críticos em relação à literatura produzida pelo escritor, os estudos de gênero, bastante controversos, principalmente em relação à representação feminina em seus romances, e as abordagens amadianas em relação ao negro, apontando sua obra como fonte etnográfica. Os estudos sobre o escritor e sua obra estão presente em cursos de Letras, História, Sociologia e Antropologia e vão da valorização da produção do escritor a críticas sobre os estereótipos construídos em suas obras.

Na área de História, além do nome de Celeste de Andrade, aparece também o de Carolina Calixto<sup>46</sup>. A historiadora aponta para a contribuição amadiana no entendimento da história da Bahia e do Brasil. Outro material riquíssimo sobre o escritor é a pesquisa biográfica de Joselia Aguiar (2018), que reúne informações detalhadas em seu livro, inclusive sobre a trajetória de Jorge Amado no exterior. Na área de educação, foi publicado o “Caderno de Leituras”<sup>47</sup> pela Companhia das Letras, como um instrumento de apoio para ser usado por professores de Ciências Humanas que desejem trabalhar a obra amadiana em aula. Esse material foi produzido ao mesmo tempo da reedição da obra amadiana pela editora, contribuindo para o estudo de suas narrativas tanto para Ensino Fundamental como para o Ensino Médio ao

---

<sup>46</sup> Licenciada em História (2009), a monografia teve por título “Literatura e identidade nacional: Tenda dos Milagres de Jorge Amado”. No mestrado (2011), o diálogo da história e da literatura continuou com a dissertação “Jorge Amado: diálogos político-culturais e identidade nacional” e o doutorado, título obtido em 2016, teve por tese “História e memória da trajetória político-intelectual de Jorge Amado”. Todos os títulos na Universidade Federal Fluminense.

<sup>47</sup> GOLDSTEIN, Ilana (Org.); SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). Cadernos de Leituras: O universo de Jorge Amado. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

propor leituras e atividades que enfatizam diversas complexidades, como exemplo, buscar relações entre a ficção e a realidade, confrontar épocas diferentes, conhecer outras fontes de informações, observar perfis femininos narrados pelo escritor, conhecer a luta operária, discutir a “brasilidade” construída em seus romances, entre muitas outras possibilidades. Ilana Goldstein e Lilia Moritz Schwarcz (2008) ao apresentar o caderno de humanas declara:

Jorge Amado foi um escritor movido pela utopia de pensar e reinventar o Brasil — utopia que no início da carreira se traduziu na militância comunista, e, com o passar dos anos, se transformou num elogio rasgado da mestiçagem e do sincretismo. Seus retratos da Bahia (que para ele significava uma espécie de laboratório para refletir sobre o Brasil) parecem ganhar, sempre, voo próprio, alcançando um público alargado, que inclui aqueles familiarizados com o universo da leitura, e outros, mais contagiados pelas novelas, seriados, filmes, músicas e até pelos passeios turísticos por Salvador e Ilhéus. O Brasil de Jorge Amado é, pois, multifacetado e descoberto por ângulos os mais inusitados. (p. 8)

As obras amadianas também abordam conflitos ideológicos presentes em Salvador envolvendo o catolicismo e o candomblé, entretanto indicam as possibilidades da mistura dos elementos culturais e religiosos no alcance do respeito à diversidade. Ao refletir sobre a devoção afro-católica, Jorge Amado coloca em primeiro plano os locais da cidade ocupados principalmente pela população negra como as ruas do Centro Histórico, os cais dos portos e a periferia das cidades. Em *O Sumiço da Santa* existe um convite ao leitor para conhecer as casas religiosas das nações africanas e das nações indígenas, exemplificando a visão de Jorge Amado de que escritores e artistas deveriam divulgar a cultura baiana. (RIBEIRO e COUTO, 2020)

Reginaldo Prandi (2008) enfatiza o quanto Jorge Amado “contribuiu decisivamente com seus romances para a divulgação do candomblé”, seus romances revelam uma familiaridade com a religiosidade, fato que o “rendeu reconhecimento por parte do candomblé, que retribuiu com cargos honoríficos e dignidades que os terreiros costumam conferir a protetores e amigos importantes.” (p. 47).

Jorge Amado contribui para a compreensão da história de partes da Bahia e por tudo o que compõe sua obra pode e deve ser usado nas aulas de história favorecendo saberes múltiplos, além de abrir em suas temáticas possibilidades de subverter as práticas no cotidiano escolar e ultrapassar os limites dos tradicionais currículos escolares.

## 1. 5 TESTEMUNHO HISTÓRICO NA OBRA AMADIANA: UM OLHAR PARA A HISTÓRIA LOCAL

Sidney Chalhoub e Leonardo Pereira (1998) na obra *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil* pensam a Literatura como um “testemunho histórico” e, como todo testemunho, possui a capacidade de propiciar entendimentos sobre temporalidades e sujeitos presentes em suas narrativas possibilitando “um melhor entendimento relativo às representações construídas em dada sociedade”. (GRECCO. 2014, p. 45)

O texto literário é uma fonte privilegiada para a investigação histórica por conter vestígios de uma outra época e evidenciar a força das representações do passado (GRECCO. 2014). Pesavento (2006) conclui que:

O mundo da ficção literária – ‘este mundo verdadeiramente das coisas de mentira’, dá acesso para nós historiadores, às sensibilidades e às formas de ver a realidade de um outro tempo, fornecendo pistas e traços daquilo que poderia ter sido ou acontecido no passado e que os historiadores buscam. Isso implicaria não mais buscar o fato em si, o documento entendido na sua dimensão tradicional, na sua concretude de real acontecido, mas de resgatar possibilidades verossímeis que expressam como as pessoas agiam, pensavam, o que temiam, o que desejavam. A Literatura registra a vida. É, sobretudo, impressão de vida. E com isso chegamos a uma das metas mais buscadas pela História cultural: capturar a impressão de vida presente no passado e na raiz da explicação dos seus atos. (p. 7)

Para Anderson Renzcherchen e Silvéria Ferreira (2019), literatos como Jorge Amado ao escrever “sobre o cotidiano do povo, enredos populares, sem figuras políticas e heróis de destaque, tratam de pessoas comuns” construindo saberes que não seriam possíveis em fontes históricas documentais. (p. 328) Para Lilian Schwarcz (2008) “Jorge Amado nunca pretendeu ser intérprete do Brasil, mas sempre o foi. Suas personagens são pessoas retiradas das ruas de Salvador; a Bahia que descreveu foi aquela dos costumes misturados, dos credos cruzados e das gentes de muitas cores e mistérios”. (p. 35).

Jorge Amado faz parte da segunda fase do Modernismo no Brasil enfatizando em suas obras a diversidade regional e cultural. Os romances amadianos ressaltam da Bahia as características geográficas, os conflitos sociais, as questões políticas, os encontros culturais e, principalmente, fala de gente, dos poderosos, dos boêmios, dos humilhados, dos insurgentes, fala de mulheres apaixonadas, guerreiras, senhoras de si, donas de seus corpos e de seus destinos, fala também de crianças, crianças

menosprezadas, abandonadas, mas determinadas na escrita de suas histórias.

Amado narra a Bahia que o sensibilizava e a história do povo baiano que cruzava seu caminho. O próprio Jorge Amado em 1961, em discurso na Academia Brasileira de Letras afirmou que:

em verdade jamais me afastar da Bahia, pois a conduzia mundo afora, fosse no coração amante de meu chão de nascimento, fosse nas páginas dos livros que no correr do tempo fui escrevendo e publicando, neles recriando a vida baiana, nos cenários das matas de cacau, dos talhos do sertão de beatos e cangaceiros e nas ruas, becos e ladeiras de Salvador. (AMADO, p. 31).

É importante ressaltar que Amado era, como ele mesmo se entendia, um contador de histórias. Suas narrativas era parte do que vivia e de observações que realizava, não era um historiador, a preocupação em confrontar fontes ou narrar a realidade podia ser inexistente, fato que não o torna menos importante para a pesquisa histórica.

Enquanto a obra literária de Jorge Amado é poética, porque é elemento artístico, é também documental, pois traz na ficção elementos que registram a história. O escritor, que não é historiador, nos narra histórias. Tornamos essas narrativas alvos de perguntas e inquietações. Amado foi sujeito da história nos anos 1930, tendo sido um intelectual atuante. Foi escritor da história pela ficção. E agora ele e suas obras são objetos da história, nos fazendo considerar, finalmente, que o fazer literário é subsidiado pelo fazer histórico. (SILVA e SANTOS, 2021, p. 222)

Seus romances contribuíram para construir uma visão sobre a Bahia e no exterior, essa visão foi ampliada para o Brasil. Segundo Goldestain (2008),

O que Jorge Amado fez foi generalizar e romantizar alguns elementos que com tanta perspicácia observou a sua volta, acrescentando várias pitadas de criatividade e utopia. Seu Brasil mestiço, alegre, festeiro e sensual é um conjunto de elementos pinçados dentro de um repertório histórico e cultural, recortes que revelam e escondem ao mesmo tempo. Escondem conflitos, heterogeneidade e transformações, mas revelam mitos, tabus e desejos de parte significativa dos brasileiros. (p. 70)

Portanto, é fundamental reconhecer que a obra amadiana é um testemunho sobre determinados lugares e épocas, não uma verdade. As atividades desenvolvidas que utilizam a literatura como fonte histórica precisa evidenciar que como qualquer outra fonte, a literatura não é um acesso direto ao passado, porém serve ao conhecimento histórico por guardar memórias do próprio escritor e de seus personagens. As narrativas literárias possibilitam uma reinterpretação do passado para ampliar a memória histórica. Dessa forma,

a História, ainda que postule ser uma ciência, é ainda assim um gênero literário; a Literatura, ainda que postule ser uma Arte, está diretamente mergulhada na História: é a história que a constitui enquanto um gênero produzido pelo homem e incontornavelmente inserido a temporalidade; e é ainda da História que a Literatura extrai boa parte de seus materiais seja da história dos historiadores ou da história vivida, mesmo que esta seja a história anônima, vivida diariamente através dos dramas pessoais que não se tornam públicos (BARROS, 2010, p. 2).

Nesse contexto, a literatura amadiana torna-se extremamente relevante para o estudo da Bahia e da sua diversidade. Suas narrativas, personagens e problemáticas contribuem para elaboração de saberes e compreensões históricas. Jorge Amado tem um olhar atento para lugares esquecidos e sujeitos silenciados, portanto, sua produção literária se constitui em importante recurso didático para professoras e professores no estudo sobre História Local, Social e Política.

## **CAPÍTULO 2 - OLHARES AMADIANOS SOBRE A PENÍNSULA DE ITAPAGIPE: POR MAIS PROTAGONISMO NAS AULAS DE HISTÓRIA**

A literatura amadiana é composta por narrativas que tem o estado da Bahia como cenário. Questões geográficas, históricas, sociais e culturais são abordadas em sua obra. Entre os anos de 1930 e 1955, as principais discussões de Amado estão relacionadas ao seu engajamento político, por isso a produção desse período é chamada de “literatura proletária”. O escritor evidencia a Bahia, entretanto, não se limita ao estado. Os retratos que faz de sua terra natal possibilita pensar a sociedade brasileira e suas problemáticas. Para Ilana Goldstein e Lilia Moritz Schwarcz, o romancista é “um intérprete privilegiado do Brasil” que ao ser utilizado na sala de aula pode despertar “não apenas o gosto pela leitura, mas também o interesse pela reflexão crítica e viva acerca da nossa realidade”. (2014, p. 9)

Os olhares amadianos para lugares ainda pouco explorados por historiadores e as referências a sujeitos ainda invisibilizados em materiais didáticos torna sua obra uma possibilidade para construção de saberes históricos especialmente para quem deseja realizar trabalhos com a História Local. Muitos lugares da Bahia são narrados ou citados por Jorge Amado, entre eles está a Península de Itapagipe, localizada na parte baixa da cidade de Salvador<sup>48</sup>.

A região não é cenário principal dos romances amadianos, contudo aparece em vários de seus textos com informações que abrem questões para pesquisas variadas e possibilidades enriquecedoras de trabalhos pedagógicos. Ocupada, inicialmente, por povos indígenas, o nome "Itapagipe" vem do tupi e significa “pedra que avança para o mar”, foi palco de conflitos entre os nativos e os colonizadores. Sofreu constantes ameaças de invasão no período colonial e por isso, a península correspondeu a uma área utilizada pelos portugueses para a defesa da Baía de Todos os Santos com a construção de fortes, como o forte do Humaitá. Mais tarde, tornou-se importante para o desenvolvimento de atividades econômicas em Salvador, sediando a primeira fazenda de gado de Garcia D’Ávila e o desenvolvimento de várias atividades econômicas. Com a diversificação da economia, ao longo do tempo, a região passou a ser povoada por agricultores, pecuaristas, pescadores e artesãos.

---

<sup>48</sup> A capital do estado da Bahia é dividida por características naturais e culturais em “Cidade Alta” e “Cidade Baixa”.

Como destaca Célia Cardoso (2004)<sup>49</sup>.

Desenvolveram-se na península, ainda e este tempo, muitas outras atividades como o cultivo da cana-de-açúcar, a olaria, havia estaleiros para a construção de embarcações, era abundante a pesca da baleia e dos cachalotes, e eram também exploradas as madeiras ali existentes. Desde a criação da cidade a área dá sinais de proficuidade, apontando o que viria ser mais tarde: o centro industrial, lugar onde se cristalizou o primeiro surto industrial da Salvador moderna. (2004, p. 21)

Entre o século XIX e início do século XX, constituiu-se como um lugar de veraneio, as belezas naturais atraíam famílias abastadas que construíram casarões na beira mar. Muitos solares ainda permanecem, alguns em ruínas outros restaurados. Durante esse período também, fábricas foram instaladas na região, tornando-se o polo industrial da cidade de Salvador, atraindo muitos operários para fixar moradia na península. Em Itapagipe, foram instaladas pequenas, médias e grande empresas, além de abrigar a primeira vila operária da cidade, vinculada à Companhia Empório Industrial do Norte – CEIN, uma das maiores indústrias têxteis brasileiras. A vila contava com escola, cursos noturnos e atendimento médico para os trabalhadores e suas famílias. Segundo Marilécia Santos (2017), a infraestrutura da vila operária na Boa Viagem era superior às dos demais trabalhadores pobres da cidade, fato que atraía trabalhadores do interior da Bahia e de outros estados do Nordeste<sup>50</sup>.

Com o crescimento industrial, a população de Itapagipe aumentou fato que levou a ocupação do território de diferentes formas como destaca Maria Helena Ochi Flexor (2011):

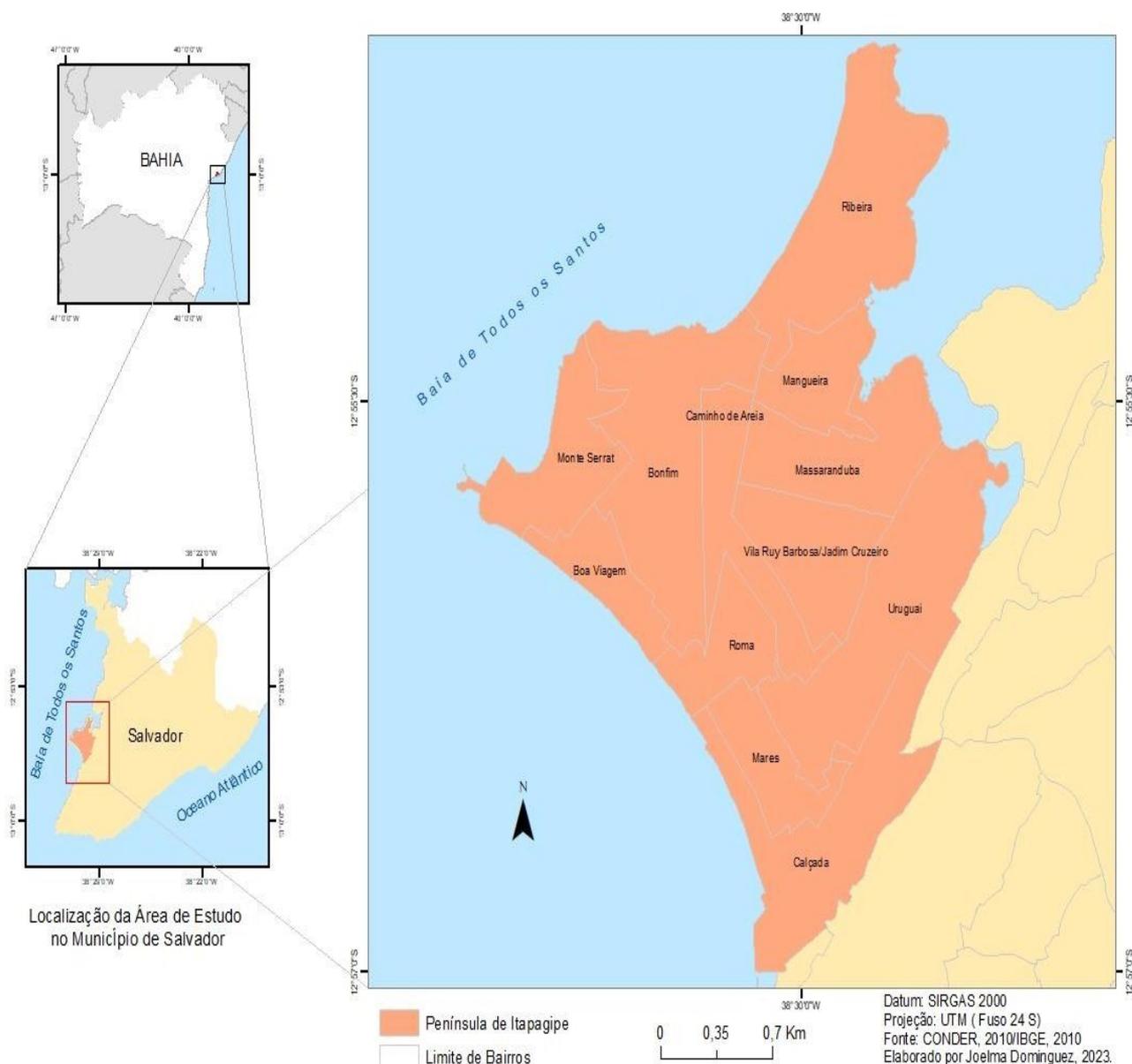
Os terrenos em terra firme eram poucos para se construir, criando uma crise de habitação na região, sendo agravada a situação com a chegada de centenas de novos moradores, vindos de outras partes da Bahia e do Nordeste. Isso levou ao que Milton Santos (1956, p. 261) chamou de “soluções heróicas”, as chamadas invasões. Estas, na península itapagipana, começaram, como no resto da Cidade, na mesma década de 1940-50, e foram aproveitados, primeiro, os terrenos com proprietários, o que exigiu posterior expropriação e pagamento de indenizações. A partir daí, o braço de mar ali existente foi sendo ocupado por casas construídas sobre estacas, formando as palafitas, alcançadas por passarelas estreitas, até que se completasse o aterro, feito com lixo e outros materiais. Rapidamente, o mangue, na Enseada dos Tainheiros, e o mar foram ocupados formando o bairro dos Alagados. (FLEXOR, p.15, 2011)

<sup>49</sup> CARDOSO, Ceila Rosana Carneiro. Arquitetura e indústria: a península de Itapagipe como sítio industrial de Salvador moderna, 1891-1947. Dissertação (Mestrado) - Escola de Engenharia de São Carlos, São Paulo, 2004.

<sup>50</sup> Ver SANTOS, Marilécia Oliveira. O viver na “cidade do bem”: tensões, conflitos e acomodações na Vila Operária de Luiz Tarquínio, na Boa Viagem – Bahia (1892-1946/47). Salvador: EDUFBA, 2017.

Atualmente, a Península de Itapagipe é formada por quatorze bairros: Calçada, Mares, Jardim Cruzeiro, Massaranduba, Uruguai, Roma, Dendezeiro, Bonfim, Monte Serrat, Boa Viagem, Luís Taquínio, Caminho de Areia, Baixa do Fiscal e Ribeira. Observe o mapa da região elaborado pela autora utilizando como fonte os dados da CONDER (Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia) e do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

**Figura 1** — Mapa de Itapagipe



Quanto aos habitantes da península é notável a existência de um sentimento de pertencimento, inclusive na forma de se identificarem como itapagipanos e nas relações estabelecidas com vizinhos. Na mídia, muitas vezes, a região é tratada como um lugar diferenciado da cidade, como retratado pelo "Diário de Salvador" (2021)<sup>51</sup>.

A Península e a Baía de Itapagipe são um dos lugares mais diferentes e exóticos de Salvador. A Marina da Ribeira parece estar instalada num pequeno balneário. Tudo parece nos remeter a uma pequena cidade do interior. A formação geológica da região – as terras altas do Subúrbio ao fundo, península, baía, os braços de mar da Baía de Todos-os-Santos avançando continente adentro – só ratificam a singularidade extraordinária de Salvador.

A região possui um rico patrimônio natural, histórico, arquitetônico e cultural<sup>52</sup>. Todavia, grande parte dos moradores mais jovens desconhecem a história do local que vivem. Nas escolas da região pouco é abordado sobre os processos históricos que marcam a península, seguindo a tendência, ainda comum da ênfase nos estudos de conteúdos que favorecem a história europeia e o sudeste do país. Para conhecer a história da Península é fundamental a exploração de diferentes fontes históricas e de projetos pedagógicos que contemplem os diversos espaços, sujeitos e processos históricos da região. Dentre as fontes que podem ser exploradas para pesquisa sobre Itapagipe está a literatura amadiana que corresponde a uma porta de entrada para discussões de temas relacionadas a história e a cultura local, além de levantamento de informações sobre a região.

Nessa pesquisa foram utilizadas quatro obras de Jorge Amado ambientadas na capital baiana entre as décadas de 1930 e 1950 que abordam aspectos de Itapagipe e de sua população como fonte histórica para pensar a região e um lugar de elaboração de questões para pesquisa. Em ordem cronológica de publicação, as obras selecionadas são analisadas buscando pensar as contribuições do autor para entender mais sobre a história de Salvador e identificar as suas visões e as de seus personagens sobre a Península de Itapagipe. Ao mesmo tempo são apresentadas temáticas pertinentes à história social, cultural, local a partir da literatura amadiana que podem ser trabalhadas na sala de aula, também são levantadas sugestões didáticas que buscam fomentar as possibilidades de trabalhar os romances

<sup>51</sup> Reportagem disponível em: <https://diariodesalvador.com/baia-de-itapagipe-e-peninsula-de-itapagip-e-voce-sabe-do-que-se-trata/>

<sup>52</sup> Ver SILVA, Alcimar. Península de Itapagipe. Histórias, tradições e cultura popular. Salvador: Grupo Cultural Pórtico, 2003.

amadianos e o guia sobre a cidade na sala de aula levando em consideração que

ao optar por utilizar a Literatura enquanto fonte, o historiador deve tomar os mesmos cuidados que toma ao lidar com todas as categorias de fontes, sendo necessário que se volte para ela de maneira adequada, entendendo que um livro é expressão tanto de um autor quanto de sua época e também de seus leitores, já que não se pode imaginar a Literatura sem levar em conta sua recepção. (MARTINS E CAINELLE, 2015, p. 3890)

Para o professor de História, com a carga horária que possui e o excesso de conteúdos já preestabelecido, é impossível colocar em prática todas as indicações aqui feitas, portanto ao docente cabe selecionar de acordo sua realidade e seus objetivos, as atividades que deseja desenvolver. Como resultado do estudo das obras e das possibilidades metodológicas levantadas ao longo desse capítulo, foram elaboradas aulas-oficinas voltadas para o nono ano do ensino fundamental que serão descritas no terceiro capítulo e sistematizadas no material que segue em anexo.

## 2.1 MAR MORTO

Mar Morto é o nome do romance publicado em 1936, quando Jorge Amado tinha apenas 24 anos, possui uma linguagem poética e está carregado de questões relacionadas à religiosidade e a fé. Os destaques da obra são o cais, o mar, a crença em lemanjá. Trata, ainda, do amor vivido por saveiristas e pescadores. Jorge Amado inicia o romance dizendo:

Agora eu quero contar as histórias da Beira do cais da Bahia. Os velhos marinheiros que remendam velas, os mestres de saveiros, os pretos tatuados, os malandros sabem essas histórias e essas canções. Eu as ouvi nas noites de lua no cais do mercado, nas feiras, nos pequenos portos do recôncavo, junto aos enormes navios suecos nas pontes de Ilhéus. O povo de lemanjá tem muito que contar.

Vinde ouvir essas histórias e essas canções. Vinde ouvir a história de Guma e de Lívia que é a história da vida e do amor no mar. E se ela não vos parecer bela, a culpa não é dos homens rudes que a narram. É que a ouvistes da boca de um homem da terra, e, dificilmente, um homem da terra entende o coração dos marinheiros. Mesmo quando esse homem ama essas histórias e essas canções e vai às festas de dona Janaína, mesmo assim ele não conhece todos os segredos do mar. Pois o mar é mistério que nem os velhos marinheiros entendem. (AMADO, 1970, p. 2)

Este romance evidencia dores, medos, coragem, lutas pela sobrevivência, fé, desespero e, por tudo isso, torna-se um dos romances mais populares de Jorge Amado. Inspira a música de Dorival Caymmi "É doce morrer no mar"<sup>53</sup> e a telenovela

<sup>53</sup> A partir de um trecho do livro Mar morto, Dorival Caymmi concebeu a música É doce morrer no mar,

"Porto dos Milagres"<sup>54</sup>. Segundo Maria Celeste Pacheco, Amado "evidencia o aspecto mágico da cidade", (ANDRADE, 1996, p. 17) apresentando uma visão romântica e sentimental sobre Salvador. Tais leituras românticas sobre a cidade podem ser levadas para aula junto com questionamentos: qual Salvador é descrita no romance? Qual o papel da pesca na economia soteropolitana? Quais dificuldades enfrentadas pelos saveiristas na primeira metade do século XX? Questões econômicas e políticas podem ser abordadas no diálogo, assim como as questões sociais e culturais. José Castello (2009)<sup>55</sup> propõe aproximar a figura do protagonista Guma ao personagem Ulisses de Homero, dois heróis que sempre estão envolvidos em lutas com as forças da natureza e as armadilhas do destino. É possível, ainda, pensar a figura feminina, as mulheres apaixonadas que aguardam seus amados voltarem pra casa como Penélope aguardava Ulisses.

Logo nos primeiros capítulos do romance amadiano, a aventura dos homens do mar se apresenta como iminência de fatalidade, pois uma tempestade provoca o naufrágio de um saveiro, no qual se saberá ter morrido Raimundo e Jacques, pai e filho. Frente à notícia destas mortes, Lívia aumenta sua angústia, esperando que o Valente, saveiro de Guma, surja diante de seus olhos e atraque a salvo da borrasca. Contudo, neste ínterim, o sofrimento de outra mulher da comunidade mobiliza a protagonista, fazendo com que ela se solidarize com aquela com a qual se identifica:

Só Lívia, magra, de cabelos finos colados ao rosto pela chuva, ficou diante do cais dos saveiros olhando o mar [...] continuava imóvel, o corpo atirado para frente, os olhos na escuridão, esperando ver a lanterna vermelha do Valente cruzar a tempestade, iluminando a noite sem estrelas, anunciando a chegada de Guma [...]

- Sabe quem morreu, Lívia?

Lívia se assusta. Mas aquela vela não é a vela do Valente. A do seu saveiro é bem maior e não se rasgaria assim. Lívia se volta e pergunta a Rufino:

- Quem foi?

- Raimundo e o filho. Viraram bem perto da cidade... Tempestade braba. Nessa noite – pensa Lívia – Judith não terá amor na sua casinha, nem no saveiro do seu marido. Jacques, o filho de Raimundo, morrerá. Irá até lá depois. Depois que Guma chegar, que matarem as saudades, que se amarem. Rufino olha a lua que sai:

- Já foi gente buscar os corpos.

- Judith já sabe?

- Vou dizer [...]

Rufino dá uns passos. Pára.

- É coisa triste... Ruim de falar... Dizer que morreu [...] Vem comigo, Lívia. Você sabe dizer...

---

canção que ganhou versos extras de Jorge Amado. Foi gravada em 1954 pela Columbia.

<sup>54</sup> Telenovela produzida pela TV Globo (2001), escrita por Aguinaldo Silva e Ricardo Linhares.

<sup>55</sup> CASTELLO, José. "Jorge Amado e o Brasil". In: GOLDSTEIN, Yllana S.; SCHWARCZ, Lilia Moritz. (org.) Caderno de leituras: A literatura de Jorge Amado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

- Estou vendo se Guma chega, Rufino [...]
  - Você sabia que ela tá prenha?
  - Judith?
  - É...
  - Saiu andando. Ainda olha a lua. Do forte velho cantam [...]
  - Lívia, quase correndo, grita para Rufino cuja sombra se vê longe:
  - Eu vou com você [...]
  - Lívia soluça. Ampara Judith no seu peito, mas soluça também, soluça pela certeza que seu dia chegará e o de Maria Clara e o de todas elas [...]
- (AMADO, 1970, p. 7-11)

Este amparo à outra mulher em condições adversas e precárias por parte de Lívia antecipa a sororidade e o empoderamento feminino que se apresentarão de maneira mais objetiva quando Guma não voltar da última de suas aventuras como mestre de saveiro. Ao contrário do que ocorre com Penélope na narrativa homérica, salva pelo retorno do homem aguardado, a morte da protagonista masculina no romance do escritor baiano não é apenas a confirmação do destino traçado para todos os homens do cais, é também uma estratégia literária para representação da ascensão social da mulher baiana em virtude de suas lutas individuais e coletivas dentro de comunidades periféricas e, certamente, desprovidas de formações ideológicas vinculadas aos movimentos feministas organizados política e filosoficamente em várias partes do mundo no princípio do século XX, época vivida pelas personagens amadianas.

Quando Lívia, antes sempre assustada com a possibilidade da perda de Guma, assume, junto com Rosa Palmeirão, o comando do Pacote Voador, saveiro no qual se deu o falecimento de seu esposo enquanto ele buscava o sustento de sua família e a dignidade para seu filho, Jorge Amado constrói uma alegoria da mulher independente em uma sociedade patriarcal. Sua sensação de pertencimento à comunidade de saveiristas se formata de maneira paulatina durante a narrativa, visto seu medo cotidiano da tragédia marítima ser fruto de um nascimento e de uma vida anterior, longe do cais. Criada por um tio e uma tia, donos de uma quitanda na cidade, a morte do marido obriga Lívia a escolher entre o retorno à tutela daquele que assumiu sua guarda na ausência dos pais e a realidade das viúvas pobres, para quem, como é contado no romance, restava a prostituição, a sorte de um novo marido ou o trabalho duro e mal remunerado reservado para mulheres descapitalizadas, feito a profissão de lavadeira. Ela, todavia, decide assumir uma atividade laboral dominada pelo homem:

No fundo do Pacote Voador, mestre Manuel e Maneca Mãozinha, molhados, conversam com Rodolfo. Esse deixa o grupo, pula para o Viajante sem Porto. Vem ficar junto de Lívia, passa a mão no seu rosto. Sua mão está molhada do

mar.

- Como vai ser agora, Livia?

Ela o fita sem entender. Ela não se convenceu totalmente de que tudo mudou.

- Você vai ficar com seus tios, não é? Olhe aqui, mestre Manuel e Maneca tão dispostos a arrendar seu saveiro, a comprar mesmo, se você vender a prazo. É o melhor que você faz [...]

- Deixe eu pensar primeiro.

Mas se lembra do que Rosa Palmeirão lhe disse essa tarde. Não se muda o destino de ninguém. Pergunta ao irmão:

- Manuel tem muita carga?

- Não tá dando vazante...

- Depois pergunte a ele se pode me arranjar alguma.

- Quem vai levar o saveiro?

- Eu.

Rodolfo não a compreende. Quem a compreenderá mesmo? O velho Francisco compreende [...]

A vela parou adiante. Rodolfo mergulha, o velho Francisco vai atrás dele, quer fazer alguma coisa também. Doutor Rodrigo olha Livia que não desfita os que nadam. Ainda há muita coisa que doutor Rodrigo não compreende. Mas vê que aquela decisão de Livia de não se prostituir, de se entregar ao trabalho no mar, faz parte também do milagre que dona Dulce espera. Ele está se realizando (AMADO, 1970, p. 249-250)

Para tanto, assim como amparou Judith em seu momento de vulnerabilidade, Livia encontra auxílio em Rosa Palmeirão, conhecida por usar uma navalha na saia e um punhal no peito com a intenção de jamais se submeter aos ditames de um homem: “Rosa Palmeirão vai no leme. Livia suspendeu as velas com suas mãos de mulher” (AMADO, 1970, p. 256). Logo, a coragem e a empatia entre estas duas mulheres retiram a protagonista da posição daquela que aguarda o marido em terra firme, cumprindo o papel preestabelecido para o corpo feminino, e a coloca na situação de provedora de uma família, sendo sua profissão monopolizada pelo corpo masculino. Tornar-se saveirista significa, então, empoderar-se socialmente, desde quando negar o retorno para tutela do tio e não se entregar ao assédio dos homens rondando sua casa é, no romance amadiano, resistir às regras e às expectativas do patriarcalismo.

Na realidade, porém, as profissões relacionadas a marinhagem e a pesca embarcada na Bahia jamais deixaram de ser controladas pelo homem, algo observável na hodierna orla de Itapagipe, que apresenta um cenário ainda composto pela presença de saveiros e de canoas, dentre outras embarcações. Apesar da drástica diminuição do comércio e dos transportes marítimos entre Salvador e o Recôncavo baiano devido aos investimentos realizados em favor dos meios de transportes terrestres na segunda metade do século XX, os barcos utilizados, tradicionalmente, na travessia da Baía de Todos os Santos, como ilustrado pela narrativa amadiana, ainda são instrumentos de pesca e de lazer para alguns moradores da península, sendo que, em qualquer levantamento empírico, fica

perceptível o predomínio de homens no comando destas embarcações e, em se tratando da pesca, a quase totalidade de corpos masculinos em suas tripulações, o que comprova a permanência de uma configuração patriarcal.

Em contrapartida, nas marés de vazante, é possível ver, em praias itapagipanas, dezenas de marisqueiras catando papa-fumos<sup>56</sup> para subsistência e para comercialização. Embora jamais tenha se tratado de uma ocupação laboral majoritariamente masculina, na verdade, tenha sido sempre um trabalho realizado, em larga medida, pelas mulheres, a percepção da importância destas marisqueiras de Itapagipe nas rendas familiares contribui para a valorização do feminino na comunidade, são mulheres que como Livia se mantiveram como donas e operadoras do meio de produção responsáveis pelo sustento de suas casas. Relacionar as discussões históricas ao cotidiano dos estudantes é um recurso que o educador não pode deixar de utilizar e tais discussões podem ser promovidas em aulas de campo na comunidade escolar produzindo vivências e possibilitando socializações ao mesmo tempo que evidencia os diferentes sujeitos históricos.

As ruas de Itapagipe são marcadas por histórias que devem ser conhecidas pela juventude dos bairros. O romance amadiano, nesse contexto, serve como mais uma fonte histórica que além de visibilizar diferentes personagens, faz referência a espaços da Itapagipe conhecidos geograficamente pela comunidade contemporânea, mas ignorados em sua importância histórica. Uma das vezes que a orla de Itapagipe, por exemplo, aparece em *Mar Morto*, é quando se faz menção ao Porto da Lenha: “As canoas do porto da Lenha se agitavam e os canoeiros resolveram não voltar naquela noite para as cidadezinhas do Recôncavo” (AMADO, 1970, p. 6). Esse é um lugar que a maioria dos habitantes de Itapagipe conhecem, no entanto ignoram o quanto foi importante para a economia da cidade e foi cenário de histórias de diferentes indivíduos. A leitura do texto, somado a visita e observação desses lugares favorece para educandos a compreensão da história local, contribuindo para a construção de identidade, principalmente quando as atividades pedagógicas promovem atividades de registros fotográficos, entrevistas e elaboração de textos.

---

<sup>56</sup> Mariscos encontrados na Baía de Itapagipe que, apesar do baixo valor econômico, constituem fonte de renda para muitas famílias da região, assim como importante para a alimentação. Em marés baixas, mulheres e crianças passam horas de trabalho para garantir o sustento diário.

A Capela de Monte Serrat também compõe o espaço de Mar Morto, o que amplia a presença de Itapagipe no romance. Trata-se de um templo católico que, segundo nota de tombamento do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, possui controvérsias quanto à sua fundação: “(...) para alguns historiadores, esta deve-se a um militar espanhol, no final do século XVI, devoto da Virgem de Monte Serrat; para outros, foi erigida pelos senhores da Torre de Garcia D’Ávila, no mesmo período (...)”. Na história literária de Jorge Amado, a capela aparece como local de casamentos de marítimos na primeira metade do século XX, homens e mulheres envolvidos pelo sincretismo religioso da Bahia, que, no século presente, ainda aproxima ritos e santos católicos de ritos e deuses das religiões de matriz africana:

Nenhum mestre de saveiros tem uma mulher como a de Guma. Todos dizem isso e sorriem todos para ela. Todos gostariam de tê-la nos braços musculosos das travessias. Mas ela é somente de Guma, casou foi com ele na igreja de Mont Serrat, onde se casam os pescadores, os canoeiros e os mestres de saveiro. Mesmo marinheiros que viajam por mares longínquos, em paquetes enormes, vêm casar na igreja de Mont Serrat, que é a igreja deles, trepada no morro, dominando o mar. Ela casou ali com Guma e, desde então, nas noites do cais do seu saveiro, nos quartos do Farol das Estrelas, na areia do cais, eles se amam, confundem os corpos sobre o mar e sob a lua [...] Ficou olhando para o rosto dele [...] olhos que já haviam visto lemanjá, a mãe d’água. (AMADO, 1970, p. 14-15)

Pesquisar sobre a fundação da capela é um ponto de partida para se pensar situações concernentes ao processo de colonização e as questões religiosas que envolveram a ocupação dos espaços na península que, como em toda a cidade, foi marcada pelo sincretismo evidenciado e valorizado por Jorge Amado.<sup>57</sup> Analisar as ideias do autor sobre a miscigenação é mais uma oportunidade de aprendizado por servir como fonte histórica sobre os pensamentos de uma época marcada por ideologias discordantes sobre as questões étnicas, mestiçagem e multiculturalismo. Discutir sobre essa questão abre possibilidades para o estudo de outros autores como Gilberto Freyre. A teoria da mestiçagem proposta por Freyre é aceita por alguns escritores e intelectuais brasileiros do século XX, dentre estes, Darcy Ribeiro e Jorge Amado. Em *Casa-Grande e Senzala* (1933) a aproximação entre a obra amadiana e a freyriana fica evidente:

---

<sup>57</sup> Reginaldo Prandi (2009) afirma que “em matéria de religião, Jorge Amado é, antes de mais nada, sincrético.” (p. 49) Jorge Amado foi um grande divulgador da religiosidade afro-brasileira e mesmo quando os candomblecistas, a partir de 1960, passaram a se afastar aos poucos do sincretismo, a mistura continuou ocupando um lugar central para o escritor. Na obra amadiana todas as nações do candomblé têm importância e os santos católicos se misturam com os orixás.

A possível origem africana - Chamberlain considera-a definitivamente provada - do sistema jesuítico nos parece importantíssima na explicação da formação cultural da sociedade brasileira: mesmo onde essa formação dá a idéia de ter sido mais rigidamente européia - a catequese jesuítica - teria recebido a influência amolecedora da África. A mediação africana no Brasil aproximou os extremos, que sem ela dificilmente se teriam entendido tão bem, da cultura européia e da cultura ameríndia, estranhas e antagônicas em muitas das suas tendências. Considerada de modo geral, a formação brasileira tem sido, na verdade, como já salientamos às primeiras páginas deste ensaio, um processo de equilíbrio de antagonismos. Antagonismos de economia e de cultura. A cultura européia e a indígena. A européia e a africana. A africana e a indígena [...]

A verdade é que no Brasil, ao contrário do que se observa em outros países da América e da África de recente colonização européia, a cultura primitiva - tanto a ameríndia como a africana - não se vem isolando em bolões duros, secos, indigestos, inassimiláveis; ao sistema social do europeu. Muito menos estratificando-se em arcaísmos e curiosidades etnográficas. Faz-se sentir na presença viva, útil, ativa, e não apenas pitoresca, de elementos com atuação criadora no desenvolvimento nacional. Nem as relações sociais entre as duas raças, a conquistadora e a indígena, aguçaram-se nunca na antipatia ou no ódio cujo ranger, de tão adstringente, chega-nos aos ouvidos de todos os países de colonização anglo-saxônica e protestante. Suavizou-as aqui o óleo lúbrico da profunda miscigenação, quer a livre e danada, quer a regular e cristã sob a bênção dos padres e pelo incitamento da Igreja e do Estado. Nossas instituições sociais tanto quanto nossa cultura material deixaram-se alagar de influência ameríndia, como mais tarde da africana [...]

Na entrevista para o programa Vox Populi (1984), Jorge Amado, em resposta a uma pergunta feita por Alceu Valença, cantor e compositor pernambucano, afirma que “a nossa grandeza brasileira vem de que nós somos um povo mestiço. Um povo mestiço resultante de uma mistura de raças, de sangues, de culturas”. Logo depois, respondendo ao questionamento do jornalista Leo Gilson Ribeiro, diz que:

só há uma forma de acabar com o racismo no mundo: é a mistura de raças. Não há uma outra: é a mistura de raças. É que brancos, negros, índios, amarelos se misturem... e daí resultem povos mestiços. Não há outra, não há outra solução. Todas as demais posições assumidas levam ao racismo. Todas as demais. A única, a única maneira de acabar com o racismo é a mistura de raças, não há uma segunda. (AMADO, 1984)

Mais de uma década antes, essa mesma concepção se apresentou em um discurso proferido na Universidade de Bari, Itália, em 1972: “Desejo vos dizer que a nação brasileira vem se construindo e se afirmando (...) como resultado da mistura, persistente e sempre maior, de sangues e de raças, da mistura de culturas. A miscigenação e o sincretismo tem sido nossas armas na batalha do racismo” (apud GOLDSTEIN, 2000, p. 108). Nota-se no pensamento do escritor baiano a ideia de que a miscigenação é o caminho para democracia racial como, também, defende Gilberto Freyre.

Em “Rediscutindo a mestiçagem no Brasil” (1999), Kabengele Munanga contradiz tal teoria da mestiçagem proposta por Gilberto Freyre. Embora não despreze a formação de um povo e de uma ideia de nação a partir do entrecruzamento das raças presentes durante o período da colonização, no qual o abjeto estupro de mulheres indígenas e negras pelo homem branco teve papel preponderante, Munanga denuncia a visão freyreana como uma estratégia de assimilação das raças e das culturas produzidas pelos não brancos:

A mestiçagem, como articulada pelo pensamento brasileiro entre o fim do século XIX e meados deste século, seja na sua forma biológica (miscigenação), seja na sua forma cultural (sincretismo cultural), desembocaria numa sociedade unirracal e unicultural. Uma tal sociedade seria construída segundo o modelo hegemônico racial e cultural branco ao qual deveria ser assimiladas todas as raças e suas respectivas produções culturais. O que subentende o genocídio e o etnocídio de todas as diferenças para criar uma nova raça e uma nova civilização, ou melhor, uma verdadeira raça e uma verdadeira civilização brasileiras, resultantes da mescla e da síntese das contribuições dos stocks raciais originais. Em nenhum momento se discutiu a possibilidade de consolidação de uma sociedade plural em termos de futuro, já que o Brasil nasceu historicamente plural (p. 90).

Ainda nas palavras de Munanga,

o modelo sincrético, não democrático, construído pela pressão política e psicológica exercida pela elite dirigente foi assimilacionista. Ele tentou assimilar as diversas identidades existentes na identidade nacional em construção, hegemonicamente pensada numa visão eurocêntrica. Embora houvesse uma resistência cultural, tanto dos povos indígenas como dos alienígenas que aqui vieram ou foram trazidos pela força, suas identidades foram inibidas de manifestar-se em oposição à chamada cultura nacional. Esta, inteligentemente, acabou por integrar as diversas resistências como símbolos da identidade nacional. Por outro lado, o processo de construção dessa identidade brasileira, na cabeça da elite pensante e política, deveria obedecer uma ideologia hegemônica baseada no ideal do branqueamento. Ideal esse perseguido individualmente pelo negro e seus descendentes mestiços para escapar aos efeitos da discriminação racial (p. 101)

A discussão sobre miscigenação, sincretismo e democracia racial ou mito da democracia racial<sup>58</sup> são fundamentais no processo de ensinar e aprender História na perspectiva de levar os educandos a formação de um pensamento crítico em uma sociedade que precisa de ações antirracistas.

---

<sup>58</sup> Sobre a democracia racial em Jorge Amado e as críticas que sua obra recebe por essa questão ver CALIXTO, Carolina Fernandes. Jorge Amado e a identidade nacional: diálogos político-culturais. 2011. 171f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

A leitura de *Mar Morto* propicia ainda o reconhecimento do patrimônio material e imaterial da península itapagipana com seus templos católicos, sobrados e casarões, assim como as festividades religiosas e seculares. Grandes festas religiosas são comemoradas em Itapagipe: a Procissão do Bom Jesus dos Navegantes ou Festa da Boa Viagem, realizada no dia 31 de dezembro e no primeiro dia do ano; e a Lavagem das Escadarias da Igreja do Senhor do Bonfim ou Lavagem do Bonfim, sempre na primeira quinta-feira posterior ao domingo pós Dia de Reis, portanto, sempre em janeiro. Para além da sala de aula as visitas às igrejas do Senhor do Bonfim, da Boa Viagem e da Capela de Monte Serrat é uma rica aula de História não apenas para os estudantes da região, mas para alunos de toda a cidade.

Vários problemas de pesquisa podem ser construídos ao longo da leitura do livro. Uma das informações que mais chama atenção é exposto no capítulo intitulado “Iemanjá dos Cinco Nomes”, quando Jorge Amado afirma que a festa de Janaína, como também é conhecida a deusa cultuada no candomblé, era comemorada no dia 20 de outubro em Itapagipe:

Hoje é dia da festa de Iemanjá. No Dique, onde ela passa uns tempos no ano, sua festa é a 2 de fevereiro. Também na Cabeceira da Ponte, em Mar Grande, em Gameleira, em Bom Despacho, na Amoreira, seu dia é a 2 de fevereiro, e nessa data a festejam. Porém, em Monte Serrat é onde sua festa é maior, pois é feita na sua própria morada na loca da Mãe d'Água, ela é festejada a 20 de outubro. E vêm os pais-de-santo do Dique, de Amoreira, de Bom Despacho, de Gameleira, de toda ilha de Itaparica [...] (AMADO, 1970, p.71).

Ainda neste capítulo, Amado declara que “[...] sua festa foi proibida e durante algum tempo a substituíram pela procissão de Bom Jesus dos Navegantes. Mas aquelas águas eram de Iemanjá, e aos poucos a sua festa voltou [...]” (1970, p. 70). Isso colocaria um segundo problema para pesquisa que pode ser realizada em jornais baianos da primeira metade do século XX. Um terceiro problema para pesquisa são as menções aos terreiros de candomblé de Itapagipe no dia da referida festividade:

Cantam nessa noite de Iemanjá. Aquele terreno ali é onde se realiza a feira de Água dos Meninos, a maior da Bahia. Adiante, em Itapagipe, fica o porto dos canoieiros. Entre os dois a morada de Iemanjá, numa pedra do mar [...] Uma imensa massa humana que se movimenta na areia. A igreja de Monte Serrat aparece no alto, mas não é para ela que se dirigem esses braços cheios de tatuagens. É para o mar, esse mar de onde virá Iemanjá, a dona daquelas vidas. Hoje é dia dela brincar na areia [...]

Desembarcam dos saveiros. Iemanjá vem com eles. É noite da sua festa, ela vem dançar nos candomblés de Itapagipe [...]

O som dos instrumentos ressoa por toda península de Itapagipe. Os músicos estão excitados também, como todos que assistem esta macumba do pai Anselmo em honra de Iemanjá [...]

Fica evidente o quanto a obra de Jorge Amado suscita questões que podem servir como motivadores de pesquisa para o professor de História e para aproximar os educandos do trabalho do historiador. O trabalho com as marisqueiras, os concernentes ao Porto da Lenha e a religiosidade da região podem ser desenvolvidos em conformidade com o conteúdo programático de diferentes séries do Ensino Fundamental e Médio possibilitando inclusive o trabalho com temas transversais e o trabalho com a interdisciplinaridade.

## 2.2 CAPITÃES DA AREIA

Um ano após a publicação de *Mar Morto*, foi lançado o romance *Capitães da Areia*. Traduzido para o alemão, espanhol, francês, grego, húngaro, italiano, norueguês, polonês, romeno, russo e tcheco, foi adaptado para o teatro, rádio, televisão, história em quadrinho e cinema. Portanto, é uma obra conhecida por várias gerações de diversos lugares. O livro narra histórias de crianças e adolescentes que viviam nas ruas de Salvador. No princípio da narrativa são expostas notícias fictícias do “Jornal da Tarde” sobre menores que circulavam pela cidade cometendo delitos e que ficaram conhecidos por capitães da areia, por se estabelecerem pelas areias do cais. Segundo o jornal, a polícia e as autoridades não sabiam muito sobre eles, porém suas ações perturbavam a ordem e desafiavam a polícia e a elite soteropolitana. Além de noticiar um assalto promovido pelas crianças na casa de um comendador no Corredor da Vitória, o jornal publicou cartas sobre o reformatório, denunciado por uma mãe como inapropriado para menores e defendido pelo diretor como uma “grande família”, cumpridor da “santa missão” de educar. A utilização de notícias e de cartas imprimiu verossimilhança na narrativa.

As publicações fictícias, assim como diversos trechos dos romances, podem ser levadas para a sala de aula pela capacidade de instigar o leitor a pensar sobre um problema social atemporal - a infância abandonada e marginalizada. Maria Luiza Marcílio contribuiu significativamente para as pesquisas concernentes a essa questão ao coordenar o projeto de pesquisa coletiva e interdisciplinar - A Família e a Criança na História Social da População Brasileira - no Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina (CEDHAL), na Universidade de São Paulo que buscou

conhecer, analisar e buscar soluções para a problemática do abandono, marginalização e exploração de crianças. O livro nomeado por *História Social da Criança Abandonada*<sup>59</sup> resulta dessas pesquisas e constitui-se um importante referencial teórico para pensar as questões da infância. Cabe ressaltar que a historiadora aliou o cientificismo a afetividade, demonstrando que, para além da literatura, também se faz história com sentimentos.

Jorge Amado buscou aliar a realidade e a ficção levando o leitor a refletir sobre um grupo da sociedade, que normalmente é esquecido na sociedade, dando forma, vida, nome e sentimentos para personagens que representam indivíduos da sociedade. Para Andrade (2014), “o romance transita entre o realismo da crítica social e os elementos romanescos e melodramáticos” (p 1) e “revela Jorge Amado comunista partidário, perfil que procurava imprimir às suas obras tematizando as contradições sociais do capitalismo, reforçando a designação ‘romances proletários’ para as obras dessa fase”. (p. 5) Luiz Gustavo Freitas Rossi ao discutir sobre “A militância política na obra de Jorge Amado” sugere a seguinte atividade pedagógica:

Após a leitura de *Capitães da Areia*, pedir aos alunos que pesquisem sobre moradores de rua, particularmente crianças no Brasil atual. Em seguida, pedir que relacionem elementos do romance com elementos da realidade brasileira contemporânea, em cartazes a serem expostos na classe. (p.32, 2014)

Atividades como essa, especialmente, quando adaptada a História Local favorece a elaboração de saberes históricos e desenvolve habilidades de análise crítica e argumentação, além de sensibilizar os indivíduos para questões pertinentes na sociedade. As questões sociais problematizadas pelo romance como menores infratores, crianças em situação de rua e abandono das autoridades são questões que importam ser trabalhadas em sala de aula e relacionadas a realidade mais antiga a situação da atualidade.

*Capitães da Areia* é um romance estruturado em três partes. Na primeira “Sob a lua, num velho trapiche abandonado” são descritos cenários da vida dos capitães: o trapiche onde viviam, as ruas que andavam, lugares que frequentavam... Fala da Cidade Baixa de Salvador, como o lugar onde os sonhos se realizavam, trata o centro urbano, como o local em que atuavam como ladrões, descreve o terreiro de candomblé, como o espaço onde eram apenas crianças, e apontam para o Lazareto

---

<sup>59</sup> MARCÍLIO, Maria Luiza. **História Social da criança abandonada**. São Paulo: Hucitec, 1998.

como um lugar de morte, onde os sonhos se dissipavam. Tais ambientes são citados, à medida que vai sendo apresentado o perfil de alguns dos capitães. As características físicas, as histórias de vidas, as angústias e as expectativas de futuro levam o leitor a aproximação afetiva com os meninos.

A segunda parte é nomeado de “Noite da grande paz dos teus olhos” e conta a história de amor do líder dos capitães, Pedro Bala, e Dora, única “capitã da areia”. A narrativa sobre Dora é envolvente. Sobre a morte de sua mãe, o romance notícia e descreve a epidemia da varíola<sup>60</sup> e as vítimas que fez entre a população pobre de Salvador, mesmo décadas após o desenvolvimento da vacina. Sem família e discriminada como “filha de bexinguenta”, Dora e seu irmão contou com o acolhimento dos capitães da areia. A narrativa sobre Dora expressa à figura feminina como aquela que cuida, ensina, protege e ama. Toda a discussão presente nesse romance, inclusive a trajetória de Dora dialoga com o conteúdo proposto pela BNCC para o nono ano.

Na última série do Ensino Fundamental estudamos o século XX, entre as diversas temáticas estão os problemas urbanos, as epidemias e a atuação do governo. No entanto, a abordagem, geralmente, tem como lócus o Rio de Janeiro, então capital do Brasil, palco da Revolta da Vacina, ocorrida em 1904, e de reformas urbanas excludentes. Jorge Amado lança o olhar sobre Salvador. Pela história de Dora, órfã de mãe vítima da varíola, é possível observar como os espaços da cidade eram delimitados, como a doença e o descaso governamental matava a população negra e pobre mesmo após décadas da chegada da vacina no Brasil. É possível pensar também sobre um período histórico não tão distante, mas que não existiam direitos assegurados para crianças e adolescentes da classe baixa e debater quais são os direitos atuais, assim como pensar os limites deles.

Em “Canção da Bahia, canção da liberdade” é narrado o desfecho dos personagens. O destino de cada menino que saiu do grupo é carregado de reflexões, principalmente sobre o fim de Pedro Bala que deixa de ser o líder de meninos

---

<sup>60</sup> Na primeira metade do século XX, a epidemia da varíola, com as campanhas de vacina insuficientes, ainda fazia muitas vítimas em Salvador, principalmente entre a população pobre. Segundo informações do Museu Interativo da Saúde na Bahia, os casos de varíola foram desaparecendo gradativamente durante a década de 20. Porém, Jorge Amado enfatiza no romance Capitães da Areia, o quanto ainda era assustadora a proliferação da doença e o quanto os doentes eram mal assistidos. Brasil TK, Guerreiro H. Varíola. Museu Interativo do Estado da Bahia. Disponível em: <http://www.misba.org.br/epidemia/epidemias-em-salvador-bahia/epidemia-de-variola/>. Acesso em 15/08/2021.

marginalizados e torna-se um homem, comunista e revolucionário.

As narrativas evidenciam desigualdades entre ricos e pobres, fracos e fortes, homens e mulheres. Na ficção, reconhecemos uma realidade próxima, uma sociedade que mudava pela modernidade, enquanto mantinha a opressão, os preconceitos, a intolerância e as desigualdades. Diante de toda denúncia social, o livro *Capitães da Areia* foi vítima de uma grande perseguição política, sendo proibidos e diversos exemplares recolhidos das livrarias foram incinerados. Tal perseguição já constitui um tema a ser trabalhado em aula: a repressão no Estado Novo. A leitura e discussão desse romance em sala de aula significa tratar de temas sensíveis em uma linguagem acessível para crianças e adolescentes.

Em três momentos de “Capitães da Areia”, Jorge Amado faz referência a Itapagipe. O primeiro momento diz respeito a uma experiência feliz que marcou os menores infratores ocorrida em uma praça de Itapagipe onde foi instalado um carrossel, o Grande Japonês. Volta Seca e Sem-Pernas tiveram oportunidade de conhecer histórias de lugares que o carrossel passou e foi pelo entusiasmo de estar tão próximo de um grande brinquedo que os garotos aceitaram a proposta do Nhozinho França: trabalhar para ele enquanto estivesse na cidade. Nenhum dos capitães tinha tido a oportunidade de brincar em um carrossel. Mesmo quando possuíam como pagar eram impedidos devido a aparência. Um parque de diversões era o sonho de muitos.

Em uma das histórias contadas por Nhozinho França aos meninos, o personagem narra que possuía mais brinquedos em um outro tempo e se instalava em lugares ricos da cidade, mas que perdeu grande parte por conta da bebida, restando-lhe aquele velho carrossel. Sua escolha por instalar em Itapagipe ocorreu, pois, “as famílias não são tão ricas, há muitas ruas só de operários e as crianças pobres saberiam gostar do velho carrossel desbotado” e gostaram mesmo. Em uma das noites, os capitães puderam esquecer suas mazelas, os insultos diários, a luta pela sobrevivência, sorriram e sonharam como qualquer criança.

Nas noites da Bahia, numa praça de Itapagipe, as luzes do carrossel girariam loucamente movimentadas pelo Sem Pernas. Era como num sonho, sonho muito diverso dos que o Sem Pernas costumava ter nas suas noites angustiosas. E pela primeira vez seus olhos sentiram-se úmidos de lágrimas que não eram causadas pela dor ou pela raiva. (p.86)

A narrativa sobre a experiência dos meninos no carrossel favorece várias

discussões sobre infância e direitos da criança e do adolescente. O Brasil é marcado por infâncias roubadas, descaso das autoridades e da própria comunidade com os menores em condição de rua. Em Itapagipe existem muitos menores em condições de extrema pobreza, o Largo dos Mares<sup>61</sup>, por exemplo, está repleto de crianças e condições de mendicância. Debater essa questão é uma das responsabilidades da escola.

Além de questões sociais, o texto amadiano permite suscitar questões sobre as praças de Itapagipe. Historicamente, sempre foram lugares de encontros, passeios de famílias, locais esportivos e a presença de parques de diversão estão na memória de muitos moradores. Pesquisar sobre as principais praças de Itapagipe através da conversa com moradores antigos e trabalhadores ambulantes é uma atividade que favorece o encontro do antigo com o moderno. No romance, não fica claro qual é a praça palco da experiência gloriosa dos capitães, sem essa informação pode ser proposto uma atividade investigativa: dividir a turma em grupos, cada grupo pesquisa uma praça de Itapagipe na década de 1930 e identifica características que mostrem ser aquela ou não a praça citada por Jorge Amado. A atividade favorece o levantamento de fontes, a elaboração de hipóteses e a análise de dados.

No segundo momento que Jorge Amado cita Itapagipe diz respeito a uma das histórias de *Sem Pernas* que ao visitar o luxuoso cinema do Guarany com uma família abastada precisou ouvir o filme em silêncio enquanto na Ribeira podia "gritar e assobiar". Poucos adolescentes conhecem o passado cultural da região. Em Itapagipe, havia dois cinemas, no período referendado no romance, frequentados pela comunidade: o Cine Roma<sup>62</sup> que arrecadava verba para as obras de irmã Dulce e o referendado no romance, o Cine Itapagipe<sup>63</sup> muito frequentado pela juventude em meados do século. Conhecer a história desses cinemas significa aprofundar saberes da História Local, as mudanças sofridas no espaço físico, mas também nos

---

<sup>61</sup> Uma das principais praças de Itapagipe, compõe a principal rota de entrada e saída da península é cercada por casas comerciais e importantes igrejas da cidade. É considerado um dos espaços com mais pessoas em situação de rua em Salvador. Ver VERAS, Renata Meira et al. As condições de vida e de trabalho da população em situação de rua do Centro Histórico de Salvador, Bahia. Caderno de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas, Santa Catarina, v. 15, n. 106, 04 Jul 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1984-8951.2014v15n106p161>. Acesso em: 7 mai. 2023.

<sup>62</sup> Ver SOUZA, George. Entre o religioso e o político: uma história do círculo operário na Bahia. Dissertação – Mestrado em História – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996.

<sup>63</sup> Ver ARAGÃO, Fernanda Maria. Ribeira de Itapagipe: história de um bairro de Salvador. Salvador, 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação com habilitação em Jornalismo) - Ufba. A autora reuniu diversos depoimentos de antigos moradores que descrevem espaços de lazer e convivência no bairro da Ribeira.

hábitos e costumes de uma comunidade.

Interessante confrontar as observações feitas pelos personagens do romance sobre Itapagipe, Nhô França que instala seu carrossel no local por conhecer o perfil humilde das famílias que frequentam as praças e o de Sem Pernas a se sentir saudoso do comportamento animado e irreverente dos itapagipanos. O quanto dessas declarações corresponde à realidade da península? As famílias eram sempre pobres? Quem eram os proprietários dos grandes casarões ainda existentes na região?

O terceiro momento que o autor faz referência a Itapagipe é sobre a existência de uma fábrica de cigarros, local onde o pai de Pedro Bala, líder dos Capitães da Areia, trabalhava. Bala conhece a história de seus pais nas Docas em um diálogo com João de Adão, líder sindical. Seu pai, líder grevista nas Docas, foi morto em um movimento trabalhista. Esse trecho do livro pode estimular a curiosidade por saber sobre as fábricas existentes em Itapagipe, qual a importância delas para o desenvolvimento econômico da região e seu povoamento. Também é importante pesquisar o porquê dessas fábricas terem fechado, as vantagens e desvantagens de não ser mais um centro industrial da cidade. Para além das questões urbanas e econômicas, essa história favorece discutir o que é um movimento grevista, a importância desses movimentos na conquista de direitos e quais os riscos vividos por um líder sindical em períodos de desrespeito às instituições democráticas. Nos livros didáticos, geralmente, só aparecem lutas trabalhistas na Europa e, em raros casos, em São Paulo. É pertinente aproximar os estudantes do lugar que vive. Salvador foi palco de lutas políticas e sociais, portanto Itapagipe como primeiro centro industrial da cidade também foi.

As discussões sobre os trabalhadores podem ser aprofundadas com o estudo de trechos de autores que trabalham com a História Social do trabalho como Maria Cecília Velascos Cruz<sup>64</sup> que aborda em suas obras movimentos operários no Rio de Janeiro e em Salvador, assim como questões de memórias dos trabalhadores, principalmente os ligados aos labores portuários.

As aulas de história quando possibilita o diálogo entre a Literatura e a História Local assim como estimula a pesquisa, a investigação de outras fontes e o diálogo

---

<sup>64</sup> Ver: CRUZ, M. C. V.; LEAL, M. G. A. (Org.); MORENO, J. R. (Org.). Histórias e espaços portuários. Salvador e outros portos. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2016.

com a comunidade é um caminho enriquecedor para atender a proposta da BNCC de História para o Ensino Fundamental que explicita a necessidade de “associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos”, assim como de “associar o conceito de cidadania à conquista de direitos dos povos e das sociedades, compreendendo-o como conquista histórica”. “Nosso aluno, cada aluno, tem de se perceber como um ser social, alguém que vive numa determinada época, num determinado país ou região, oriundo de determinada classe social, contemporâneo de determinados acontecimentos” (PINSKY, 2018, p. 26). Com *Capitães da Areia* é possível resgatar memórias, dá voz a sujeitos invisibilizados, estimular a criatividade e sensibilizar adolescentes para uma realidade próxima deles.

### 2.3 BAHIA DE TODOS OS SANTOS - GUIA DAS RUAS E DOS MISTÉRIOS DA CIDADE DO SALVADOR

Em 1944, foi publicado *Bahia de Todos os Santos - Guia das Ruas e dos Mistérios da Cidade do Salvador*. A obra é iniciada com o seguinte convite:

E quando a viola gema nas mãos do seresteiro na rua trepidante da cidade mais agitada, não tenhas, moça, um minuto de indecisão. Atende o chamado e vem. A Bahia te espera para sua festa mais quotidiana. Teus olhos se encharcarão de pitoresco, mas se entristecerão também ante a miséria que sobra nestas ruas coloniais onde começam a subir, magros e feios, os arranha-céus modernos. (AMADO, 1986, p. 11)

No livro, o autor fala de ruas, questões culturais, religiosas, cita festas, descreve praias, enfatiza personalidades entre outros aspectos. *Bahia de Todos os Santos* é um rico instrumento para entender Salvador em seus mais diversos aspectos, inclusive nas desigualdades que marcam a cidade. Esse livro não é um romance propriamente dito, segundo o autor é “um estranho guia” que exalta o que há de bom e expõe as mazelas sociais.

Ricardo Araújo Barberena (2020) em “A cidade desejada e sublimada por Jorge Amado: os lugares imaginados em Bahia de Todos-os-Santos: guia de ruas e mistérios de Salvador” sinaliza que, devido às mudanças urbanas ocorridas na segunda metade do século XX, o guia sofreu algumas alterações, entretanto, manteve-se a “estrutura fundamental e o espírito do livro: a produção de uma espécie de enciclopédia do ser/estar baiano - cenários, histórias, velhas ruas, novas avenidas, costumes, festas, miséria, alegria, igrejas, candomblé, santos, orixás e personagens

variados” (p. 1) Todas as descrições nos apresentam realidades diversas, curiosas e enriquecedoras para debater nas aulas a cidade de Salvador e apesar da primeira publicação pertencer a década de 1940 e as últimas atualizações ocorrerem na década de 1980, muito do que é exposto por Amado ainda é uma realidade conhecida pelos estudantes da educação básica.

Jorge Amado descreve a Península de Itapagipe em *Bahia de Todos-os-Santos: Guia de ruas e mistérios* como um lugar além da Cidade Baixa, para o escritor é um bairro da pequena burguesia, abriga a população pobre e o proletariado. Em aspectos físicos é caracterizada pela presença de prédios coloniais, existindo uma coexistência harmônica entre o antigo e o moderno. Em aspectos gerais é marcada pelo silêncio da noite, por amores no cais e por um grande misticismo.

Itapagipe é comparada a São Caetano, Plataforma e Estrada da Liberdade por serem todos bairros proletários. Amado não destaca a riqueza cultural ou a beleza natural da região, fala da miséria, das dificuldades, narra os problemas enfrentados pela população e apresenta um povo que resiste a despeito de todas as dificuldades. “Resistência à fome e à enfermidade, ao trabalho mal remunerado, às mortes dos filhos, ao hospital à desgraça da vida. A resistência do povo é além de todos os limites. Apesar de tudo, ele sobrevive.” (1986, p.81) Para o escritor, enquanto o antigo e o moderno estão presente de forma harmoniosa, existe um confronto violento entre a riqueza e a pobreza.

Realizar a leitura de trechos dessa obra em sala de aula é facilitada por ser composta de textos curtos e de fácil compreensão. Diversos objetos do conhecimento podem ser contextualizados, exemplificados ou analisados partindo dos comentários e conclusões do autor. Por exemplo, ao estudar a Revolução Industrial é importante abordar as transformações dos espaços urbanos e os impactos sociais. A leitura amadiana permite problematizar conceitos relacionados ao ambiente que os estudantes conhecem. Questões como o que é um bairro proletário? Por que Itapagipe é descrita como bairro proletário? Havia indústrias nessa região? Quem eram os industriais? Essas questões certamente levarão ao nome de Luiz Tarquínio, proprietário de uma importante fábrica de tecidos instalada na região, atualmente nome de um bairro de Itapagipe, de praças e de escola. O estudo sobre a industrialização na região conta com fontes de pesquisa interessantes, como exemplo

os cartões postais<sup>65</sup> produzidos pela Companhia Empório Industrial do Norte – CEIN que podem ser comparadas as descrições contidas nos textos amadianos sobre a vida dos operários da região.

Ao longo das descrições sobre a cidade de Salvador, Jorge Amado cita bairros de Itapagipe, sem necessariamente, afirmar fazer parte da península. As descrições mais emotivas são sobre os Alagados, parte de Itapagipe que surgiu na década de 1940. Os Alagados é definido por Amado como uma imensa cidade de palafita sobre lama, “é a miséria em sua maior crueza, espetáculo deprimente e revoltante”. O morador dos Alagados é visto com admiração como mostra o trecho a seguir: “Com o lixo, com a lama e com a necessidade de habitar, com sua capacidade de viver, de se sobrepor à morte, o povo constrói bairros inteiros, ergue suas casas na terra ou no mar” (1986, p.85), O escritor apresenta ainda dados do “Boletim Bioestatístico do Departamento de Saúde do Estado da Bahia”<sup>66</sup> sobre a mortalidade infantil afirmando que a cada 1000 crianças, 385 morriam em menos de um ano devido a fome. Amado convida os turistas a visitar a região caso tenha coragem de ver a miséria e assistir a enterros de crianças que não tiveram a oportunidade de conhecer a vida.

Três décadas se passaram entre a denúncia realizada por Jorge Amado e a primeira intervenção governamental na região. Segundo Janaína Lisiak,

a primeira intervenção do Estado nessa região ocorreu entre os anos 1973 e 1974, articulando das três esferas de poder e valendo-se da estrutura do Banco Nacional de Habitação (BNH) para financiar a ação. A operação, implementada até 1987, erradicou as palafitas existente, realizando um grande aterro, provendo a rede de serviços essenciais (água, saneamento e eletricidade).” (LISIAK, 2020, p. 165)

As declarações sobre a situação de miséria dos Alagados podem ser discutidas em sala de aula. Os estudantes, dessa forma, são incentivados a concordar, negar ou enriquecer as descrições do autor sobre os Alagados. Igualmente, pode-se analisar o trecho da dissertação do mestrado de Lisiak que possuem dados mais recentes, sobre a existência das palafitas e da falta de serviços essenciais para a população. Apesar das medidas governamentais, das grandes áreas aterradas, as condições precárias de moradia ainda é uma realidade de muitos em partes de Itapagipe.

<sup>65</sup> Os cartões eram produzidos pela própria companhia objetivando a divulgação da empresa. Existem cartões disponíveis na internet. Ver <https://lehmt.org/lugares-de-memoria-dos-trabalhadores-66-vila-operaria-de-luiz-tarquino-salvador-ba-marilecia-oliveira-santos/>

<sup>66</sup> A partir de 1957, o Departamento de Saúde do Estado da Bahia passou a divulgar dados estatísticos sobre a mortalidade no estado por idade, sexo e cor.

Outro texto que dialoga com Amado e Lisiak é a música de Bi Ribeiro, João Barone e Hebert Viana, membros da famosa banda Paralamas do Sucesso, intitulada *Alagados* que corresponde a uma denúncia social da desigualdade existente no Rio de Janeiro e em Salvador, ao mesmo tempo que faz uma alerta a população ao declarar no refrão que o auxílio não viria do “mar”, nem das “antenas de TV”.

A denúncia de Jorge Amado nessa obra confirma sua própria informação que seu guia não era comum, não existiu nenhuma preocupação em esconder as informações sobre os problemas da cidade e as dificuldades de sua população. Atesta ainda sobre ser a literatura uma porta de entrada para evidenciar lugares não abordados pelos livros didáticos. Além de sua visão sobre os espaços, Jorge Amado faz referências que podem ser exploradas de forma didática, como acontece ao citar Jenner Augusto, pintor sergipano que morou em Salvador depois de 1949 e realizou um rico trabalho ao pintar os Alagados. Para Amado, o artista “torna dramática a paisagem cruel” e “pela arte denuncia a vida na lama”. A arte de Jenner Augusto pode ser levada a sala de aula para que os estudantes conheçam representações dos Alagados em uma outra época e relacionem com a atualidade. Também é possível comparar as leituras realizadas sobre a obra do pintor dos próprios estudantes com as leituras expostas por Jorge Amado. Os estudantes podem ainda ser provocados a entrevistar moradores antigos da região para que conheçam memórias construídas sobre as palafitas, é possível que exista na turma, alguém que more ou já tenham morado em palafitas.

A vida religiosa em Itapagipe também é abordada por Jorge Amado. A Capela de Monte Serrat é citada como original do século XVIII e guarda ex-votos de milagres realizados por Nossa Senhora. Os milagres aparecem ainda na Igreja do Bonfim que possui uma sala com os inúmeros presentes em referência ao pagamento de promessas recebidas. Para o escritor, esse ambiente reflete um “estranho misticismo” e “reúne histórias da miséria humana”. Para as escolas localizadas na península existe o benefício de fazer visitas a essas igrejas sem custo devido à proximidade dos locais e a possibilidade de acesso caminhando. Em aulas de campo, é possível verificar as informações dadas por Amado com as expostas nos locais e conhecer novas informações.

As festas da Península de Itapagipe são abordadas no guia com destaque para a Lavagem do Bonfim e a segunda-feira gorda da Ribeira. Sobre a Lavagem do Bonfim, o autor faz uma discussão em relação a fé no Senhor do Bonfim afirmando

que não existe exclusividade de nenhuma religião. Para a cultura afro é Oxulafã, ou seja, o Oxalá-velho, em sua maior dignidade. Afirma que apesar do arcebispado buscar conter as comemorações, o santo é do povo e não possui preconceitos. Essa informação introduz uma discussão pertinente sobre o sincretismo religioso. Conhecer os sincretismos, debater sobre intolerância religiosa, conhecer as manifestações populares são fundamentais na elaboração de saberes históricos.

Na descrição amadiana, as festas duravam oito dias com destaque para a quinta da lavagem da escadaria do Bonfim e a segunda-feira na Ribeira quando os foliões amanheciam no bairro com blocos de carnaval, grupos de capoeiras e barracas. Nas casas as famílias se reuniam e serviam comidas e bebidas. Essa narrativa também pode ser analisada pelos alunos com o conhecimento e experiências que eles têm por vivenciarem esses momentos e ouvir histórias de seus familiares.

Na última parte do guia, o autor dedica a divulgação e orientações sobre serviços prestados na cidade. Logo na primeira página cita o trabalho realizado por Irmã Dulce<sup>67</sup> e anuncia que logo a mesma seria canonizada pelo Vaticano como santa. A história de Itapagipe está marcada pela obra de Irmã Dulce desde sua atuação como professora em Massaranduba, o serviço social prestado nas palafitas, a fundação de posto médico e da União Operária São Francisco para atender os numerosos operários de Itapagipe. Pela assistência aos necessitados, crianças abandonadas e idosos sem lar, Jorge Amado considera a freira a santa da Bahia e solicita dos turistas doações para a instituição. As Obras Sociais Irmã Dulce permanecem importante para a comunidade de Itapagipe e de toda a Bahia. Conhecer a história da instituição é problematizar questões sociais e enriquecer o conhecimento sobre História Local. A própria instituição oferece serviços de divulgação da vida e obra da Santa Dulce com finalidades pedagógicas<sup>68</sup>.

"Bahia de Todos-os-Santos: Guia de ruas e mistérios abre muitas possibilidades temáticas para o professor de História, não apenas sobre Itapagipe, mas sobre qualquer outro lugar da cidade.

---

<sup>67</sup> Sobre a obra de Santa Dulce dos Pobres ver SALAZAR, Clarissa Rocha da Silva. **Gestão do voluntariado e dádiva: reflexões à luz do caso obras sociais Irmã Dulce** – OSID. Salvador, 2004 Dissertação (Administração) - Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/11173>. Acesso em: 5 dez. 2022.

<sup>68</sup> Site da instituição [Obras Sociais Irmã Dulce - OSID \(irmadulce.org.br\)](http://Obras Sociais Irmã Dulce - OSID (irmadulce.org.br))

## 2.4 A MORTE E A MORTE DE QUINCAS BERRO D'ÁGUA

O contexto histórico da publicação dessa obra é diferente das obras anteriores. É uma nova fase do escritor com temas mais relacionadas a cultura e a sociedade. A militância política tendeu a ser mais escassa dando espaço para questões culturais e personagens mais complexos. Como enfatiza Benjamin Abdala Júnior:

Jorge Amado é o romancista da vida popular, que retrata em sua ficção a maneira de ser da população baiana, seus costumes, sonhos, e também suas misérias. No início de sua trajetória literária, Jorge Amado preocupou-se mais com os aspectos políticos da luta de sua gente. Ele próprio, como cidadão, engajou-se na luta política contra a ditadura de Getúlio Vargas, o que lhe valeu prisão e exílio do país. Seus livros de conteúdo político chegaram a ser queimados em praça pública. Depois, afastou-se dessa ênfase política, enveredando para o registro de costumes e a fantasia, bem ao gosto de seu público leitor. (1993, p. 32)

Publicado pela primeira vez em 1959, *A morte e a morte de Quincas Berro D'Água* corresponde a uma negação às verdades morais, que moldam ou excluem os indivíduos na sociedade. O autor demonstra com sensibilidade e humor o quanto a moral católico-burguesa foi utilizada para sustentar as diferenças entre classes no Brasil. Jorge Amado mantém nessa narrativa uma negação aos padrões socialmente impostos e valoriza a liberdade.

A novela amadiana é construída de forma que Joaquim Soares da Cunha e Quincas Berro D'Água se desdobram em realidades completamente distintas, junto com suas respectivas famílias, demonstrando a força dos acordos sociais na castração dos desejos – duas personas em um corpo. O protagonista no primeiro momento é Joaquim aquele que se conforma com os pactos sociais para, em outro instante, assumir a personalidade de Quincas que insiste em negar qualquer regra, posição símbolo de uma libertação pessoal.

Quincas Berro D'Água é um personagem que desafia a morte. Arremeda, assim, os escritores que, com sua imaginação e sua liberdade interior, ultrapassam os limites da realidade e desafiam as leis da natureza. Ele não é um resignado, mas um insubmisso. Contudo, sua revolta vai muito além da rebeldia contra as mazelas sociais e se expande para uma revolta contra os limites da condição humana e as determinações do destino. (CASTELO, 2014, p. 16)

Para Renzcherchen e Ferreira (2019), com a história de Quinca Berro D'Água “Amado nos faz entrar na História e imaginar um baiano na metade do século XX vivendo todas as nuances da moralidade e da imoralidade, regras e etiquetas do

contexto social interpretado” (p. 338). No romance é possível diferenciar costumes e valores da classe média de Salvador e dos marginalizados pelo sistema. Os primeiros, preocupados com os padrões, regras e aparências, enquanto os excluídos criam laços de solidariedade que se impõe diante das mazelas sociais.

Jorge Amado descreve com ironia, a moral burguesa impressa nas mentes dos brasileiros, levando o leitor a ver como esta moral aliena os dominados e exclui os que a negam. No decorrer da narrativa aparecem opções para o indivíduo: ou se curvar diante das verdades impostas pelos dominadores ou pagar o alto preço da marginalização; optar pelo conformismo de Joaquim Soares da Cunha ou padecer as mazelas de Quincas Berro D’Água. O orgulho dos familiares em relação ao “exemplar funcionário da Mesa de Rendas Estadual” logo é substituído pela morte social do protagonista para a família no momento em que decidiu abdicar das convenções, a “ponto de seu nome não ser pronunciado e seus feitos não serem comentados na presença inocente das crianças, para as quais o avô Joaquim, de saudosa memória, morrera a muito, decentemente, cercado da estima e do respeito de todos”. (AMADO, p. 2)

Durante a leitura do romance, o narrador expõe as convenções morais estabelecidas como uma prática de dominação que impedem tentativas de transformação social. O próprio Quincas, em sua longa vida como Joaquim Soares da Cunha, viveu alienado pelas normas, desde quando se submetia aos maus tratos da esposa e ao monótono cotidiano da repartição pública para manter a imagem diante da sociedade, garantindo o sustento. Após a aposentadoria, o personagem abandonou sua vida de subalterno e buscou entre os excluídos pelo sistema uma nova forma de viver. Quincas precisou construir uma nova família entre os excluídos como ele, pois a antiga, assim como todos os outros conhecidos, só teria desprezo e nojo, no máximo um instante de pena, a lhe oferecer depois de sua negação aos padrões sociais.

Mais uma vez, Jorge Amado lançou o olhar para pessoas invisibilizadas pelas narrativas tradicionais. Para Lilia Moritz Schwarcz (2009)

No livro *A morte e a morte de Quincas Berro d’água* está contemplada, e de certa maneira condensada, toda a arquitetura de Amado, com seus mulatos boêmios, prostitutas doces, cozinheiras solidárias, pescadores e marinheiros mancomunados, o compadrio da pobreza, a avareza dos grupos mais abonados e o largo mar. O mar que distingue e socializa. (SCHWARCZ, 2009, p. 36)

A literatura permite uma descrição dos personagens capaz de evidenciar estereótipos construídos culturalmente. A família conservadora de Joaquim é retratada como avarenta, mentirosa, hipócrita e preconceituosa, enquanto a nova família, a adotada com Quincas, é boêmia, festiva, pouco dada ao trabalho. O romance possibilita “compreender muito mais das noções de “baianidade” na qual forjaram-se discursos e construíram-se estereótipos e estigmas sobre a população baiana que, infelizmente, ainda perpetuam na sociedade”. (RENZCHERCHEN e FERREIRA, 2019, p. 342) Identificar os personagens e os estereótipos presentes nas descrições é um exercício interessante para analisar a imagem construída sobre o baiano em meados do século que por vezes é reproduzida até hoje.

A família de Quincas possui uma visão preconceituosa sobre os moradores da Ladeira do Tabuão. O genro temia o lugar a noite que seria tomado por “malandros e prostitutas”, a filha considerava os amigos do pai “vagabundos”, inclusive chegou a acreditar “que os indecentes amigos de Quincas não demorassem, no velório não havia nem bebida nem comida. Não sabia por que ainda estavam no quarto, não havia de ser por amizade ao morto, essa gente não tem amizade a ninguém.” As percepções sobre os mais pobres revelam uma realidade presente na Bahia. O passado escravocrata mantia uma estrutura de rejeição a tudo que estava relacionado ao negro. Inclusive é perceptível que entre o empresariado existia um desprezo pela mão de obra negra.

O contexto político da década de 1950 foi marcado por um discurso modernizador que envolvia disciplina e trabalho, elementos que se acreditava ser fundamentais para alcançar o desenvolvimento econômico. Na Bahia a modernização chegou atrasada. Segundo Bruno Maciel, Salvador ainda era muito provinciana, tranquila e tradicional. Alguns prédios de arquitetura moderna na rua Chile demonstravam a branda chegada da modernidade para a Cidade de Salvador, na época com pouco mais de quatrocentos mil habitantes. Na cidade ainda não havia infra-estrutura urbana, nem sistemas eficientes de telefonia, energia elétrica e transporte urbano. Todos, características das modernas metrópoles do mundo. (MACIEL, 2006)

A situação dos prédios da Ladeira do Tabuão, descritas na novela, revela que a tardia modernização não era pra todos. Em *A morte e a morte de Quincas Berro D'Água*, Jorge Amado apresenta antagônicas formas de se viver na Bahia ao abordar a cidade de Salvador em dois ambientes distintos. O espaço das famílias

conservadores, de “gente distinta”, dos trabalhadores dedicados e o espaço dos “vagabundos”, “meretrizes” e “bêbados”. O primeiro diz respeito a Itapagipe, local onde vivia a filha de Quincas e seu esposo, enquanto o segundo era a Ladeira do Tabuão, onde o personagem vivia na libertinagem.

O Tabuão era na década de 1950 um local de sobrados antigos, quase desmoronando, com uma população humilde, “empregados no comércio, operários, marítimos, pobres de toda espécie, as prostitutas mais acabadas”. (AMADO, 1986, p.71) Já a Península de Itapagipe apresentada nessa obra é do local da moralidade, do conservadorismo, das “pessoas de família”. Para Vanda, filha de Quincas, é um lugar de memórias. Ao ver o pai morto aparece em suas lembranças cenas da infância: “o pai a acompanhá-la a um circo de cavalinhos, armado na Ribeira por ocasião de uma festa do Bonfim. Talvez nunca o tivesse visto tão alegre, tamanho homem escarranchado em montaria de criança, a rir às gargalhadas, ele que tão raramente sorria.” (p.14)

O discurso moralizador em Itapagipe pode estar relacionado a forte presença de fábricas que possuíam um modelo de comportamento exigido a seus funcionários. Marilécia Santos (2005) ao analisar os padrões estabelecidos pela maior indústria têxtil do Norte-Nordeste a Companhia Empório Industrial do Norte – CEIM destaca a imagem construída de ordem, disciplina e higiene, seguindo os moldes europeus. Como forma de controlar os operários, junto a fábrica, foi inaugurada a Vila Operária que oferecia aos moradores água canalizada, energia elétrica serviços educacionais e de saúde, além de atividades esportivas e culturais, ou seja, condições de vida que superava outros lugares da cidade. As vantagens de trabalhar na CEIM e de morar na vila era amplamente divulgada através de jornais e cartões postais encomendados, sempre relacionada a expressões “Cidade do Trabalho” e “Cidade do Bem”. Como enfatiza Santos,

A vila possibilitava uma interferência racional no cotidiano dos trabalhadores e havia uma fiscalização constante. A permanência da fiscalização justificava-se pela necessidade de vigiar os hábitos que eram diversos numa Bahia tão mestiça. Não questionar formalmente o regulamento e submeter-se às normas disciplinares também pode ser uma estratégia dos trabalhadores para terem acesso aos prêmios e merecimentos destinados àqueles considerados “bons trabalhadores” e mesmo a continuação da moradia, pois trabalhar e ter onde morar era uma condição indissociável. (SANTOS, 2005 p. 7)

Nas escolas que atendiam os filhos dos funcionários é possível identificar ideias

eugênicas e o fato da não existência de pessoas que foram escravizadas reafirma a não inclusão do negro no projeto de modernização da cidade. Para o fundador da CEIM, os ex-escravizados possuíam uma tendência a resistência e a insubordinação (SANTOS, 2000, p. 68). Segundo Maria Helena Flexor “não se permitiam mais mendigos, meninos abandonados, doentes mentais, ex-escravos, velhos, incluindo os migrantes, pelas ruas, para não enfeiá-las e sujá-las.” (p. 152) Essa política não era recente, Water Fraga Filho (1994) enfatiza que:

As crises econômicas freqüentes, ao longo do século XIX, lançaram nas ruas muita gente à procura de trabalho. Manoel Cristiano, natural da vila de Itaparica, confessou que, por estar desempregado há quatro meses, era obrigado a ir à cidade da Bahia para "procurar o que fazer". Essa mobilidade permanente e o fato de estar desempregado o fez suspeito número um de uma série de roubos que vinham ocorrendo naquela vila. Geralmente, ao serem detidos pela polícia vagando sem domicílio certo pela cidade, essas pessoas traziam apenas a roupa do corpo e raramente ferramentas de seus ofícios. Em 7 de julho de 1831, foi preso em Itapagipe o pernambucano Joaquim dos Passos de Almeida, preto, que trazendo consigo um saco contendo apenas roupa ("uns mulambos rotos e sujós") e algumas ferramentas de tanoeiro que, declarou ser seu ofício. (p. 97)

Aos funcionários das fábricas e moradores das vilas eram impostos padrões morais que correspondia a uma proposta de construção de uma cidade moderna excludente. São esses padrões que foram negados pelo personagem Quincas Berro D'Água, assim como repeliu as imposições sociais e inclui em sua própria vida diversos indivíduos excluídos na cidade, tornando-se ele próprio um excluído, um “morto”, mesmo antes de sua morte física. Os pensamentos e falas dos personagens analisados em sala de aula propicia discutir sobre o repúdio das camadas médias em relação aos pobres e aos miseráveis na década de 1950, ainda mais evidente pelo contexto das reformas urbanas propostas nas grandes capitais.

Também nessa obra, Amado caracteriza o pensamento religioso dos personagens: "Vanda conteve-se, era pessoa religiosa, frequentava a igreja do Bonfim, um pouco espírita também, acreditava na reencarnação." No perfil religioso dos sujeitos amadianos sempre existem elementos do sincretismo como é comum na Bahia. Esse tema é abordado em diversas obras amadianas.

As aulas de história construídas em diálogo com essa novela possibilitam pensar a capital baiana de meados do século XX, comparando-a com hoje. A Península de Itapagipe, palco das boas lembranças de Vanda, era um lugar de moradia das famílias com “bons costumes”? Quem define o que é um comportamento adequado e que é inadequado? Qual a situação social de Itapagipe na década de

1950? Qual a situação hoje? Discutir essa obra na sala de aula é uma rica oportunidade de caracterizar a cultura soteropolitana pensando-a em diferentes grupos sociais, assim como problematizar os conflitos constantes entre “sagrado e profano”, “certo e errado”, “popular e erudito”, dicotomias que perpassa gerações mesmo nas ruas da Bahia.

### CAPÍTULO 3 - HISTÓRIA, LITERATURA E MEMÓRIA NA SALA DE AULA

Ainda que as mudanças teóricas e metodológicas no estudo e ensino da História seja uma realidade, o ambiente da sala de aula, ainda privilegia o currículo eurocêntrico<sup>69</sup> e constantemente invisibiliza lugares e sujeitos históricos. Portanto, a busca por alternativas que supere práticas de ensino tradicionais e colabore para uma aprendizagem mais significativa é um desafio constante do professor da educação básica. Nesse sentido e tendo por base as discussões já realizadas para este trabalho foi elaborada e ministrada a metodologia de aula-oficina intitulada "*Ruas de Itapagipe: Histórias Contadas por Amado e por Nós*" que busca estabelecer relações que vão além da transmissão de conteúdos ao acionar conhecimentos prévios<sup>70</sup>, instigar a prática investigativa e despertar curiosidades, à medida que promove diferentes interações entre o passado e o presente em um contexto próximo dos discentes.

Entre as diversas possibilidades levantadas ao estudar a obra amadiana foi necessário selecionar o que de fato poderia, nesse momento, trabalhar em sala de aula. Para realizar essa seleção foi levado em consideração alguns elementos: 1) o tempo, sendo o ano dessa pesquisa atípico, marcado pelo retorno das aulas presenciais após dois anos de atividades remotas ou híbridas, fato que exigiu rever objetos de conhecimento destinados a séries anteriores. No caso do nono ano do Ensino Fundamental, turma escolhida para o desenvolvimento da oficina, antes de iniciar o estudo sobre o século XX, recorte temporal para esse período escolar, foi necessário resgatar os principais acontecimentos e problemáticas que marcaram o século XVIII e XIX. 2) a realidade dos estudantes, ainda desmotivados para realizar atividades que exigem mais esforço, muitos, que inclusive, não estudaram durante as aulas remotas, sendo no máximo, ouvintes. 3) a necessidade de um recorte específico para realização dessa pesquisa.

---

<sup>69</sup> Os livros didáticos têm passado por diversas revisões quanto ao lugar do popular na História. Mas, também, ainda é evidente a forte presença do eurocentrismo. Sobre essa questão veja: DAVIES, Nicholas. As camadas populares nos livros de História do Brasil. In: JAIME, Pinsky (Org.). O ensino de história e a criação do fato. 14 ed. São Paulo: Contexto, 2020. cap. 6, p. 121-138.

<sup>70</sup> Sobre a importância dos conhecimentos prévios Barca destaca que "os organizadores de How Students Learn, ao sintetizarem três princípios fundamentais para o sucesso da aprendizagem reiteram, como o primeiro desses princípios, que os estudantes chegam à aula com ideias prévias acerca de como o mundo funciona e, se essas ideias não forem acionadas, a compreensão de novos conceitos e informação corre o risco de falhar". (BARCA, 2022, p 48)

### 3.1 O LÓCUS DA PESQUISA

A Península de Itapagipe é um espaço urbano visitado por pessoas de várias partes do mundo, conhecida por possuir belas paisagens naturais, rica gastronomia e manter tradições religiosas e seculares.

Todavia, o conhecimento sobre a história do local não costuma ser de fácil acesso. Nos colégios, como consequência de um trabalho pedagógico voltado para o currículo eurocêntrico, as aulas de História não contemplam a comunidade como um lugar de memórias, composto por sujeitos históricos que ali protagonizaram sua construção histórica. Logo, fez parte do propósito desta pesquisa buscar caminhos estratégicos que levem os estudantes ao reconhecimento do valor da comunidade que pertence, assim como perceber e problematizar conflitos e resistências.

A aula-oficina ocorreu na Escola Estadual Presciliano Silva, fixada no bairro da Ribeira, um dos bairros de Itapagipe. A escola é referência na comunidade, funciona no turno matutino e vespertino, atende principalmente aos moradores da Mangueira e Leblon, espaço periférico da península, e possui projetos pedagógicos voltados para a valorização da história local.

As aulas-oficinas foram realizadas com uma turma do nono ano do Ensino Fundamental. A escolha pela série deveu-se ao fato das obras amadianas selecionadas para pesquisa terem sido publicadas no período estudado pelo nono ano na primeira e segunda unidade e tratar de temáticas também abordadas nos estudos dessa série como o comunismo, o cangaço, a perseguição a capoeiras e o candomblé, a industrialização, a luta operária... São várias temáticas que nos livros didáticos aparecem de forma distante do alunado, mas que o diálogo entre a literatura amadiana e a história local favorece a aproximação.

Ao elaborar a proposta do projeto foi preciso escolher como aplicaria a metodologia. Selecionar alunos para participarem de encontros pré-agendados em turno oposto, o que facilitaria algumas questões que importa destacar duas: primeiro, o tempo delimitado não seria comprometido com a dinâmica do dia a dia da escola que por vezes impede a execução do planejamento. Segundo, trabalharia com interessados na temática, ou seja, teria poucos problemas em relação a disciplina e ao descaso. No entanto, foi necessário trabalhar com uma turma regular que, como a maioria das turmas, conta com uma heterogeneidade significativa. Portanto, à medida

que trabalhava com o conteúdo já estabelecido para o ano, utilizando diversas metodologias e estratégias de ensino, foi aplicada a aula-oficina como metodologia de pesquisa e ensino e aprendizagem. Portanto, as atividades desenvolvidas nesse trabalho são viáveis para ser trabalhadas em sala de aula, no tempo normal das aulas e em diálogo com os objetos de conhecimento do currículo oficial.

A turma trabalhada é composta por vinte e um estudantes que frequentam regularmente. Na turma é possível perceber uma divisão entre dois grupos, o que tem hábitos de estudos, é atento a aula e realiza as atividades e os mais dispersos, mais interessados na interação do que com a aprendizagem. Importante salientar que entre os grupos, existem casos de estudantes com necessidades especiais, relacionadas a comportamento e adolescentes que já vivem como adultos, por serem responsáveis por obrigações como trabalho e cuidados com familiar enfermo. No geral, é uma turma produtiva e desde o princípio comprometida com os objetivos da pesquisa. Foram utilizadas letras do alfabeto para identificar os estudantes em suas produções.

### 3. 2 AULA-OFICINA

A proposta de Aula-Oficina foi baseada no trabalho organizado por Isabel Barca desde 1999, resultado das aulas que ministrava na Universidade do Minho em Portugal e está intimamente ligada aos pressupostos da Educação em História<sup>71</sup>. Para a pesquisadora e educadora,

A abordagem da investigação em Educação Histórica nasceu da preocupação em contribuir para aquilo que, talvez, falte ainda no programa global dos trabalhos em Ensino de História ( e de outros saberes): ligar a teoria à prática, isto é, não apresentar apenas propostas prescritivas não testadas em estudos empíricos, mas sim criar, implementar e analisar situações de aprendizagem reais, em contextos concretos, e disseminar resultados que possam ser ajustados a outros ambientes educativos (BARCA, 2012, p-37).

Entre outros fundamentos, Barca propôs a aula organizada por tema, que parte da identificação do conhecimento prévio do estudante para a formulação de problemas e a exploração de fontes históricas. Nessa perspectiva, é fundamental que o estudo do conteúdo tenha como ponto de partida questões realizadas pelos ou para os alunos. Para Barca, somente através de uma interrogação será possível selecionar

---

<sup>71</sup> Ver: CERRI, Luis Fernando. Ensino de história e consciência histórica. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011 e BARCA, Isabel. Ideias Chave para a Educação Histórica. Hist. R. Goiânia: v.17, n.1, p.3751, jan/jun.2012.

as fontes de evidências para a investigação histórica. Como fonte é entendido "tudo o que no mundo se possa considerar como indícios do passado a investigar" (BARCA, 2022, p. 42). A educadora salienta a necessidade de selecionar fontes adequadas para o grupo que estamos trabalhando e com o tempo disponível para a realização da atividade.

Detectar o conhecimento que os estudantes possuem sobre o tema e promover as primeiras discussões partindo desses saberes é fundamental para que o professor selecione os recursos e as fontes documentais adequados para o diálogo com as ideias apresentadas. Esse pressuposto evidencia o quanto a aula- oficina rompe com a estrutura de aula narrada, centrada no professor e oferece ao estudante o protagonismo, principalmente por reconhecer seus saberes e a partir desses promover a investigação do passado. O processo dessa investigação, assim como o resultado deve ser trabalhado pelo educador que busca valorizar, mas também reconceitualizar as hipóteses e conclusões construídas. (BARCA, 2013).

Nessa proposta de ensino a motivação do grupo é considerada uma parte importante do processo de ensino e aprendizagem. Para Barca (2004), o importante numa pesquisa é “não só garantir a variedade de fontes, como considerar a perspectiva de cada uma e planejar momentos diferentes para estudá-las” (BARCA, 2004, p. 23).

Outra questão importante para aula-oficina é a questão do tempo. O ensino linear limita a compreensão da história, portanto a ideia,

é que o educador trabalhe em sala com recortes temáticos, estabelecendo relações entre o passado e o presente, sem jamais negligenciar a temporalidade. Se essas duas questões não forem levadas em conta, a turma pode ter uma compreensão limitada da disciplina e da história propriamente dita, formulando ideias vagas e genéricas, o que contribui para o não-entendimento das causas e consequências dos fenômenos estudados. (BARCA, 2013)

A proposta de Barca está em concordância com a BNCC que defende a importância de atividades que favoreça o protagonismo dos estudantes, possibilite o diálogo presente/passado e promova a análise de diferentes fontes históricas.

O exercício da interpretação – de um texto, de um objeto, de uma obra literária, artística ou de um mito – é fundamental na formação do pensamento crítico. Exige observação e conhecimento da estrutura do objeto e das suas relações com modelos e formas (semelhantes ou diferentes) inseridas no tempo e no espaço. Interpretações variadas sobre um mesmo objeto tornam mais clara, explícita, a relação sujeito/objeto e, ao mesmo tempo, estimulam a identificação das hipóteses levantadas e dos argumentos selecionados

para a comprovação das diferentes proposições. (BNCC, p. 400).

Tendo em vista a abordagem de Barca e as exigências da BNCC, busquei, ao longo das atividades propostas, estimular os estudantes a utilização de fontes históricas, reconhecê-las e analisá-las, assim como relacioná-las a vida cotidiana, levantar hipóteses, elaborar questões, buscar novas fontes, interligar o passado ao presente, interagir com a comunidade, reconhecer no outro um sujeito histórico. Atentando-se inclusive para o lugar da avaliação. Como enfatiza Barca:

aprender a interpretar o mundo conceitual dos seus alunos, não para de imediato o classificar em certo/errado, completo/incompleto, mas para que esta sua compreensão o ajude a modificar positivamente a conceitualização dos alunos, tal como o construtivismo social propõe. Neste modelo, o aluno é efetivamente visto como um dos agentes do seu próprio conhecimento, as atividades das aulas, diversificadas e intelectualmente desafiadoras, são realizadas por estes e os produtos daí resultantes são integrados na avaliação. (BARCA, 2004, p. 131).

A aula-oficina proposta estabelece um diálogo com os objetos de conhecimento exigidos para a série e com os projetos estruturantes<sup>72</sup> propostos pela Secretaria de Educação da Bahia. As atividades foram em grande parte ministradas nas aulas de História e outras foram propostas como extraclasse.

### **3.2.1 A escolha do tema**

O projeto da aula-oficina "Pelas ruas de Itapagipe: Histórias Contadas por Amado e por Nós" permite integrar conhecimentos sobre história local, desenvolvendo a noção de pertencimento e valorizando diversas memórias ao desbravar temas como pobreza, urbanização, religiosidade e cultura. O estudo do local, por si só já favorece a visibilidade de outros sujeitos e a análise de diferentes fontes, no entanto relacionar História Local com a produção amadiana é criar oportunidades de problematizar diversas questões sobre a Península de Itapagipe, a Bahia e o povo baiano, além de proporcionar momentos de leitura e exercícios de interpretação.

Conhecer as histórias contadas por Jorge Amado envolvendo Itapagipe possibilita ao estudante identificar características de seu lugar diferente ou semelhante ao que observa no presente e dos dados factuais que aparecem em sites de busca. A leitura das narrativas amadianas e as atividades propostas por meio delas

---

<sup>72</sup> Os projetos estruturantes propostos pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia buscam articular uma série de ações que dinamizam o espaço escolar e criam situações de aprendizagem ao valorizar o protagonismo dos estudantes e a utilização de múltiplas inteligências e saberes.

impulsiona o conhecimento de outras memórias, assim como leva a reflexão e registro de suas próprias memórias. Segundo Ricardo Oriá (2020),

a memória é, pois, imprescindível na medida em que esclarece sobre o vínculo entre a sucessão de gerações e o tempo histórico que as acompanha. Sem isso, a população urbana não tem condições de compreender a história de sua cidade, como seu espaço urbano foi produzido pelos homens através dos tempos, nem a origem do processo que a caracterizou. Enfim, sem a memória não se pode situar na própria cidade, pois perde-se o elo afetivo que propicia a relação habitante-cidade, impossibilitando ao morador de se reconhecer enquanto cidadão de direitos e deveres e sujeito da história. (p. 139)

Dessa forma, as oficinas integram a História Local e o estudo da literatura amadiana à busca pelo conhecimento sobre as memórias de antigos moradores, assim como a compreensão do patrimônio histórico e cultural na região, por reconhecer o quanto é fundamental para a construção do conhecimento histórico a preservação da memória.

### **3.3 Aula-oficina: estrutura e funcionamento**

As aulas e atividades foram desenvolvidas no tempo regular das aulas dialogando com o tempo histórico que é estabelecido pelo planejamento curricular da série. O nono ano estuda os acontecimentos do Brasil e do mundo que marcam o século XX dessa forma as obras amadianas selecionadas – *Mar Morto*, *Capitães da Areia*, *Bahia de Todos os Santos* e *A morte e a morte de Quincas Berro d'Água* – produzidas entre as décadas de 1930 e 1950 configura-se, como já evidenciado no capítulo dois, em fontes históricas sobre temas gerais como cangaço, comunismo, industrialização, religiosidade, crescimento da burguesia, feminismo, urbanização, tudo em uma realidade próxima dos estudantes.

Foram estabelecidos dois ciclos de execução das aulas oficinas. No primeiro momento foi trabalhado a história de Jorge Amado, entendido como um sujeito histórico do século XX que narrou histórias sobre a cidade de Salvador misturando a realidade vivida e vista por ele com a ficção, também foram apresentadas as obras do autor e incentivada a leitura dos quatro livros selecionados. Ainda no primeiro ciclo foram iniciados o estudo sobre a Península de Itapagipe e realizada a aula de campo. Foram realizadas três aulas-oficinas na sala e a aula de campo com duração de cinco horas-aula. No segundo ciclo, a literatura amadiana foi analisada com o intuito de

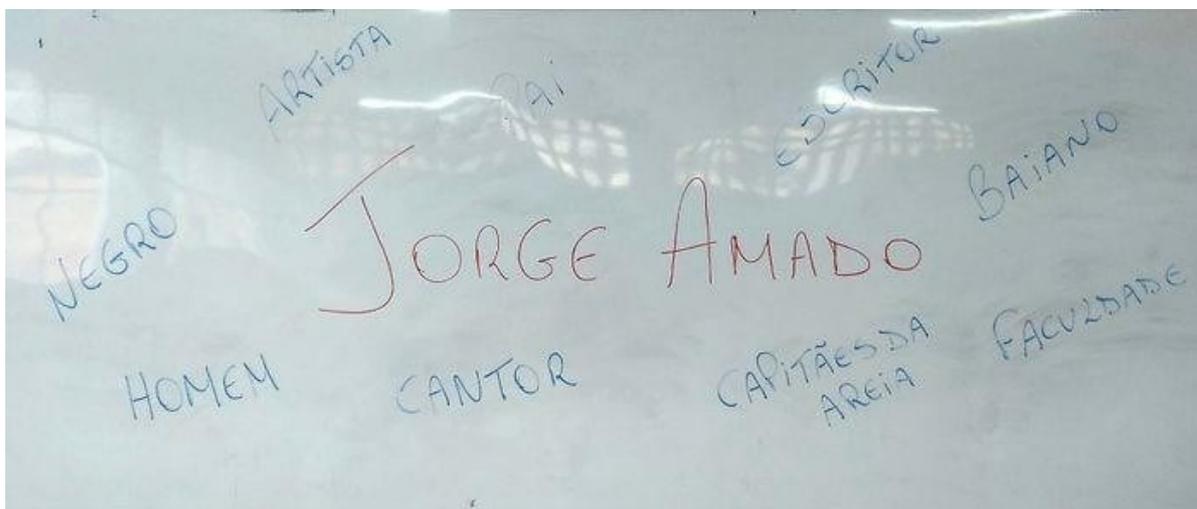
conhecer mais sobre a Península de Itapagipe, assim como foram propostas atividades de escrita, pesquisas e registros fotográficos. Foram realizadas três aulas-oficinas de História para as atividades em sala. As produções textuais, assim como entrevistas e as fotografias foram realizadas em período extra-classe.

### 3.3. PRIMEIRO CICLO DA AULA-OFICINA: CONHECENDO JORGE AMADO

O objetivo geral da aula-oficina é estabelecer um diálogo entre a literatura amadiana e a História Local promovendo a elaboração de saberes históricos e preservando memórias. Durante as aulas e atividades a expectativa era que os estudantes percebessem a existência de lugares e sujeitos que são invisibilizados nos livros didáticos, mas que estão presentes nas obras de Jorge Amado, que reconhecessem a leitura e o conhecimento histórico como importantes em seu processo formativo e valorizassem a história do local em que residem e/ou estudam, assim como das pessoas que viveram e vivem nesse mesmo espaço. O primeiro passo para tanto é conhecer aspectos da vida e da obra do escritor baiano.

Com o intuito de saber o que os estudantes sabiam sobre Jorge Amado e oportunizar a ampliação do conhecimento sobre ele foi proposta a primeira etapa do trabalho em três momentos diferentes. Na primeira aula foi apresentado para os estudantes o tema da aula-oficina, a justificativa e os objetivos. Antes dessa apresentação geral, questionei aos estudantes se eles conheciam Jorge Amado. As respostas foram dadas como em uma tempestade de ideias e as palavras foram registradas na lousa.

**Figura 3** — Lousa conhecimento prévio



**Fonte:** Arquivo da autora (2022).

Apareceram informações corretas e outras equivocadas sobre quem foi Amado e não mais de dois alunos sabiam que se tratava de um escritor. Um aluno citou o filme *Capitães da Areia*, mas não sabia ao certo a relação entre o filme e Jorge Amado. No decorrer da discussão articulei as características e informações citadas com a biografia do autor. Ficou claro que havia pouco conhecimento sobre Jorge Amado. Ninguém havia lido obras do escritor. Apenas após citar o nome “Gabriela” e “Tieta” que se lembraram da existência das novelas que foram baseadas em obras amadianas. Usei palavras ditas por eles para problematizar aspectos da vida de Jorge Amado. Como exemplo: um aluno citou negro como característica do escritor, então mostrei fotografias de Jorge Amado e negaram essa característica, passando a entendê-lo como branco. Pontuei então que a maioria de seus personagens são afrodescendentes e é a cultura negra a mais destacada em seus romances. Também projetei a página da Academia Brasileira de Letras e lemos alguns trechos do discurso de posse (1961)<sup>73</sup> que contém informações da vida dele com suas próprias palavras, como os trechos a seguir:

Procuro num milagre de imaginação, reviver no dia de hoje o adolescente magro, membro da Academia dos Rebeldes, na Bahia, nos anos de 1928 a 1930. Pequeno aprendiz de escritor em cerrada fita com outros de sua idade e condição, levantava-me em imprecizações contra a Academia Brasileira e toda a literatura de então, disposto a arrasar quanto existia, convencido de que a literatura começava com a minha incipiente geração...

Quanto a mim busquei o caminho nada cômodo de compromisso com os que nada têm e lutam por um lugar ao sol, com os que não participam dos bens do mundo, e quis ser, na medida de minhas forças, voz de suas ânsias, dores e esperanças...

Minha parcialidade tem sido pela liberdade contra o despotismo e a prepotência; pelo explorado contra o explorador; pelo oprimido contra o opressor; pelo fraco contra o forte; pela alegria contra a dor; pela esperança contra o desespero, e orgulho-me dessa parcialidade...

Nasci para a literatura e o romance com uma geração de coração aberto e generoso. Os escritores surgidos no ano trinta quando os fundamentos do Brasil vinham de ser abalados por um movimento revolucionário de raízes populares...

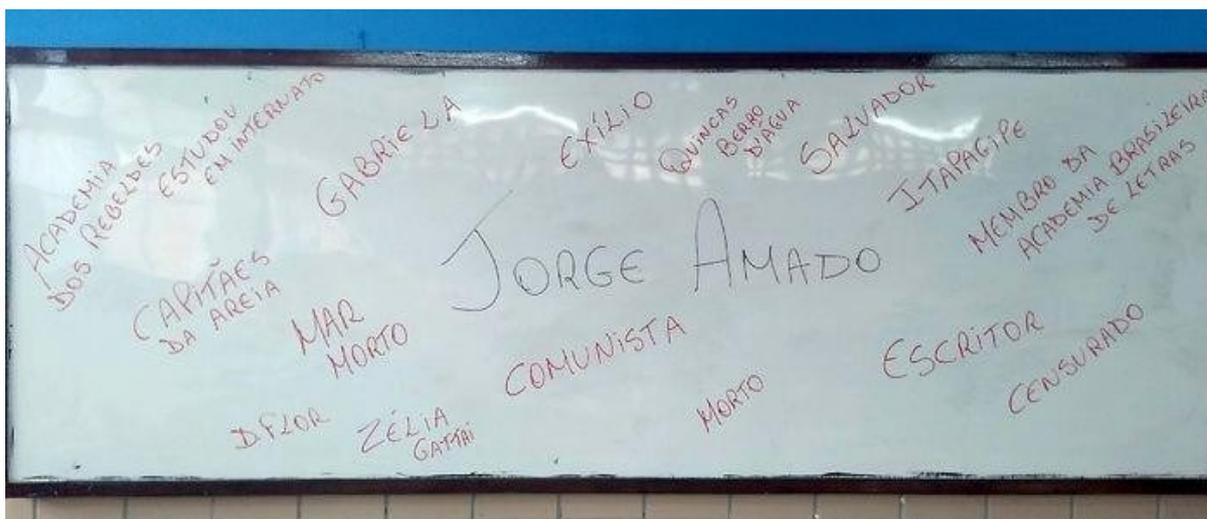
Com o povo aprendi tudo quanto sei, dele me alimentei e, se meus são os defeitos da obra realizada, do povo são as qualidades porventura nela existentes. Porque, se uma qualidade possui, foi a de me acercar do povo, de misturar-me com ele, viver sua vida, integrar-me em sua realidade...

---

<sup>73</sup> Ver o discurso na íntegra: <https://www.academia.org.br/academicos/jorge-amado/discurso-de-posse>

Após a leitura e análise das palavras expostas no quadro refiz a pergunta do princípio da aula. Com as novas respostas foi possível verificar que a aula e a análise das fontes, fotografia e leitura do discurso, reorientou suas noções anteriores. Veja o segundo quadro:

**Figura 2** — Lousa progressão do conhecimento



Fonte: Arquivo da autora (2022).

No final da aula foi solicitado que todos verificassem em casa se havia algo sobre Jorge Amado: livros, fotografias, filmes e conversassem sobre ele com seus pais, avós ou familiares. A interrogação histórica que finalizou o encontro e direcionaria a pesquisa em casa foi: Jorge Amado é um escritor conhecido por minha comunidade?

Apesar do ganho de conhecimento histórico inicial foi perceptível que precisaria fazer uma seleção do que de fato poderia explorar das obras e temáticas sugeridas. No princípio da pesquisa, acreditava ser possível realizar diversas atividades, como as apontadas no capítulo dois, entretanto para o tempo disponível foi necessário fazer uma rigorosa seleção e o primeiro critério foi estabelecido levando em consideração o interesse e o conhecimento tácito dos estudantes envolvidos como orientado por Isabel Barca.

Na segunda aula o intuito foi socializar os objetos encontrados em casa e buscar elaborar saberes a partir deles com as seguintes questões: Quais romances foram encontrados? Sobre o que falam? Tem outros tipos de livros, além de romances? Quais inspiraram filmes, novelas e peças teatrais? Conseguiram alguma fotografia? Quem está na foto? O que podemos perceber na fotografia? No entanto,

os estudantes não encontraram livros do autor. Sinalizaram a existência de obras de Machado de Assis e José de Alencar, mas nenhuma de Jorge Amado. Sobre a conversa com os familiares, muitos sinalizaram ter assistido “Gabriela” e “Dona Flor e seus dois maridos”, ambas produções exibidas na Rede Globo. Como não foi possível reunirmos obras trazidas pelos estudantes, organizei uma exposição com obras de meu arquivo pessoal e da Biblioteca da escola. A avaliação das aulas permitiu concluir que a obra amadiana não era conhecida por aqueles estudantes e muito pouco por seus familiares.

Apresentei então para os estudantes, as obras amadianas selecionadas para a pesquisa por abordarem lugares e personagens itapagipanas. Foi somada a essa informação o fato de os romances terem sido escritos e ambientados no período histórico que estávamos estudando na unidade que engloba as décadas de 1930 e 1950. As obras circularam pela sala, alguns não abriram nenhum dos livros, outros ficaram curiosos e demonstraram interesse em ler. Após descrever o enredo de cada obra a turma se dividiu em grupos e cada grupo escolheu um livro para realizar a leitura e análise. Foi solicitado que identificassem durante a leitura informações sobre eventos históricos que já conheciam ou que não conheciam, relatos sobre lugares da cidade de Salvador que chamasse a atenção. Foram orientados a ler durante a quinzena seguinte. Como não havia livros para todos, combinaram em trocar, ir à biblioteca do bairro ou ler em pdf. Dois alunos declararam que não leriam.

Na aula seguinte o foco foi dado à História Local. Como faz parte dos objetivos do trabalho conhecer mais sobre a Península de Itapagipe busquei identificar o conhecimento dos alunos sobre Itapagipe e a relação que eles possuíam. Para tanto solicitei que a turma fosse dividida em grupos de quatro pessoas e apliquei um questionário com as seguintes questões:

1. Quantos moram na Península de Itapagipe?
2. Quais lugares de Itapagipe são utilizados como lazer para vocês?
3. Seus responsáveis trabalham em Itapagipe? Em qual setor?
4. Você sabe:
  - O significado do nome Itapagipe?
  - Quem foram os primeiros habitantes de Itapagipe?
  - Existem ou existiam indústrias em Itapagipe? Qual/quais?
  - Quais patrimônios culturais vocês conhecem em Itapagipe?

- Narre uma curiosidade sobre Itapagipe
- Verifique imagens e identifique o local

Durante a atividade os alunos demonstraram interesse. Interagiram principalmente durante a análise das imagens. Após o tempo determinado, os grupos socializaram as informações compartilhando vivências na região. O relato mais curioso foi de uma estudante que havia morado em palafitas e descreveu momentos de lazer quando ocorria a cheia da maré. Esse foi um momento de aprendizagem pessoal visto ter as descrições amadianas sobre as palafitas e as fotografias da região como referência para uma visão sobre o lugar diferente da apresentada pela adolescente.

A atividade revelou um desconhecimento significativo sobre a história e a geografia da região tanto em relação ao povoamento quanto sobre seu passado industrial. Havia inclusive, os que desconheciam o significado de península e de sua importância na história da cidade. Somente uma responsável trabalhava em Itapagipe, os demais saíam para trabalhar. Para concluir a discussão assistimos o vídeo disponível no YouTube: “História dos Bairros de Salvador - Cidade Baixa e Península de Itapagipe”<sup>74</sup>. No final, discutimos as informações expostas e as fontes utilizadas para a produção do vídeo. Na maior parte do tempo, o interesse pela temática e o engajamento na aula foi maior do que quando tratamos sobre os conteúdos regulares.

Para concluir essa etapa foi proposto uma aula de campo que foi recebida com muito entusiasmo. Realizar uma atividade fora da sala de aula em escola pública é uma tarefa complicada devido à falta de recursos com essa finalidade e as limitações de cobrar a estudante de baixa renda valores para transporte. Nesse caso, especificamente, a direção da escola conseguiu o ônibus com um deputado estadual. A proposta inicial seria visitar a Fundação Casa de Jorge Amado<sup>75</sup> e alguns dos lugares da Península de Itapagipe<sup>76</sup> citados nas obras que os estudantes já estavam lendo.

---

<sup>74</sup> HISTÓRIA dos Bairros de Salvador: Cidade Baixa e Península de Itapagipe. Aurélio Schommer. Salvador, 2020. Curta metragem (9min.). Disponível em: <https://youtu.be/JtAS7uVrR50>. Acesso em: 12 jul. 2022.

<sup>75</sup> Localizada no Largo do Pelourinho, 15 - Pelourinho, Salvador - BA, 40026-280

<sup>76</sup> A ideia inicial era visitar as Igrejas do Bonfim e Monte Serrat, a Orla da Ribeira e as Obras Sociais Santa Dulce.

### 3.3.1 A aula de campo

A notícia de uma aula fora da escola encantou os adolescentes, principalmente quando exposto que a fundação que visitaríamos ficava no Pelourinho. Apenas 2 dos 21 alunos que participaram da visitação conheciam o Centro Histórico, fato curioso quando se trata de soteropolitanos. A aula de campo ocorreu após quatro semanas da primeira etapa da oficina devido à dificuldade em conseguir os recursos necessários, no entanto a demora foi positiva visto que deu tempo de alguns realizarem a leitura dos livros propostos.

Ao selecionar um local de Itapagipe para visitar optei pelo “Solar Amado Bahia”, desistindo do roteiro estabelecido inicialmente. O casarão localizado na Orla da Ribeira foi, há quatro anos, aberto ao público após ser restaurado pela Sorveteria Real que o arrematou em um leilão. O Solar foi projetado pelo português Francisco Mendonça e inaugurado em 1904, para os casamentos das filhas do proprietário Francisco Amado da Silva Bahia, comerciante itapagipano que construiu grande fortuna entre o século XIX e século XX. O casarão foi doado em 1949 à Associação dos Empregados do Comércio da Bahia. Funcionou como escola durante a década de 1960. Foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (Iphan) em 1981, porém estava completamente abandonado desde 1993, por fim leiloado em outubro de 2017, sendo agora possível a visitação de dois de seus compartimentos e de toda área externa<sup>77</sup>.

A opção em visitar o solar deveu-se a alguns fatores que importa descrever. Ao realizar uma atividade de reconhecimento de imagens da Península de Itapagipe, poucos identificaram o nome e local do casarão, mesmo após ser destacado o fato de atualmente abrigar um museu e uma sorveteria, muitos revelaram nunca ter estado no local. O estabelecimento guarda uma rica história que como tantas outras não está acessível para a comunidade pobre do bairro. Por ser um espaço privilegiado na evocação do passado da comunidade e ao mesmo tempo fazer parte do cotidiano da comunidade, considerei imprescindível explorar o casarão que é inclusive um patrimônio cultural tombado pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional<sup>78</sup>. Para Maria das Graças Leal (2011):

---

<sup>77</sup> Ver home page do museu: <https://business.google.com/v/museu-do-sorvete-solar-amado-bahia>

<sup>78</sup> Livro do Tombo Histórico: Inscrição nº 485, de 29/01/1981

O monumento tem o sentido de fazer recordar, instruir, emitir sinais do passado. Ou seja, evoca o passado para perpetuar a recordação, liga-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, como legado à memória coletiva. Como estímulo da memória para a recordação, o monumento ou os diferentes documentos e todos os bens culturais de comunidades representam para pessoas ou para uma sociedade elos significativos de continuidade entre o que foi e o que é, ganhando, assim, status de Patrimônio. Sendo assim, o que pode merecer significado social ao patrimônio seria, justamente, o interesse pelo presente e, portanto, como meio de ligação com o passado, deve fazer sentido no nosso cotidiano. (LEAL, 2011, p. 128).

A segunda razão para a escolha de visitar o local foi a possibilidade de compararmos a vida de uma rica família de Itapagipe com as descrições que Jorge Amado realiza em suas obras principalmente em *Bahia de Todos os Santos* sobre a vida na península que, como já foi salientado, aborda a miséria e o abandono, assim como comparar com as referências realizadas em *A morte e a morte de Quincas Berro D'Água* que cita Itapagipe como um bom lugar de moradia e local de boas recordações.

Para adentrar o casarão com uma visita guiada é necessário o investimento de dez reais por pessoa, porém previamente solicitei a entrada gratuita dos estudantes por serem da Rede Pública. A gratuidade foi concedida mediante o consumo na sorveteria de pelo menos dez reais por aluno. A turma se mostrou interessada na história do sorvete, sua evolução desde a China Antiga até a contemporaneidade, porém foi a imensidão do casarão, os artefatos antigos, os espelhos franceses e a história da família Amado que mais chamou a atenção.

**Figura 4** — Aula no Solar



**Fonte:** Arquivo da autora (2022).

**Figura 5** — Detalhes do casarão

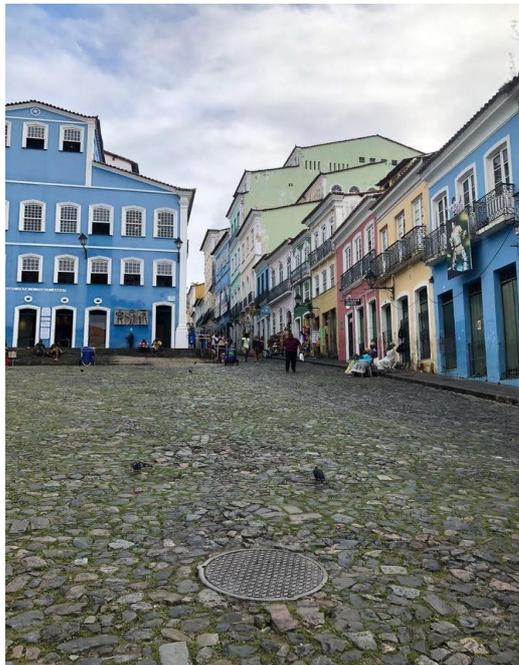
Fonte: Arquivo da autora (2022).

As obras de caridade realizadas pelo comerciante também foram discutidas pelo grupo. O guia fez menção a serviços prestados à comunidade como pagamento de contas e a doação de partes do boi nos açougues da família. Um dos alunos questionou por que Jorge Amado não fazia referência a Amado Bahia em *Bahia de Todos os Santos*, um outro respondeu: “sobre Irmã Dulce, Jorge Amado fala”. Chamei atenção para o fato que as memórias envolvem não só aquilo que é lembrado, mas também aquilo que é esquecido ou omitido. Essa problematização levou a reflexão sobre o fato de um casarão de 52 cômodos ter sido construído com objetos de diferentes países, no mesmo período em que crescia o número de palafitas, evidenciando a desigualdade na região. A informação sobre a distribuição de carne para a comunidade carente foi registrada como tema para pesquisa com moradores antigos da região: os açougues de Itapagipe doavam partes do boi para a comunidade? Como a família Amado Bahia era vista na região?

A segunda parada da saída foi a Fundação Casa de Jorge Amado, instituição inaugurada em 1987, que tem por objetivo preservar e estudar a obra e memória amadiana. A fundação conta com uma exposição permanente sobre a vida do escritor e exemplares de suas obras com exposição de fotografias, cartas, cartazes, manuscritos e outros objetos. Além da preservação da memória, é um lugar de

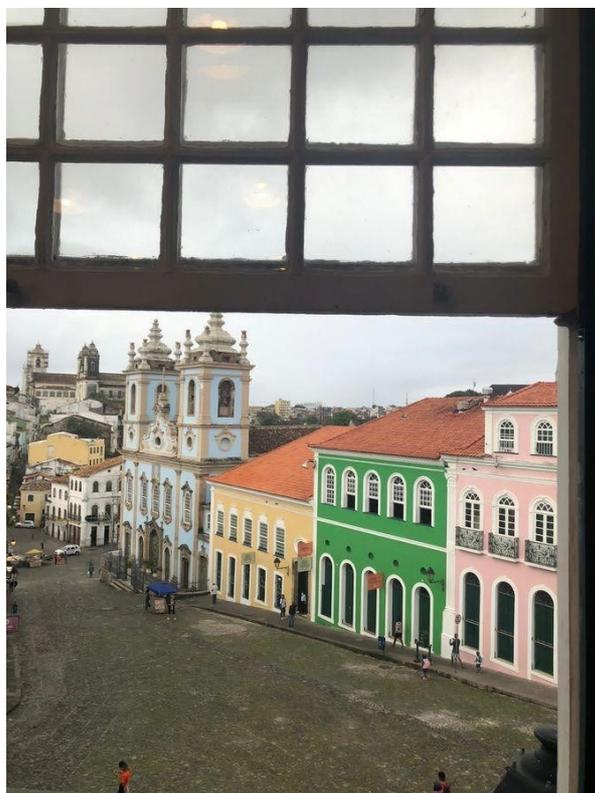
pesquisa, debate, incentivo à leitura de suas obras e de reflexão sobre a desigualdade social, racial e de gênero.

**Figura 6** — Casa de Jorge Amado



**Fonte:** Arquivo estudantes do 9 ano.

A turma esteve bastante animada em andar pelas ruas do Pelourinho. Pararam para ver os artesanatos e cumprimentaram turistas. Ao iniciar a visita, a atenção ficou dividida com o movimento das ruas através das janelas abertas. Porém, a monitoria foi muito competente ao chamar a atenção do grupo com uma rica aula de história guiada por uma linha do tempo da vida de Jorge Amado. Foi possível abordar aspectos fundamentais da História do Brasil. Inicialmente, foi descrita a política na Primeira República e a exclusão social que decorria dessa política, elementos que aparecem nos primeiros escritos do literato. Foi apresentada a vivência de Amado na Academia dos Rebeldes, enfocando a contribuição do movimento para o fomento do modernismo na Bahia. Também, foi contextualizada a Era Vargas ao ser exposta a reportagem que noticiava a queima de exemplares de livros amadianos, principalmente *Capitães da Areia*. Sempre que alguma informação citava uma das obras recomendadas para leitura ou na linha do tempo aparecia um exemplar dos livros ocorriam demonstrações de atenção, alguns comentavam, outros anotavam ou fotografavam.

**Figura 7 — Ruas do Pelô**

**Fonte:** Arquivo da autora (2022).

As temáticas desenvolvidas estavam relacionadas a conteúdos trabalhados em sala de aula, alguns estudantes conseguiram estabelecer relações com comentários ou perguntas. Durante a exposição foi possível recuperar conceitos substantivos já trabalhados em sala de aula, assim como conceitos de segunda ordem, como ruptura, permanência, empatia<sup>79</sup>. Algumas curiosidades chamaram de forma especial a atenção do grupo como o fato de Jorge Amado ter sido deputado e ter aprovado a lei que garantia liberdade religiosa, ainda em vigor na atualidade. Outra experiência enriquecedora foi a exposição de cartazes e trechos dos filmes inspirados em obras amadianas, muitos demonstraram interesse em assistir.

---

<sup>79</sup> Sobre conceitos substantivos e conceitos de primeira ordem ver: LEE, Peter. Por que aprender História. Educar em Revista. Curitiba, PR: UFPR, 2011.

**Figura 8** — Exposição: fotografias e recortes de jornais



Fonte: Arquivo da autora (2022).

Como demonstra a experiência descrita acima, uma visita a museus oportuniza aos estudantes a visualização de diferentes fontes históricas. No casa Fundação Casa de Jorge Amado puderam ler cartas do escritor, cartas para o escritor, viram prêmios recebidos, a roupa utilizada na posse da Academia Brasileira de Letras, objetos como máquina de escrever, assistiram vídeos e contemplaram inúmeras fotografias.

Todavia, é importante salientar que o envolvimento da turma variou bastante. Aqueles que no dia a dia são mais aplicados, já havia lido ou começado a ler os livros selecionados, foram os mais interessados e envolvidos. Havia aqueles que, mesmo sempre presentes na aula, mas sem uma disciplina de estudo, ficaram mais interessados que o normal, inclusive participando com perguntas e fazendo fotografias. Havia, também, uma minoria dispersa, mais interessada nos momentos livres do que com o conhecimento. Todavia, mesmo esses em diversos momentos eram surpreendidos com informações que os motivavam na concentração e participação.

### 3. 4 SEGUNDO CICLO: DIÁLOGOS DA HISTÓRIA E DA LITERATURA

A segunda etapa das oficinas procurou aproximar de forma mais efetiva a História e a Literatura ao utilizar os textos literários como fonte histórica, formulando problemas, levantando hipóteses e promovendo o confronto de fontes históricas.

As atividades foram propostas com a intenção de desenvolver a competência cinco da BNCC que enfatiza o trabalho com documentos e as diversas possibilidades de interpretação dos mesmos.

Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito. (BNCC, p. 402)

Durante o primeiro ciclo de oficinas a leitura das obras amadianas foram recomendadas e solicitado o registro das narrativas sobre a Península de Itapagipe. Dos vinte e um alunos que participaram das aulas seis realizaram a leitura completa da obra indicada, uma aluna leu, além do recomendado, mais dois livros, outros leram partes da obra para a realização da atividade.

A questão norteadora da aula foi "Quais histórias sobre Itapagipe são narradas por Jorge Amado?" Durante as socializações houve interação do grupo, as informações pontuadas, tais como contexto histórico, sujeitos, fatos, locais foram evidenciados. Busquei durante as exposições chamar atenção para as denúncias realizadas pelos personagens para as desigualdades sociais presentes na sociedade baiana, as transformações urbanas, o descaso das autoridades, o movimento trabalhista e as questões de gênero. O romance lido por mais pessoas foi *Capitães da Areia* fato que contribuiu para que as discussões sobre menores abandonados e maioridade penal levassem mais tempo.

Durante os comentários sobre as histórias amadianas precisei ir retomando para a questão norteadora, visto que o interesse pela própria narrativa era maior que pelo cenário em que elas ocorriam. Para focar a atenção projetei trechos das obras que citam Itapagipe. A interpretação desses trechos foi importante para familiarizar os que não fizeram a leitura com a literatura e com a possibilidade de análise textual. Abordamos os lugares de Itapagipe descritos por Jorge Amado e os indivíduos que apareceram em sua narrativa. Nos momentos finais da aula foi solicitado que formulassem questões sobre a história da região e que buscassem um morador antigo da região para responder. Relembrei que os relatos de moradores são resultado das

memórias guardadas ao longo da vida e que também podem ser entendidas como fonte histórica. A elaboração das questões foi realizada de forma autônoma respeitando o interesse de cada um e com poucas intervenções.

A segunda oficina desse ciclo teve por objetivo confrontar diferentes fontes na elaboração de saberes históricos ao conhecer memórias dos antigos moradores da região e utilizá-las como objeto de conhecimento. Coloquei a turma em círculo e solicitei que socializassem as conversas com os moradores de Itapagipe. Durante a aula-oficina pensamos sobre os relatos dos antigos moradores, relacionando com as narrativas amadianas e com o contexto histórico que estudamos ao longo das unidades, além de compararmos com a realidade atual. Utilizamos os smartphones para pesquisar os dados e informações apontados nas conversas. Foi possível verificar que diversos conhecimentos foram possíveis adquirir com a leitura da obra amadiana e mesmo com a leitura de partes da obra, sobretudo foi importante confrontar as informações dadas pelo escritor com as narrativas dos moradores e a visualização de fotografias da região citada. Veja no quadro abaixo três dos problemas elaborados pelos estudantes e as respostas dos moradores.

#### **Quadro 1 — Problemas de pesquisa**

**Problema 1: No Museu do Solar Amado Bahia ensina que os açougues de Itapagipe doavam partes do boi para a comunidade humilde. Isso é verdade?**

Morador (78 anos): Doava sim. Antigamente a gente ia lá e pedia osso pra feijão, pra sopa... Tinha rabada também, que hoje é caro, eles davam. O bofe e a língua do boi também era dado. Meu pai não conseguia comprar sempre carne não, aí a gente comia essas partes que eles davam, comia marisco que agente mesmo mariscava, siri quando tinha lua... Frango a gente comia dia de domingo.

**Problema 2: Como era a infância em Itapagipe? O que mudou em relação a hoje?**

Moradora (37 anos): Quando eu era criança, as ruas ficavam cheias de menino. Brincavam de bola, esconde-esconde, empinavam arraia. Os adolescentes jogavam dominó. Hoje é diferente todo mundo tem medo da violência e quase não brincam na rua, mas antes também tinha uns meninos que aterrorizavam. Andavam na rua com umas latas cheirando cola de sapateiro, quando eles chegavam acabava a brincadeira, as mães mandavam entrar. Tinha umas gincanas de uma rua contra outra, festa de Natal e São João.

**Problema 3: Jorge Amado conta que na Ribeira, na segunda-feira após a lavagem do Bonfim era dia de festa, com muita comida e festas familiares. Sua família participava desses eventos?**

Moradora (79 anos): Participava, todo mundo participava. Meu pai providenciava as coisas, mamãe colocava umas panelas enormes no fogo, ainda tenho algumas. Os parentes da cidade toda vinham cedo e só voltavam de noite. A Ribeira ficava cheia de gente. Eu não continuei fazendo não. Era muito gasto e trabalho.

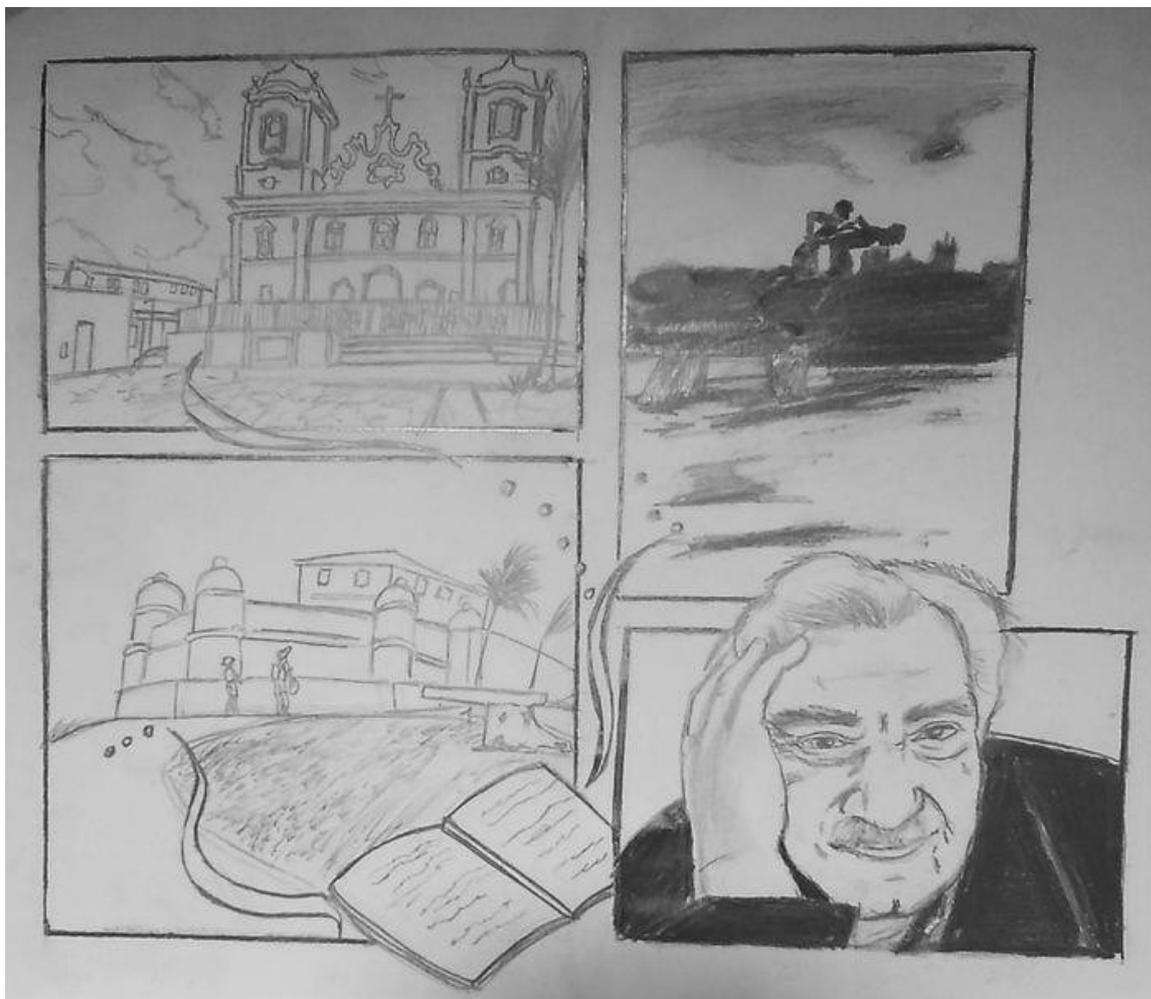
Fonte: A autora (2022).

A cada relato exposto pudemos comparar com o dia a dia. Muitos desses problemas já dariam uma pesquisa. Estudar a infância em Itapagipe, as festas nas segundas-feiras na cidade, a história do próprio solar... São inúmeras possibilidades.

Após esse momento de socialização solicitei uma pesquisa mais específica com fotos da Península de Itapagipe em diferentes épocas. Pedi que olhassem os álbuns de família e buscassem alguma foto de Itapagipe. Também, foi solicitado que fotografassem os lugares atualmente com o intuito de desenvolver um álbum histórico sobre a Península de Itapagipe pautado no diálogo entre a história e a literatura que reflita as mudanças e permanências na região ao longo do processo de urbanização, assim como o processo de exclusão que o caracteriza. Além das fotografias incentivei que cada um escolhesse uma forma de materializar o que estudamos com desenhos, texto expositivo, narrativo, cordel ou poesia.

### **3.4.1 Produções Históricas: a Arte e a Literatura**

Entre as produções escolhi duas para salientar alguns pontos importantes. A primeira corresponde a um desenho produzido por um estudante. Veja a ilustração:



**Fonte:** Estudante W. (16 anos).

O desenho, além de evidenciar a competência artística, carrega elementos que expõem diferentes conhecimentos construídos pelo adolescente. Um escritor reflexivo e três lugares que saem do livro. A Igreja do Bonfim e o Forte do Humaitá, são pontos turísticos, mas são também locais relacionados ao cotidiano do itapagipano. São espaços relacionados à fé, ao lazer, à festividade e à cultura local. Sujeitos também aparecem nos desenhos - são crianças e adolescentes se divertindo em Itapagipe, chamando ainda mais a atenção os pulos na ponte. Qualquer morador da região reconhece a famosa Ponte do Crush<sup>80</sup> que já não existe fisicamente, mas está na memória da comunidade. Construída em meados do século XX, recebeu esse nome em referência a uma fábrica de refrigerante que funcionava em frente. De dia era

<sup>80</sup> Ver Diego Santos (2009)

ponto de lazer para os mais aventureiros banhistas e a noite servia aos casais enamorados.

**Figura 10** — Parte inferior da antiga ponte do Cruch



**Fonte:** Arquivo da autora (2022).

A outra produção foi um texto literário produzido por uma das alunas narrando uma história de ficção.

## Quadro 2 — Produção Literária

### Deusa de Fevereiro

Há algumas décadas atrás, a Bahia estava começando a se tornar industrializada. Estavam surgindo os empregos nas fábricas. As pessoas estavam adquirindo um poder de compra maior. Porém, as pessoas começaram a ter menos tempo em suas agendas, como consequência, os habitantes começaram a desembalar mais e descascar menos. Com isso, a poluição na cidade aumentou drasticamente. Na época das eleições, papéis ficavam debaixo de nossos pés, diariamente víamos garrafas de plástico no chão e a fumaça dos carros começou a fazer parte da paisagem.

Com a chuva, tudo o que chamamos de lixo desceu pela Península de Itapagipe até o mar... Entope os bueiros da cidade, alagando as ruas e impedindo as pessoas de trabalharem nas fábricas. A situação toda estava virando um caos por toda a cidade e as pessoas não sabiam o que fazer. Os peixes e as tartarugas estavam morrendo e o cheiro de água suja fez com que a "deusa das águas" acordasse revoltada.

Como vingança a deusa aumentou o nível do mar ao ponto de praticamente inundar as casas de palafitas. O povo se indignou e foram lutar pelos seus direitos nas ruas... Depois de muito lutarem, obtiveram vitória, e o governo contratou uma empresa que limpou os bueiros e o mar, porém, o nível do mar continuou alto...

Os habitantes de Salvador começaram a se perguntar o "porquê" da situação não ter se resolvido. Até que chegaram a uma conclusão: "A deusa das águas estava infeliz com a população." "Os habitantes da Península se organizaram e ofereceram a deusa; os seus melhores alimentos, longas preces e louvores." Depois de longos dias, a revolta da deusa cessou e ela passou a se agradar do arrependimento do povo.

A deusa das águas finalmente, baixou o nível do mar... Os habitantes se alegraram e criaram uma festa para a deusa das águas no dia 2 de fevereiro. A população teve sua rotina normal de volta.

Fonte: (Estudante E, 14 anos)

O texto da estudante reúne diferentes saberes elaborados ao longo das atividades. A própria inspiração em construir um texto ficcional para uma atividade em História demonstra a compreensão das ideias que envolvem o diálogo entre a Literatura e a História. Relacionar a poluição em Itapagipe com o passado industrial da cidade foi parte da discussão que realizamos em sala ao abordar as fábricas instaladas na península, muitas vezes responsáveis pela poluição da maré e da praia, tão importante para a sobrevivência de pescadores e marisqueiras, assim como para trabalhadores informais e para o lazer da comunidade

A estudante faz referência a uma empresa que contratada pelo governo, promoveu uma limpeza de boeiros e das praias. Essa referência é resultado do diálogo da estudante com uma moradora que apontou para a existência nos anos de 1990 do Programa Bahia Azul<sup>81</sup>, responsável em promover uma obra de saneamento ambiental na região. Para concluir, a importância dada a "Deusa das Águas" é claramente um intertexto com a obra amadiana *Mar Morto* que apresenta aos seus leitores uma mãe d'água que rege o mar e que atende aqueles que precisam dele para sobreviver, assim como também exige respeito a si e ao ambiente que habita.

A realização dessa atividade que consistiu em uma produção livre referente ao já discutido ou lido nas aulas demonstrou que de fato existe pertinência no diálogo da História e da Literatura na educação básica. Foi possível identificar saberes históricos construídos pelos estudantes envolvidos. Assim como foi notório que o texto literário é uma fonte de pesquisa histórica como também é um lugar para boas perguntas e para a valorização de diferentes habilidades para o alunado.

### 3.5 O ÁLBUM: "PELAS RUAS DE ITAPAGIPE: HISTÓRIAS CONTADAS, POR AMADO, E POR NÓS"

Faz parte dos projetos estruturantes da Secretaria do Estado da Bahia, o projeto Educação Patrimonial e Artística (EPA) que vem sendo desenvolvido desde 2012. O EPA funciona como um incentivo à pesquisa e à valorização do patrimônio do estado objetivando "incrementar o desenvolvimento de ações essenciais para o exercício do direito à cultura, para a defesa dos valores históricos, artísticos e estéticos, para a formação de uma nova mentalidade cultural"<sup>82</sup> buscando "Identificar o patrimônio como uma das possibilidades de interpretação de nossa história cultural". Faz parte do projeto a delimitação de um tema de pesquisa pelos estudantes referente ao patrimônio histórico, artístico e cultural da Bahia e a construção de um álbum contendo os registros dos próprios estudantes com fotografias e textos produzidos por eles mesmos.

Como culminância das aulas-oficinas foi elaborado um álbum histórico, seguindo as orientações do EPA. Os textos e as fotografias foram produzidos ao longo

---

<sup>81</sup> Ver Patrícia Borja (2005)

<sup>82</sup> Descrição do EPA no site da Secretaria de Educação do Estado da Bahia. Ver: <http://escolas.educacao.ba.gov.br/epa>

das aulas-oficinas e reuniu os registros realizados pela turma sobre a História de Itapagipe, não a que está disponível em sites de busca, nem em documentos nos arquivos oficiais, o álbum conta histórias narradas por Jorge Amado, pelos vizinhos e familiares e, principalmente, pelos próprios estudantes.

**Figura 11** — O álbum



**Fonte:** Arquivo da autora (2022)

A estrutura do álbum foi criada com materiais reaproveitados com o apoio de da professora de Artes, Eneida Moreira, na capa a ilustração feita pelo estudante e no interior fotografias coletadas e tiradas pelos próprios alunos e relatos dos moradores, além dos textos produzidos por eles mesmo.

Ao longo da construção do álbum o interesse dos estudantes pela criação ficcional foi significativo. Alguns se interessaram em construir narrativas literárias baseadas na realidade, outros narraram suas vivências na região, porém a maioria preferiu conversar com vizinhos e familiares ou pesquisar depoimentos na internet.

Em relação à fotografia houve a busca de fotos antigas e o registro de novas fotos, visando uma comparação entre o passado e o presente da península. Atividades como essa no Ensino Fundamental dinamiza o espaço escolar, alivia a tensão do conteudismo e faz com que conceitos discutidos sejam compreendidos na prática. Veja algumas composições do álbum na próxima seção:

### 3.5.1 Alagados

**Figura 12** — Palafitas



Fonte: Estudantes do 9 ano.

**Quadro 3 — Alagados**

Frase de de Jorge Amado	Depoimento	Produção Textual
<p>"É a miséria em sua maior crueza, espetáculo deprimente e revoltante" (AMADO, p. 82, 1986)</p>	<p>"Já morei em palafitas... Quando a maré enchia a gente tomava banho. A gente saiu porque pegou fogo, a polícia chegou e colocou fogo. Foi o que disseram. Ai depois ganhamos uma casa. Agora lá é só maré". (Estudante K, 16 anos)</p>	<p>Jorge Amado denuncia a situação de pobreza dos Alagados, "é a miséria em sua maior crueza, espetáculo deprimente e revoltante". Para Amado, o morador dos Alagados é admirável: "Com o lixo, com a lama e com a necessidade de habitar, com sua capacidade de viver, de se sobrepor à morte, o povo constrói bairros inteiros, ergue suas casas na terra ou no mar" (AMADO, p.85, 1986). (Estudante L, 15 anos)</p>

Fonte: Arquivo da autora (2022).

### 3.4.2 Monte Serrat

**Figura 13 — Igreja de Mont Serrat**

Fonte: Arquivo da autora (2022).

**Figura 14** — Lugar de comemorações de lemanjá

Fonte: Arquivo da autora (2022).

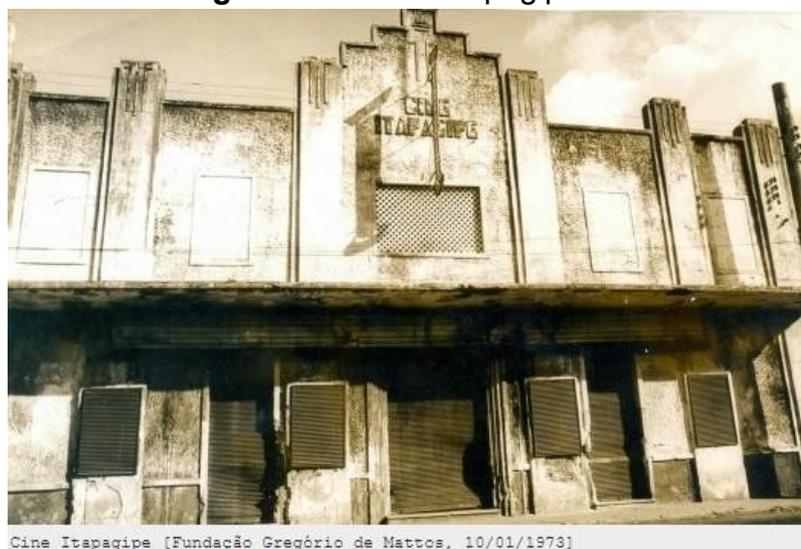
**Quadro 4** — Monte Serrat

Narrativa de Jorge Amado	Notícia, Jornal a Tarde	Relato de morador
Nenhum mestre de saveiros tem uma mulher como a de Guma. Todos dizem isso e sorriem todos para ela. Todos gostariam de tê-la nos braços musculosos das travessias. Mas ela é somente de Guma, casou foi com ele na igreja de Mont Serrat, onde se casam os pescadores, os canoieiros e os mestres de saveiro. Mesmo marinheiros que viajam por mares longínquos, em paquetes enormes, vêm casar na igreja de Mont Serrat, que é a igreja deles, trepada no morro, dominando o mar. (AMADO, 1970, p. 14-15)	“Nesta capital, o ponto escolhido para esse culto é Mont Serrat. Num trecho da praia ali existente há um rochedo, onde se vê uma lôca na qual crêem os ingênuos piamente habita a “Mãe d’água”. Todas as noites, uma romaria de fiéis ali vai levar presentes à rainha das águas, os quaes são atirados ao mar juntamente com cartas a ella dirigidas nas quaes são feitos os appellos e supplicas”. (A TARDE, 26/1/1916, capa).	O Monte Serrat é um lugar completo. Você pode aprender da história visitando as Igrejas, o forte, o casarão do Humaitá que antigamente, eram casas de donos de engenhos. Eles moravam na parte de cima e os escravos deles ficavam em baixo, por isso, a estrutura tem muitas grades de ferro, para impedir a fuga dos mesmos. Pode aproveitar a praia que é a melhor da cidade e passear por belas paisagens. (Maria, 50 anos)

Fonte: A autora (2022).

### 3.5.3 O Cinema de Itapagipe

**Figura 15** — Cine Itapagipe<sup>83</sup>



Fonte: Fundação Gregório de Matos (1973).

**Figura 16** — Local atual do cinema



Fonte: Estudantes do 9 ano.

<sup>83</sup>Ver BIERRENBACH, Ana Carolina. Luxo, luxúria e lixo. A presença e o esquecimento dos cinemas de Salvador. *Arquitextos*, São Paulo, ano 16, n. 187.03, Vitruvius, dez. 2015. <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/16.187/5884>>.

**Quadro 5** — Relatos sobre o cinema

Narrativa de Jorge Amado	Produção Textual	Relato de moradora
Pena que no cinema não pudesse gritar quando o mocinho surrava o vilão, como fazia nas vezes que conseguira penetrar no galinheiro do Olímpia ou do cinema de Itapagipe. Ali, no Guarani, luxuoso e de cômodas cadeiras, tinha que ouvir o filme em silêncio e num momento que não se conteve e soltou um assovio, Raul o olhou. É verdade que sorria, mas também é certo que fez um gesto para que Sem-Pernas não assoviasse mais.	Jorge Amado conta que Sem Pernas foi ao cinema do Guarany, um lugar luxuoso com uma família abastada que eles pretendiam furtar. O capitão da areia precisou ouvir o filme em silêncio, o que fez ele sentir falta do cinema na Ribeira onde podia gritar e assobiar.	Quando eu era pequena, minha prima namorava com o porteiro do cinema, ficava ali na Madragoa. Íamos de graça. Depois fechou. (Isa, antiga moradora, 84 anos)

**Fonte:** A autora (2022).

Como os exemplos evidenciam, a construção do álbum partiu das narrativas amadianas, as referências que o escritor fez sobre Itapagipe. Das informações dadas por Amado veio a pesquisa por fontes orais, visuais e escritos. Os registros sobre a pesquisa ocorreram por meio de pequenos textos e fotografias. O álbum construído pelos discentes ficará exposto para a comunidade escolar na biblioteca da unidade funcionando como um difusor de memórias. Com essa produção as propostas da aula-oficina são concretizadas ao levar os estudantes a produzirem um material didático que poderá ser utilizado por outros na sua comunidade escolar. Importante destacar que Isabel Barca (2004) defende que além dos teste e diálogos, os estudantes precisam ser avaliados pelo material que produz, ou seja, trabalhos como esse são também instrumentos avaliativos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além das transformações que a História passou enquanto ciência e disciplina escolar, a sociedade também mudou e, conseqüentemente, existe uma nova geração de estudantes que possuem novas necessidades. Portanto, os antigos métodos educacionais não os alcançam, sendo fundamental a criação de diferentes situações de aprendizagem para mantê-los motivados e possibilitar a tão almejada aprendizagem significativa. A interdisciplinaridade entre a História e a Literatura produz experiências escolares fantásticas. E, por já vivenciar durante experiências acadêmicas e profissionais resultados exitosos, busquei durante essa pesquisa construir um conhecimento teórico mais amplo sobre o tema à medida que difundiria uma metodologia que considero pertinente no processo de ensinar e aprender História.

A prática de ensino de História que aproxima os estudantes do fazer historiográfico tem revelado grande potencial para levar os discentes a se reconhecerem como sujeitos históricos e entenderem a importância da compreensão do passado na construção do presente. A utilização de diferentes fontes históricas na sala de aula são fundamentais para propiciar a formulação de questionamentos e a elaboração de hipóteses, deixando de lado a História factual e decorativa de outro século. Entre as diferentes fontes que podemos usar no processo de construção do saber histórico está a Literatura. Os textos literários funcionam como um lugar de boas perguntas, pois sensibilizam seus leitores ao despertar curiosidades e evidenciar o que outras fontes omitem. São lugares esquecidos que aparecem nas narrativas, assim como vários indivíduos silenciados pelas narrativas oficiais conquistam seu lugar de sujeitos históricos.

Ao reconhecer a Literatura como fonte histórica e recurso didático para o estudo da História, notamos o quanto ela é fundamental para a pesquisa sobre História Local. O texto literário lembra, o que a memória esqueceu. Nesse sentido, diversos autores podem ser resgatados e estudados à luz da metodologia de pesquisa em História não apenas como um texto que possui informações a serem confirmadas por outras fontes, mas como o registro de memórias do autor e de seus personagens. Nesse sentido, a obra de Jorge Amado faz-se relevante por carregar contextualizações históricas e expor informações silenciadas em outras fontes, tornando-se de grande valia no estudo da História Local. Os alunos da Bahia para se

apropriarem do conhecimento histórico precisam ver os locais que conhecem como espaço de História, assim como reconhecer que as pessoas de sua comunidade são sujeitos ativos nesse espaço.

A obra amadiana muitas vezes é abordada em trabalhos acadêmicos mencionados ao longo da pesquisa, mas continua desconhecida de muitos estudantes. Nesse sentido, entendo que este trabalho de pesquisa possibilitou sistematizar discussões importantes a respeito do ensino de história que envolve a necessidade de uma metodologia promotora do protagonismo dos estudantes no processo de aprender história ao fomentar a aproximação entre a História Local e a literatura amadiana. Jorge Amado, além de produzir ficção, produz um relato histórico carregado de suas memórias. O escritor não é um historiador, porém traz na literatura elementos da realidade, suas narrativas entregam inquietações e fomentam reflexões, pois esse era seu objetivo. Amado nos narra histórias, sendo ele mesmo um sujeito histórico do século XX, foi um intelectual atuante, participante da política e observador de diferentes realidades do estado. Foi escritor da história pela ficção. E agora ele e suas obras são objetos da história, nos fazendo considerar, finalmente, que o fazer literário é subsidiado pelo fazer histórico. (SANTOS e SILVA, p 222, 2021).

O diálogo entre a História e a Literatura é uma opção atraente para estimular a potência criativa dos estudantes da educação básica ao instigá-los a se aproximar do trabalho do historiador, pesquisando, analisando documentos, realizando registros, criando hipóteses, confrontando fontes. É, também, um caminho pertinente para uma prática educativa transformadora, visto produzir reflexões sobre pessoas, cotidiano e história local, além de aproximar a História Escolar do patrimônio, da arte, da comunicação, do teatro e da História Cultural.

Entre as possibilidades para o estudo da obra, selecionei o tema "História, Literatura e Memória na Sala de Aula". A seleção, como já mencionado resultou do tempo que possuía para a aplicação da oficina de acordo com a organização do ano escolar e, principalmente, ao conhecimento prévio da turma. Muitos dos estudantes estavam há dois anos distantes da sala de aula por conta da pandemia e revelaram pouco conhecimento tanto da História como da Literatura, o que exigiu um tempo maior que o esperado para o trabalho com conceitos básicos. Ao trabalhar com os pressupostos de Isabel Barca sobre aula-oficina busquei criar situações de aprendizagem que envolvesse a turma na pesquisa histórica sobre o local que vivem e os fizessem conhecer mais sobre o trabalho do historiador. Por meio desse método,

o professor deixa de se limitar ao papel de "simples expositor e gestor de diálogos" para assumir "uma postura de professor-investigador social". (BARCA, 2007, p. 63). A aula, nessa perspectiva, vira um espaço de construção de saberes, em que todos aprendem e se motivam.

Partindo de uma pesquisa qualitativa aplicada, é possível constatar que a intersecção entre a obra de Jorge Amado e a História Local contribui para a valorização de diferentes sujeitos e memórias ao evidenciar histórias que não estão nos registros oficiais e quando estão não é de conhecimento de adolescentes acostumados a utilizar apenas o livro didático na construção do conhecimento. Os resultados obtidos com a aplicação das aulas-oficinas testificaram o quanto é importante para uma aprendizagem significativa dos alunos o desenvolvimento de atividades que os motive a participar de um processo de resgate de memórias com coletas de depoimentos, registros fotográficos, visitas e leitura de textos literários. Em relação ao empenho na realização das atividades houve uma significativa variação entre os estudantes. Alguns foram motivados a leitura e a pesquisa, outros as atividades mais práticas, porém a maior parte dos estudantes desenvolveram habilidades e construíram novos saberes.

Como um dos principais objetivos da pesquisa foi propor estudar a história local partindo da ficção literária é possível concluir que as atividades desenvolvidas em aula possibilitaram estreitar as fronteiras entre os estudantes e o conhecimento histórico. Conhecer os olhares amadianos sobre a Península de Itapagipe, permitiu identificar a visão de alguém que viu o lugar, não pertencente a este lugar, mas com histórias para contar sobre ele. É válido salientar que mais que a visão de quem escreve, a literatura carrega a impressão do narrador e de muitos personagens. Portanto, a ficção nos permite conhecer diferentes memórias à medida que aciona nossas próprias memórias.

"Uma leitura contextualizada do passado a partir da evidência fornecida por variadíssimas fontes" (BARCA, 2006, p. 95) corresponde a um ensino de História que entende a diversificação das fontes históricas como um importante recurso didático para compreender aspectos históricos e culturais da cidade e de sua gente, além de criar vivências múltiplas e situações peculiares de aprendizagem, por meio da literatura, especificadamente, é possível oportunizar o trabalho com temas sensíveis, insurgentes e, ainda, oferecer o protagonismo a diferentes sujeitos. Nesse sentido os envolvidos nas atividades demonstraram adquirir novos conhecimentos, assim como

desenvolveram habilidades no trabalho com fontes históricas.

A partir desta pesquisa é possível constatar que a utilização da Literatura Amadiana para estudo de História Local, pautadas nos pressupostos teóricos da aula-oficina é uma estratégia interessante para garantir o processo de aprendizagem dos estudantes e a progressão das ideias históricas. Espero que as propostas, expostas nessa dissertação e no material de apoio ao professor, sejam úteis ao educador que busca fazer de sua sala de aula um lugar de pesquisa e que acredita em uma prática de ensino de História capaz de gerar aprendizagem significativa e construir uma consciência histórica.

## FONTES

AMADO, Jorge. **A morte e a morte de Quincas Berro Dágua**. 80 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

\_\_\_\_\_. **Bahia de Todos os Santos: guia das ruas e dos mistérios da cidade do Salvador**. 12 ed. São Paulo: Martins, 1986.

\_\_\_\_\_. **Capitães da Areia**. (57 ed.) Rio de Janeiro: Record, 1983.

\_\_\_\_\_. Jorge Amado: entrevista [1984]. Entrevistadora: Silvia Poppovic et al. 1h 02 min 46s. Programa Vox Populi, TV Cultura. Disponível em: <https://youtu.be/JYDMnwN4vBI>. Acesso em: 10 mai. 2022.

\_\_\_\_\_. **Mar Morto**. (63 ed.) Rio de Janeiro: Record, 1990.

HISTÓRIA dos Bairros de Salvador: Cidade Baixa e Península de Itapagipe. Aurélio Schommer. Salvador, 2020. Curta-metragem (9min.). Disponível em: <https://youtu.be/JtAS7uVrR50>. Acesso em: 12 jul. 2022.

## REFERÊNCIAS

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. **O romance social brasileiro**. São Paulo: Scipione, 1993.

AGUIAR, Joselia. **Jorge Amado: uma biografia**. São Paulo: Editora Todavia S.A, 2018.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **História: A arte de inventar o passado (ensaios de teoria da história)**. Baurú: EDUSC, 2007.

ALBUQUERQUE, Janeslei A; KUNZLE, Maria Rosa. **O currículo e suas dimensões, multirracial e multicultural**. In: Caderno Pedagógico nº 4, APP-SINDICATO 60 ANOS. 2007.

AMADO, Jorge. **Navegação de cabotagem: apontamentos para um livro de memórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. **Jubiabá**. (21 ed.) São Paulo: Martins, 1995.

\_\_\_\_\_. **Suor**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. **Tenda dos milagres**. (40 ed.) Rio de Janeiro: Record, 2000.

ANDRADE, Celeste. **A literatura no ensino de história da Bahia: a obra de Jorge Amado**. SITIENTIBUS (UEFS), Feira de Santana, v. 14, p. 09-21, 1996.

\_\_\_\_\_. **Os “capitães da areia” de Jorge Amado: histórias de vida na cidade da Bahia, Amerika** [Enlínea], 2021. Disponível em: <http://journals.openedition.org/amerika/4676>; DOI: <https://doi.org/10.4000/amerika.4676>. Acesso em: 20 de Maio de 2021.

\_\_\_\_\_. **Conhecendo a Bahia através da ficção: Jorge Amado e as questões-étnico-raciais**. In: VI Encontro Estadual de História. XXIII Ciclo de Estudos Históricos. Povos indígenas, africanidades e diversidade cultural: produção do conhecimento e ensino, 2013, Ilhéus, BA. Anais Eletrônicos - VI Encontro Estadual de História - ANPUH-BA. Ilhéus, BA: Associação Nacional de História - Seção Bahia, 2012. v. 01. p. 1-7.

ARAGÃO, Fernanda Maria. **Ribeira de Itapagipe: história de um bairro de Salvador**. Salvador, 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação com habilitação em Jornalismo) - Ufba

AUSUBEL, D. **Aquisição e retenção de conhecimentos**. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2003.

BAÍA DE ITAPAGIPE e Península de Itapagipe: você sabe do que se trata? Diário de Salvador. 2020. Disponível em: <https://diariodesalvador.com/baia-de-itapagipe-e-peninsula-de-itapagipe-voce-sabe-do-que-se-trata/>. Acesso em: 7 out. 2022.

BARBOSA, Vilma de Lurdes. Ensino de História Local: Redescobrimdo Sentidos. **Saeculum – Revista de História**, João Pessoa. p. 57 – 85 p, jul/dez 2006.

BARCA, Isabel. Desafios para ensinar a pensar historicamente. **Revistas Territórios e Fronteiras**, v. 14, p. 32-60, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.22228/rt-f.v14i2.1159>. Acesso em: 20 nov. 2022.

BARCA, Isabel. Ideias chave para a educação histórica: uma busca de (inter) identidades. **História Revista**, Goiânia, v. 17, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/21683>. Acesso em: 20 nov. 2022.

BARROS, José D' Assunção. HISTÓRIA E LITERATURA: novas relações para os novos tempos. **Contemporâneos: revista de artes e humanidades**, Mai-Out 2010. Disponível em: [https://www.revistacontemporaneos.com.br/n6/dossie2\\_historia.pdf](https://www.revistacontemporaneos.com.br/n6/dossie2_historia.pdf). Acesso em: 19 jul. 2022.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL, Ramón. **Decolonialidade e perspectiva negra**. Sociedade e Estado. Brasília, 2016, p. 15-24. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100002>. Acesso em: 15 mai. 2021.

BIERRENBACH, Ana Carolina. **Luxo, luxúria e lixo: A presença e o esquecimento dos cinemas de Salvador**. *Arquitextos*, São Paulo, ano 16, n. 187.03, Vitruvius, dez. 2015. <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/16.187/5884>>.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BORJA, Patrícia Campos. **Programa Bahia Azul: Uma avaliação quali-quantitativa**. Cadernos PPG-AU/FAUFBA, v. 1, p. 11-36, 2005.

BORGES, Valdeci Rezende. José De Alencar e As Américas: Nos Circuitos Das Ideias Refletindo Sobre a Literatura Na América. **Locus: Revista De História**, v. 17, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20342>. Acesso em: 18 out. 2022.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** . Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: história /**. Brasília: MEC SEF, 2001.

CARDOSO, Ceila Rosana Carneiro. **Arquitetura e indústria: a península de Itapagipe como sítio industrial de Salvador moderna, 1891-1947**. Dissertação- Escola de Engenharia de São Carlos, São Paulo, 2004.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

CALIXTO, Carolina Fernandes. **Jorge Amado e a identidade nacional: diálogos político-culturais**. 2011. 171f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

CASTELLO, José. "Jorge Amado e o Brasil". In: GOLDSTEIN, Yllana S.; SCHWARCZ, Lilia Moritz. (org.) **Caderno de leituras: A literatura de Jorge Amado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de história e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea**. Editora FGV, v. 1, 2010.

CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis, historiador**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2002.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural - entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

COSTA, Aryana. História Local. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. **Dicionário de ensino de história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2019.

CRUZ, M. C. V.; LEAL, M. G. A. (Org.); MORENO, J. R. (Org.). **Histórias e espaços portuários. Salvador e outros portos**. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2016.

DAVIES, Nicholas. As camadas populares nos livros de História do Brasil. In: JAIME, Pinsky (Org.). **O ensino de história e a criação do fato**. 14 ed. São Paulo: Contexto, 2020. cap. 6, p. 121-138.

FERREIRA, Grace Kelly. **Folhetos de acontecido: literatura de cordel e sua função no ensino de história**. Dissertação Mestrado em ensino de história -- PROFHISTÓRIA - UEM, Maringá, 2018.

FLEXOR, Maria Helena (Org.); SCHWEIZER, Peter José (Org.). **Península de Itapagipe: patrimônio industrial e natural**. Salvador: EDUFBA, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/16789/1/pensinsula-de-itapagipe.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2021.

FRAGA, Walter. **Mendigos e vadios na Bahia do século XIX**. Dissertação- Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1994.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de Ensino de História**. 4ª edição. Campinas: Papyrus, 2005.

FONSECA, Selva Guimarães; SILVA, Marcos. **Ensinar História no século XXI**. Campinas: Papyrus, 2007.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. **O queijo e os vermes: O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, v. 3, 2017.

GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. **O Brasil bestseller de Jorge Amado: literatura e identidade nacional**. Dissertação (Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

GOLDSTEIN, Ilana (Org.); SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **Cadernos de Leituras: O universo de Jorge Amado**. Disponível em: <http://www.jorgeamado.com.br/professores.php>. Acesso em: 3 mar. 2021.

GRECCO, G. L. “História e literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação”. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 6, p. 39-53, 2014.

GUIMARÃES, Marcella Lopes. **Capítulos de História: o trabalho com fontes**. São Paulo: Aymará Educação, 2012.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: O breve século XX**. Editora Companhia das Letras, v. 3, 1995.

LE GOFF, Jacques . **História e memória**. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990.

\_\_\_\_\_. **O Imaginário Medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

LEAL, Maria das Graças de Andrade. “Conhecendo a cidade, descobrindo o olhar: uma experiência de educação patrimonial com história e fotografia”. **História & Ensino**, Londrina, p. 123-147, jan/jun 2011.

LEE, Peter. **Por que aprender História?** Educar em Revista. Curitiba, PR: UFPR, 2011.

LEVI, Giovanni. **A herança imaterial: Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

MACIEL, B. B.; RUBIM, A. A. C. **Políticas Culturais no estado da Bahia: 1945/1964**. 2005. (Relatório de pesquisa).

MARCÍLIO, Maria Luiza. **História Social da criança abandonada**. São Paulo: Hucitec, 1998.

MARTINS, Giovana Maria Carvalho; CAINELLE, Marlene Rosa. **O uso de literatura como fonte histórica e a relação entre literatura e história**. *in*: Congresso Internacional de História, n. VII. 2015. Anais [...] Universidade Estadual de Londrina, 2015, p. 3889-3901. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1318.pdf>. Acesso em: 10 out. 2022.

MOREIRA, Marco; MASINI, Elcie. **Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Saraiva, 2001.

MONTALVÃO, Morgana. **Um Olhar sobre a Ribeira: uma viagem no tempo**. Salvador, 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) - Centro Universitário Jorge Amado, Salvador, 2010. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/morganamontalvao/pdf-um-olhar-sobre-a-ribeira-uma-viagem-no-tempo>. Acesso em: 18 mai. 2021.

MOURA, Alex. **A linguagem poética no ensino de história: a história como potencial poesia**. Dissertação Mestrado em ensino de história – PROFHISTÓRIA - UNIRIO, Rio de

Janeiro, 2020.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

NETTO, Denise G. **A Literatura como fonte para o Ensino de História: "Os Sertões" de Euclides da Cunha e a Guerra de Canudos na Primeira República**. Curitiba, 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1396-6.pdf>. Acesso em: 27 set. 2022.

OLIVEIRA, Cristiane. **Contos da África Lusófona: Fontes Literárias para o Ensino de História**. Dissertação Mestrado em Ensino de História - PROFHISTÓRIA - UNIRIO, Rio de Janeiro, 2018.

PENA, João Soares. Cinemas de Salvador: apogeu e decadência dos cinemas de rua. O Olho da História, Salvador, n. 18, jul 2012. Disponível em: [www.laboratoriourbano.ufba.br](http://www.laboratoriourbano.ufba.br). Acesso em: 9 maio, 2023.

PESAVENTO, Sandra Jatagy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

\_\_\_\_\_. Relação entre História e Literatura e Representação das Identidades Urbanas no Brasil (século XIX e XX). **Revista Anos 90**, Porto Alegre, Dez 1995.

PRANDI, Reginaldo. "Religião e Sincretismo em Jorge Amado". In: GOLDSTEIN, Yllana S.; SCHWARCZ, Lilia Moritz. (org.) **Caderno de leituras: A literatura de Jorge Amado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PINTO, Julio Pimentel; TURAZZI, Maria Inez. **Ensino de História: diálogos com a literatura e a fotografia**. São Paulo: Moderna, 2012.

RENZCHERCHEN, Anderson Teixeira ; FERREIRA, Silvéria da Aparecida . "A morte e a morte de Quincas Berro D'água", **História e Literatura: diálogos, singularidades e possibilidades de análise**. História & Ensino , v. 25, p. 325-345, 2019.

Ribeiro, André e Couto, Edilece. "Devoções Afro-católicas nos Romances O Compadre de Ogum e o Sumiço da Santa de Jorge Amado". In: **História & Literatura: conexões, abordagens e perspectiva**. Jundiaí: Paco Editorial, 2020.

RIBEIRO, Marcus Venicio. Não basta ensinar história. **Nossa História**, Rio de Janeiro, v. ano 1, n. 6, p. 74-76, abril 2004.

SANTOS, Marilécia Oliveira. **O viver na "cidade do bem": tensões, conflitos e acomodações na Vila Operária de Luiz Tarquínio, na Boa Viagem – Bahia (1892-1946/47)**. Salvador: EDUFBA, 2017

SANTOS, Diego Mascarenhas. **Crush – histórias sobre uma ponte: audiovisual fotográfico**. Salvador: UFBA, 2009.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlena. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. “O ensino de história local e os desafios da formação da consciência histórica”. In MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette Medeiros e MAGALHÃES, Marcelo de Souza (org). **Ensino de história: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História / Brasília: MEC / SEF, 1998.**

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Alcimar. **Península de Itapagipe: histórias, tradições e cultura popular**. Salvador: Grupo Cultural Pórtico, 2003.

SILVA, R., & Santos, F. W. (2021). História e Literatura: Jorge Amado e seus escritos literários nos anos 30. **Escritas Do Tempo**, 3(8), 206-224. Disponível em: <https://doi.org/10.47694/issn.2674-7758.v3.i8.2021.206224>. Acesso em: 20 nov. 2022.

SILVA, Rafaela Mendes; SANTOS, Francisco Wilton Moreira dos. História e Literatura: Jorge Amado, seus romances e as questões históricas nos anos 1930. **Revista Escritas do Tempo**, v. 3, n. 8, p. 206-224, mai-ago 2021.

OLIVEIRA, Cristiane. **Contos da África Lusófona: Fontes Literárias para o Ensino de História**. Dissertação Mestrado em ensino de história – Profhistória - UNIRIO, 2018.

ÓRIA, Ricardo . Memória e ensino de História. In: BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. 12 ed. São Paulo: Contexto, f. 88, 2020. 175 p, p. 128-148.

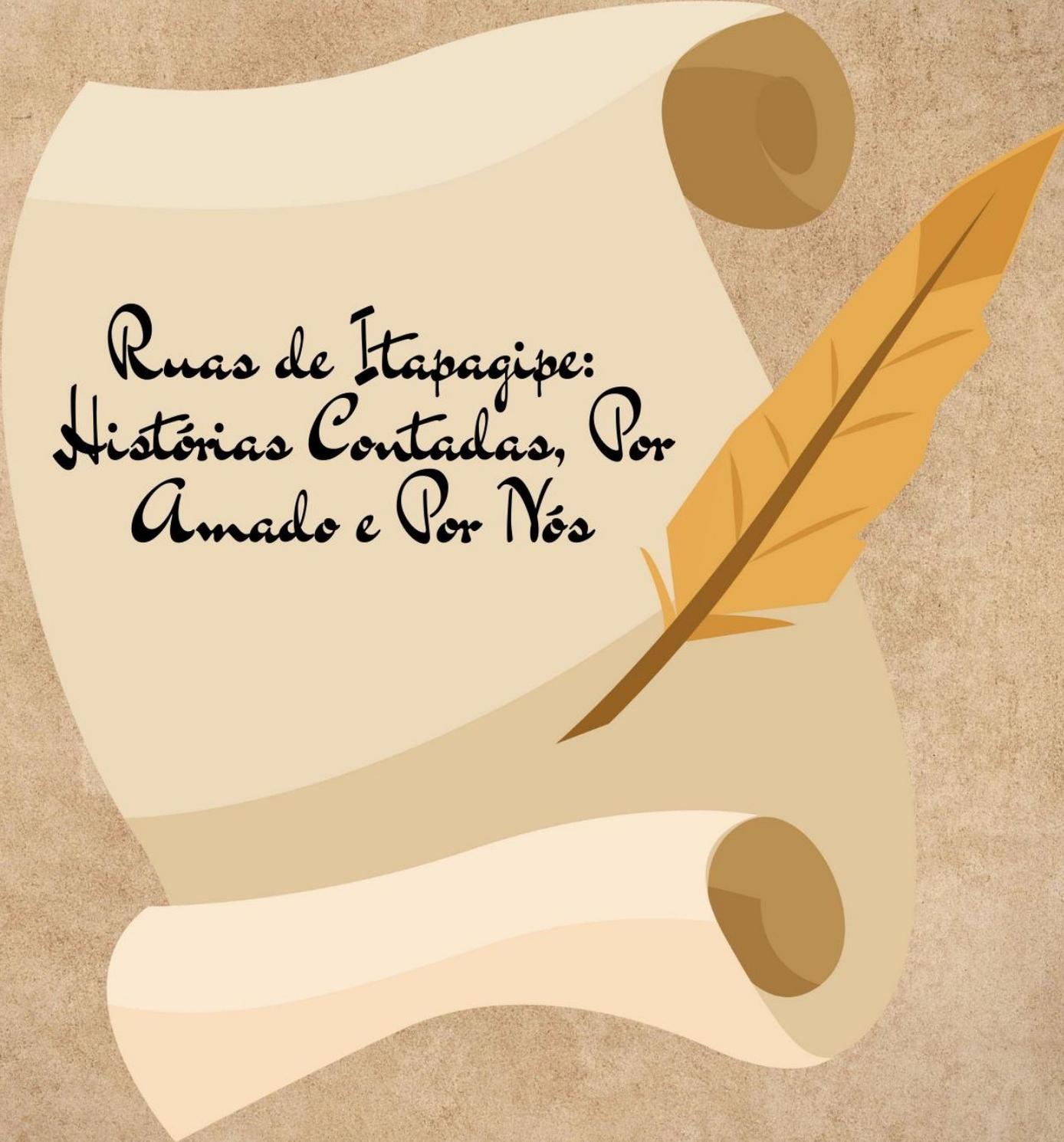
PINHO, Deise K. Santana. **MINHA RE) EXISTÊNCIA É VOZ! Ensino de história e escrevivências de mulheres negras: Oficinas pedagógicas com o romance ‘Um defeito de cor**. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – Mestrado Profissional, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2022.

VERAS, Renata Meira et al. **As condições de vida e de trabalho da população em situação de rua do Centro Histórico de Salvador, Bahia**. Caderno de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas, Santa Catarina, v. 15, n. 106, 04 Jul 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1984-8951.2014v15n106p161>. Acesso em: 7 mai. 2023.

VIANA, Lucialine. **Fontes literárias e a construção de saberes históricos: uma proposta didático-pedagógica no Ensino de História**. Dissertação Mestrado em Ensino de História - PROFHISTÓRIA - Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína, 2017.

**APÊNDICE - AULA-OFICINA**

**Joelma Maltez**



*Ruas de Itapagipe:  
Histórias Contadas, Por  
Amado e Por Nós*

Aula-Oficina

RUAS DE ITAPAGIPE: HISTÓRIAS CONTADAS POR AMADO E POR NÓS

Caderno do Professor

Material produzido para o Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História

Universidade Estadual da Bahia

Produção Joelma Maltez de Sá Dominguez da Silva

Orientação Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria das Graças de Andrade Leal

Revisão de texto Bruno Dominguez da Silva

Aos colegas,

Este material objetiva contribuir para as discussões sobre o ensino da História ao apontar possibilidades práticas do trabalho entre a Literatura e a História Local. A construção das aulas-oficinas aqui exposta é fruto da pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), assim como reflete muitas de minhas vivências como professora.

Desde a infância, gosto dos livros, filmes e novelas baseadas na realidade de períodos passados. Pareciam-me interessante as leituras e as cenas que traziam conhecimentos de um momento a outro, um momento que não vivi, mas que se apresentava com diferentes significados. Quando a vi na escola algo que se relacionava com o que havia lido, ouvido de meus familiares ou visto na televisão, estudava com satisfação. Gostava de ver representações no cinema, nas novelas e no teatro de personalidades de outras épocas.

Quando concluí a educação básica, não conseguia conceber a ideia de estudar outra coisa que não fosse História, por isso decidi que seria este meu caminho acadêmico. Na faculdade, fiz um curso voltado para formação de professores. Com raras exceções, meus colegas já possuíam uma larga vivência como educadores, dividindo comigo as experiências que tiveram nas salas de aula. Em pouco tempo, entendi que meu interesse pela História não estava apenas na aprendizagem, estava também no ensino. Desde muito cedo, senti a importância de que meu posicionamento enquanto professora teria e desejei encontrar um caminho que me tornasse uma docente inspiradora, capaz de 'encantar as palavras', como costuma falar Durval Muniz de Albuquerque Júnior. Assim, compreendi, ainda durante a formação, qual tipo de professora queria ser, aquela que desperta a curiosidade, a autonomia; que facilita a aprendizagem e incentiva o gosto pelo saber.

Iniciei a minha carreira como professora muito jovem, ainda aos 18 anos, estudando o terceiro semestre na faculdade. Enquanto aprendia, ensinava. Levava para sala tudo que vivia na graduação. Passei por momentos de plena realização e por outros que me faziam pensar em desistir. Passados quinze anos na sala de aula, no entanto, podia afirmar que meus melhores momentos e resultados, novamente, foram aqueles que trouxeram possibilidades de diálogos entre história, literatura, cinema e teatro. As aproximações entre a História e a ficção foram, desde o início, a base do meu processo de aprender e de ensinar.

Narro minha história, pois acredito que muitos os que adentram as salas de aula foram movidos pelas próprias paixões e, por isso buscam, muito mais que transmitir conteúdo. Entretanto, não são poucas as dificuldades do educador, e entre elas está a preparação de materiais para as aulas. São tantas as demandas que por vezes desenvolver projetos e oficinas é uma tarefa árdua, mesmo porque muitos de nós lecionamos em diversas séries e, por vezes, em mais de um componente curricular. Este material, assim como outros produzidos no PROFHISTÓRIA, procurou somar na busca incessante do professor e professora que faz de sua sala de aula um lugar de pesquisa e de desconstrução das práticas autoritárias.

A proposta principal é utilizar a Literatura como recurso didático e fonte história no intuito de aproximar o educando de problematizações históricas, elaboração de hipóteses, investigação. O autor escolhido foi o escritor baiano Jorge Amado por sua gigantesca contribuição à História ao narrar tantos lugares da Bahia evidenciando espaços e sujeitos ocultados do currículo escolar tradicional. A série escolar escolhida foi o nono ano do Ensino Fundamental, mas as atividades podem ser adaptadas para o Ensino Médio. O lócus da pesquisa é a Península de Itapagipe, localizada na Cidade Baixa de Salvador, porém as atividades podem ser adaptadas para outros lugares da cidade.

O material é composto por uma breve sistematização da discussão teórica da minha dissertação de mestrado “História e Literatura na Sala de Aula: Olhares de Jorge Amado sobre a Península de Itapagipe” e de uma sequência de seis oficinas que podem ser desenvolvidas na própria sala de aula intercalando aos conteúdos de referência para a série.

Espero que o material contribua em sua prática docente.

Joelma Maltez de Sá Dominguez da Silva  
Professora de História

## 1. POR QUE O DIÁLOGO ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA?

Desde o final do século XX, as discussões sobre o que e como ensinar a disciplina se avolumam. A História como disciplina autônoma tornou-se tema constante de várias discussões contra “o ensino factual do conhecimento histórico, anacrônico, positivista e temporalmente estanque” (SCHIMIDT e CAINELLI, 2004, p.12). Faz parte das reflexões sobre tornar o conhecimento significativo, a aproximação dos alunos do fazer historiográfico, inclusive com a leitura e interpretação de fontes históricas. Entretanto, apesar de já existir uma clarividência em relação à importância da diversidade de fontes na pesquisa, por vezes, a aproximação do alunado com a tarefa do historiador só é enfatizada quando se trabalha com documentos, fato que reflete ainda um pensamento rankeano no sistema educacional. Propor a utilização da Literatura como fonte histórica e recurso didático justifica-se, portanto, pela necessidade de superação do ensino tradicional. A inclusão de novas linguagens nas aulas de história, certamente, é fundamental nesse processo. Os textos literários possibilitam uma noção do cotidiano passado maior que qualquer texto analítico, assim como propicia uma maior compreensão da mentalidade de uma época e de suas configurações políticas, colaborando para que os alunos realizem suas interpretações e relações sociais.

A leitura e escuta de Durval Muniz de Albuquerque Jr. ampliou minha visão para pesquisa com questões como: por que a História não sensibiliza? Por que a realidade precisa ser fria e analítica? Essas e outras perguntas me levaram a seguinte reflexão: como alcançar essa geração com informações e discussões que não a afeta? Para Albuquerque, o historiador é “o tecelão dos tempos”, um “encantador de palavras” que não apenas pode recorrer à literatura para entender aspectos históricos como pode utilizar uma linguagem literária em seus textos. Albuquerque não busca encontrar limites entre a História e a Literatura, ele busca “articulá-las, pensar uma com a outra” (ALBUQUERQUE, 2007, p.44).

Sandra Pesavento, que foca seus estudos na História Cultural, aborda o imaginário, as representações, o patrimônio e a memória realizando diálogos entre a História e a Literatura. Para ela, “ambas são formas de explicar o presente, inventar o passado, imaginar o futuro. [...] ambas são formas de representar inquietações e questões que mobilizam os homens em cada época de sua história e, nesta medida, possuem um público destinatário e leitor.” (PESAVENTO, 2003, p.81) A historiadora

ênfatiza, ainda, como a Literatura é uma “porta de entrada às sensibilidades de um outro tempo” e fonte para o desconhecido.

Utilizar a literatura no estudo da história humana é uma possibilidade de ultrapassar as antigas concepções historiográficas, requerendo um currículo insurgente ao contribuir para uma nova visão sobre os conteúdos históricos favorecendo uma “imersão” no cotidiano passado, na mentalidade de uma época, no universo político e econômico, permitindo aos alunos realizar sua própria leitura da história e perceber o reflexo das estruturas política e econômica na vida social. A narrativa ficcional favorece certo tom testemunhal que pode ser usada como fonte histórica e recurso didático, sendo, também, um dispositivo eficaz para evidenciar novos sujeitos e estreitar as fronteiras entre os estudantes e a História.

## **2. O ESTUDO SOBRE HISTÓRIA LOCAL E A OBRA AMADIANA**

O ensino de História Local desenvolve a noção de pertencimento e aproxima os estudantes da história. Para tanto, é necessário criar estratégias que garantam mais informações e possibilite a elaboração de saberes históricos, incluir a literatura como recurso didático é importante nesse processo.

A produção amadiana se configura como uma rica fonte de estudo sobre a história da Bahia do litoral ao sertão. Além de expor importantes informações sobre diferentes espaços baianos, problematiza diversas questões sobre o povo baiano e evidencia lugares e sujeitos que as fontes documentais não tratam. Portanto, explorar as narrativas amadianas nas aulas de história, oportuniza tratar de temas sensíveis, insurgentes e, ainda, dá protagonismo a diferentes sujeitos.

É fato que Jorge Amado tem uma rica produção conhecida pelo mundo, lida por gerações e estudada por intelectuais de diversas áreas, entretanto os estudantes da educação básica do século XXI pouco conhecem da ficção do escritor baiano, principalmente no que se refere à possibilidade de interpretá-la como documento histórico. Raros professores ou livros didáticos utilizam a literatura de Jorge Amado como fonte de conhecimento ou como recurso didático para a construção de saberes históricos. Frente a isso, conhecer a obra amadiana é uma possibilidade de ampliar visões sobre as cidades da Bahia, sobre a diversidade e sobre a cultura, além de debater temas como desigualdade social, preconceito e intolerância religiosa.

A escolha por estudar Jorge Amado deu-se por vários elementos, entre esses o fato de ser um escritor baiano que carrega em sua obra importantes contextos para o conhecimento da história da Bahia, tão negligenciada no currículo escolar. Seus romances dão voz a sujeitos excluídos da história: mulheres, crianças, pobres e pretos e evidencia antigos lugares do estado, assim como expõe problemas do passado que se perpetuaram no tempo. É a obra amadiana um conjunto de narrativas sobre a Bahia ao longo do século XX e seus mais variados espaços.

### **3. EXPERIÊNCIA COM AULA OFICINA: INTERFACES DA LITERATURA AMADIANA COM A HISTÓRIA LOCAL**

Apesar de notório o crescimento das pesquisas em relação ao ensino de história, entretanto, muitas vezes, o trabalho com essa disciplina permanece em uma estrutura “tradicional”, cujo único recurso adotado pelo professor é o livro didático, que geralmente privilegia uma epistemologia colonial, eurocêntrica, com grande espaço para as questões de cunho político e econômico, relegando os aspectos sociais e culturais ao ostracismo e acabando por dificultar a compreensão da história em sua totalidade, ao passo que não conquista o alunado, levando muitos ao questionamento sobre a relevância do seu estudo para a vida social, logo não se atentando para o papel que esse saber assume na formação de indivíduos críticos, atuantes e pensantes. Desta forma, fica evidente a necessidade de repensar o ensino desta disciplina e encontrar possibilidades que garantam a superação do modo de ensinar positivista e anacrônico.

Acredito que o ponto de partida para tanto deve ser a aproximação entre o fazer e o ensinar histórico. Aproximação que ocorre ao fomentar a pesquisa em sala de aula, problematizar questões, explorar fontes históricas, possibilitar o entendimento dos estudantes dos mais variados campos que formam a História, entre outras iniciativas que, inclui analisar a ficção. Como destaca Celeste de Andrade (1996), o texto ficcional “constitui uma grande chave para a investigação histórica de novos objetos e novos problemas. Nesse tipo de documentação, podemos encontrar dados dispersos ou mesmo silenciados por outras fontes”. (p.9)

Diante da proposta de estabelecer o diálogo entre a Literatura Amadiana e a História Local escolhi adotar a metodologia de aula-oficina, difundida por Isabel Barca (2004) que propõe:

O trabalho com as evidências históricas através das aulas oficinas que permite o cruzamento de diversas fontes, incluindo a análise do conhecimento prévio do aluno sobre o tema estudado. A partir dessa prática, os alunos podem ser protagonistas do seu processo de aprendizagem, ampliando-o reelaborando-o seu conhecimento para agir de forma exitosa no mundo. (GUIMARÃES, 2018, p. 63)

Vale ressaltar que o modelo de aula-oficina não exige um trabalho extraclasse. A pesquisa e a investigação histórica devem acompanhar o professor em seu dia a dia na sala de aula, ou seja, é possível aplicar essa metodologia no cotidiano da sala de aula. Os pressupostos metodológicos da aula-oficina desenvolvida pela professora portuguesa têm por base a perspectiva da Educação Histórica, que se preocupa com a busca de respostas referentes ao desenvolvimento do pensamento histórico e da formação da Consciência Histórica por parte dos estudantes. A Educação Histórica e a Consciência Histórica<sup>84</sup> se opõem ao ensino tradicional ao colocar o educando como sujeito ativo e o professor como aquele que cria estratégias e situações de aprendizagem.

3.1

### PRIMEIRO CICLO: CONHECENDO JORGE AMADO<sup>85</sup>

#### **Competências a serem trabalhadas<sup>86</sup>:**

- Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo
- Compreender e problematizar os conceitos e procedimentos norteadores da produção historiográfica.

---

<sup>84</sup> Ver: CAINELLI, Marlene R. Educação histórica: perspectivas de aprendizagem da História no ensino fundamental. In. SCHMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tânia Braga (org.). Educar em Revista. Curitiba: UFPR, 2006 e CERRI, Luis Fernando. Ensino de história e consciência histórica. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011

<sup>85</sup> Ver AGUIAR, Joselia. **Jorge Amado**: Uma Biografia, f. 320. 2018. 640 p.

<sup>86</sup> As competências e habilidades foram extraídas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) in: BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

**Habilidades:**

- (EF09HI05) Identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região em que vive.
- (EF09HI08) Identificar as transformações ocorridas no debate sobre as questões da diversidade no Brasil durante o século XX e compreender o significado das mudanças das mudanças de abordagem em relação ao tema.
- (EF09HI36) Identificar e discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceito e violência.

**AULA-OFICINA 1****Objetivos:**

- Apresentar para os estudantes o tema da aula-oficina, a justificativa e os objetivos.
- Levantamento do conhecimento prévio e de ideias implícitas dos estudantes.
- Interpretar frases e fotografias para a elaboração de uma visão objetiva sobre quem é Jorge Amado e o contexto histórico que viveu.

**Questão norteadora:**

- Quem é Jorge Amado?

**Procedimentos:**

- Questionar aos estudantes se eles conhecem Jorge Amado. O que eles conhecem sobre o autor? Já leram algo? Assistiram algo inspirado em seus escritos?
- Registrar as informações no quadro, tanto as corretas, como as equivocadas, expostas pelos estudantes e, posteriormente, sistematizar.

- Durante a sistematização apresentar frases e pensamentos do próprio escritor sobre quem ele é e de outras pessoas sobre ele levando a turma a avaliar o próprio conhecimento prévio e reformular suas ideias.

**IMPORTANTE:**

Lembrar que cada depoimento do autor e sobre autor, assim como as imagens são vestígios do passado, portanto são *fontes históricas*.

Existe a possibilidade para quem tem acesso à internet na escola explorar a Hemeroteca Digital Brasileira, portal de periódicos nacionais disponibilizado pela Fundação Biblioteca Nacional que oferece aos seus usuários uma ampla consulta ao seu acervo de periódicos.

**Sugestões de textos para serem usadas em sala:**

*Enquanto a obra literária de Jorge Amado é poética, porque é elemento artístico, é também documental, pois traz na ficção elementos que registram a história. O escritor, que não é historiador, nos narra histórias. Tornamos essas narrativas alvos de perguntas e inquietações. Amado foi sujeito da história nos anos 1930, tendo sido um intelectual atuante. Foi escritor da história pela ficção. E agora ele e suas obras são objetos da história, nos fazendo considerar, finalmente, que o fazer literário é subsidiado pelo fazer histórico. (SILVA e SANTOS, 2021, p. 222)*

*Jorge Amado transcendeu a literatura, ele conseguiu transmitir a todo o mundo aquele sentimento que não conseguimos nominar, aquela característica que nos é tão familiar, mesmo que não tenhamos vivido uma de suas histórias. Acima de tudo um cidadão atuante, um militante das verdades, começou como jornalista e continua como ícone da literatura brasileira e mundial. (Deputado Coronel Gilberto Santana, Sala das Sessões, 8 de agosto de 2012)*

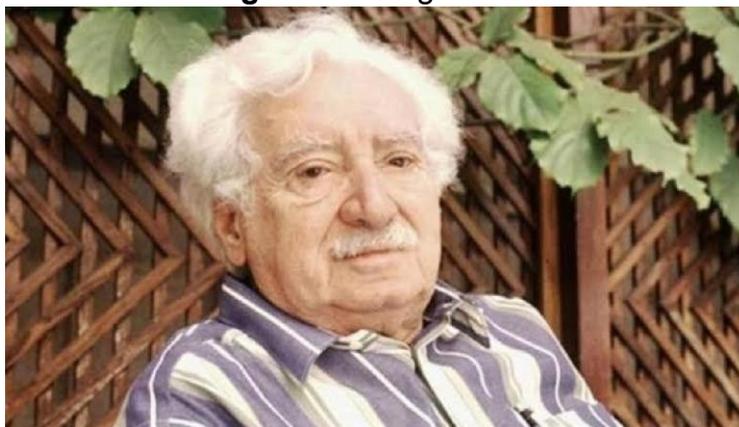
*Clarice Lispector – A que atribui o sucesso enorme de seus livros?*

*Jorge Amado – Atribuo à qualidade brasileira; a estar do lado do povo; a transmitir esperança e não desesperança. (LISPECTOR, Clarice. **Clarice Lispector entrevistas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007)*

*Quanto a mim busquei o caminho nada cômodo de compromisso com os que nada têm e lutam por um lugar ao sol, com os que não participam dos bens do mundo, e quis ser, na medida de minhas forças, voz de suas ânsias, dores e esperanças. Refletindo despertar de sua consciência, desejei levar seu clamor a todos os ouvidos, amassar em seu barro o humanismo de meus livros, criar sobre eles e para eles.*  
(Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras)

- Apresentar fotografias do autor com diferentes pessoas e em diversos lugares. Pode ser visitada a página da Fundação Casa de Jorge Amado que reúne um acervo de fotografias que podem ser exploradas como a foto abaixo.

**Figura 1** – Jorge Amado



**Fonte:** acervo Fundação Casa de Jorge Amado

- Incentivo a pesquisa: solicitar que os estudantes verifiquem em casa se possui algo sobre Jorge Amado: livros, fotografias, filmes e levem para próxima aula.

### **Avaliação:**

- Identificar a mudança entre as primeiras ideias apresentadas sobre Jorge Amado e as ideias após a exposição de frases e imagens. Pode ser solicitada uma nova tempestade de ideias.

## AULA-OFICINA 2

### **Objetivos:**

- Introduzir o conhecimento sobre a literatura amadiana e as possibilidades de analisarmos suas narrativas para compreendermos mais sobre as estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais que marcam a cidade de Salvador e mais especificadamente a Península de Itapagipe.
- Perceber que o diálogo entre a história e a literatura nas aulas de História, pode ser interessante para identificar os processos de urbanização e modernização da cidade.
- Reconhecer que, para além dos livros didáticos, existem diversas formas de aprender história.
- Discutir as diferenças entre um literato e um historiador.

### **Questão norteadora:**

- Quais são as obras de Jorge Amado e como elas podem ser usadas para estudar História?

### **Procedimentos:**

- Socializar os objetos trazidos de casa e buscar elaborar saberes a partir deles. (Importante que o professor também leve o que possui e os itens da biblioteca da escola)
- Propor uma aula dialogada buscando a efetiva participação dos educandos. Utilizar os objetos da exposição para discutir as seguintes questões:
  1. Quais romances foram encontrados?
  2. Sobre o que falam? (Estimular a leitura da sinopse)
  3. Além de romances, tem outros tipos de livros?
  4. Quais obras inspiraram filmes, novelas e peças teatrais?

5. Conseguiram alguma fotografia? Quem está na foto? O que podemos perceber na fotografia?
6. De que forma a obra amadiana pode ser usada para compreender mais sobre a história local?
7. Quais livros tratam sobre o período histórico que estamos estudando? (variará de acordo a série e unidade que esteja trabalhando)
8. Por narrar à Bahia, o autor pode ser considerado um historiador?  
Ler e discutir o fragmento abaixo:

Enquanto a obra literária de Jorge Amado é poética, porque é elemento artístico, é também documental, pois traz na ficção elementos que registram a história. O escritor, que não é historiador, nos narra histórias. Tornamos essas narrativas, alvos de perguntas e inquietações. Amado foi sujeito da história nos anos 1930, tendo sido um intelectual atuante. Foi escritor da história pela ficção. E agora ele e suas obras são objetos da história, nos fazendo considerar, finalmente, que o fazer literário é subsidiado pelo fazer histórico. (SILVA e SANTOS, 2021, p. 222)

- Leitura do texto: “Ler devia ser proibido”, de Guiomar de Grammon<sup>87</sup>. Apresentar para a turma como a leitura é importante
- para ampliar a visão de si, do outro e do mundo que o cerca. Explicar como o texto literário contribui para o conhecimento histórico e quais as diferenças entre um historiador e um literato.

### **Avaliação:**

- Solicitar que registre em seus cadernos as informações que julgaram importantes e socializem com os colegas. Avaliar se houve um entendimento dos conceitos tratados e a percepção do grupo sobre leitura, literatura e história.

<sup>87</sup> GRAMMONT, Guiomar de. Ler devia ser proibido. In: PRADO, J (Org.); CONDINI, P (Org.). A formação do leitor: pontos de vista. Rio de Janeiro: Argus, 1999, p. 71-73. Disponível em: <http://cesu.org.br/wp-content/uploads/2020/08/LER-DEVIA-SER-PROIBIDO-.pdf> acesso em: 29 de outubro de 2022.

## AULA-OFICINA 3

### **Objetivos:**

- Perceber a existência de lugares e sujeitos que são invisibilizados nos livros didáticos, mas que estão presentes nas obras de Jorge Amado.
- Reconhecer a leitura e o conhecimento histórico como importantes em seu processo formativo.

### **Questão norteadora:**

- Você conhece a cidade que mora? Conhece o lugar da cidade que vive?

### **Procedimentos:**

Relembrando que essa oficina foi elaborada como estudo sobre a Península de Itapagipe, região localizada a Cidade Baixa de Salvador (Ba), porém a atividade pode ser adaptada para outros lugares.

- Introduzir a aula falando sobre a Península de Itapagipe.
- Pontuar quais bairros formam a Península e dialogar sobre as vivências dos estudantes na região. Onde moram, onde passeiam, onde estudam?
- Propor uma atividade para ser realizado em trio: entregar para os trios imagens da região e solicitar que identifiquem o nome do local e aspectos de sua história. Após a análise devem socializar as conclusões obtidas.
- Recuperar a atividade com projeções de imagens antigas e atuais de partes de Itapagipe, falar sobre o povoamento da região e o desenvolvimento ao longo do tempo.
- Assistir o vídeo disponível no Youtube: “História dos Bairros de Salvador - Cidade Baixa e Península de Itapagipe”. Disponível em: <https://youtu.be/JtAS7uVrR50>
- Salientar as informações expostas e problematizar as fontes utilizadas para a produção do vídeo.

- Apresentar para os estudantes as obras amadianas selecionadas para leitura que abordam lugares e personagens itapagipanos, a saber: *Mar Morto*, *Capitães da Areia*, *Bahia de Todos os Santos* e *A Morte e Morte de Quincas Berro D'Água*.
- Descrever o enredo de cada obra e incentivar a leitura. A proposta é que cada aluno leia pelo menos uma das obras. Essa atividade terá mais êxito ocorrendo de forma interdisciplinar com Língua Portuguesa e Redação.

### **Avaliação:**

- Verificar o conhecimento dos estudantes sobre a região que vive e observar se após as discussões, o vídeo e a observação de imagens ocorreram aprendizagens.
- Identificar os interessados na leitura das obras de Jorge Amado.

Para concluir o primeiro ciclo das oficinas é interessante uma aula de campo que contemple visitas a lugares citados nas obras amadianas e a Fundação Casa de Jorge Amado, instituição responsável por reunir um importante acervo sobre o escritor e exercer um papel importante ao relacionar a vida e obra de Jorge Amado a acontecimentos da História da Bahia, do Brasil e do mundo.

## **4. SEGUNDO CICLO: DIÁLOGOS DA HISTÓRIA E DA LITERATURA**

### **Competência**

Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito.

### **Habilidades**

- (EF09HI18) Descrever e analisar as relações entre as transformações urbanas e seus impactos na cultura brasileira e na produção das desigualdades regionais e sociais.

- (EF09HI07) Identificar e explicar, em meio a lógicas de inclusão e exclusão, as pautas das populações afrodescendentes.

#### AULA-OFICINA 4

#### **Objetivos:**

- Perceber a existência de lugares e sujeitos que são invisibilizados nos livros didáticos, mas que estão presentes nas obras de Jorge Amado.
- Reconhecer a leitura e o conhecimento histórico como importantes em seu processo formativo.

#### **Questão norteadora:**

- Quais histórias sobre Itapagipe são narradas por Jorge Amado?

#### **Procedimentos:**

- Socialização das leituras realizadas pelo grupo.
- Registrar na lousa as informações históricas levantadas pelas obras de Jorge Amado apontados pela turma, tais como contexto histórico, sujeitos, fatos, locais, etc. Evidenciar as desigualdades sociais, as transformações urbanas, o descaso das autoridades, o movimento trabalhista, as questões de gênero e quantas temáticas mais a discussão permitir.
- Identificar as narrativas sobre a Península de Itapagipe e os itapagipanos. Para tanto, é interessante projetar trechos das obras que fala de Itapagipe. Essa exposição é importante, pois é comum em uma turma a não realização da atividade por todos. Ler os trechos da obra e analisar já será um exercício de leitura que contemplará aqueles que não realizaram a tarefa previamente.
- Questionar sobre quais os lugares de Itapagipe são descritos por Jorge Amado e de quais indivíduos a obra trata.

- Formular de forma coletiva algumas questões sobre a história da região para que todos os estudantes busquem um morador antigo da região para responder. As questões deverão ser elaboradas partindo das problemáticas e curiosidades do grupo. Como exemplo: ao falarmos sobre os capitães da areia podemos formular questões como “Existia em Itapagipe ou ainda existem grupos de menores infratores?”, “Qual a importância dos parques nas praças de Itapagipe para a comunidade? Havia momentos tão especiais para os itapagipanos quanto houve para os capitães?”.
- Os estudantes deverão buscar um morador antigo da região para conversar sobre as questões que elaboramos em sala. Durante a conversa deverão fazer anotações sobre os relatos dos moradores. A turma deverá ser orientada como conversar com o morador antigo e a forma adequada para registrar as informações.

**Avaliação:**

Verificar quais conhecimentos foram possíveis adquirir com a leitura da obra amadiana e no confronto com outras fontes históricas.

## AULA-OFICINA 5

### **Objetivo:**

- Confrontar diferentes fontes históricas na elaboração de saberes históricos.
- Conhecer memórias dos antigos moradores da região.

### **Questão norteadora:**

- Quais histórias sobre Itapagipe são narradas por seus moradores? Quais são suas memórias?

### **Procedimentos:**

- Colocar a turma em círculo e solicitar que socializem as conversas com os moradores de Itapagipe.
- Atividade de cruzamento de fontes:
  1. Pensar sobre as memórias dos antigos moradores, relacionar com os relatos amadianos e com o contexto histórico que estudamos ao longo da unidade como a industrialização, a diversificação de atividades econômicas, a exclusão social do afrodescendente, a perseguição da cultura negra além de comparar com a realidade atual.
  2. Incentivar a pesquisa pelos smartphones dos dados e informações apontados nas conversas.
  3. Solicitar que pesquisem fotografias da Península de Itapagipe em diferentes épocas e que fotografem os lugares atualmente.

### **Avaliação:**

- Verificar a participação da turma no processo de cruzamento das fontes, observando a capacidade de interpretação do objeto de estudo.

## AULA-OFICINA 6

### **Objetivos**

- Desenvolver um álbum histórico sobre a Península de Itapagipe pautado no diálogo entre a história e a literatura que reflita as mudanças e permanências em Itapagipe ao longo do processo de urbanização, assim como o processo de exclusão que o caracteriza.
- Entender que as narrativas amadianas, os relatos de antigos moradores, as fotografias são registros humanos que contribuem para o conhecimento de nós mesmos e da História do lugar que habitamos.

### **Procedimentos:**

Como culminância do trabalho será construído um álbum criativo sobre Península de Itapagipe que deverá contar histórias da região. As memórias construídas pelos moradores, as narrativas produzidas por Jorge Amado, as fotografias identificadas e feitas pelos estudantes, os textos produzidos como resultado de aprendizagens e reflexões.

Orientar a turma sobre a construção do álbum ao decidir de forma democrática os responsáveis:

1. Por organizar as fotografias. Selecionar e imprimir as fotografias. Cuidando de sinalizar o autor das fotografias e as fontes.
  2. Por escrever textos descritivos, narrativos e poéticos que serão publicados no álbum sobre a Península de Itapagipe e inspirados nas obras amadianas e nas memórias dos moradores antigos.
  3. Por organizar o álbum de forma criativa.
- Decidir o modelo do álbum e identificar quais os materiais que serão necessários para sua construção. Interessante o uso de materiais reciclados

para diminuir os custos e valorizar a sustentabilidade. Em casa, ou em horários de estudos na escola, os estudantes realizarão as atividades estabelecidas para cada um.

- Após reunir textos, fotografias e conseguir o material necessário, deverá ser marcado o momento para montar o álbum.
- Como culminância do projeto, o álbum será exposto para conhecimentos dos demais estudantes da escola.

### **Avaliação:**

- Analisar a capacidade dos estudantes em relacionar os textos literários com a História do Local que vive.
- Observar se a utilização da literatura na sala de aula ampliou o interesse dos estudantes pela leitura e pela construção de saberes históricos.
- Solicitar que os estudantes façam uma autoavaliação sobre o próprio engajamento nas atividades e da turma. Também que avaliem as aulas-oficinas apontando os pontos positivos e os que precisam ser revistos.

## FONTES DE PESQUISA

AMADO, Jorge. **A morte e a morte de Quincas Berro D'Água**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, v. 3, 2008.

\_\_\_\_\_. **Bahia de Todos os Santos: guias de ruas e mistérios**. 36 ed. Rio de Janeiro, 1986.

\_\_\_\_\_. **Capitães da Areia**. 108 ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

\_\_\_\_\_. **Mar Morto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SCHOMMER, Aurélio. **História dos Bairros de Salvador - Cidade Baixa e Península de Itapagipe**. You Tube, 17 de Julho de 2020.

## REFERÊNCIAS:

AGUIAR, Joselia. **Jorge Amado: uma biografia**. São Paulo: Editora Todavia S.A, 2018.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. “História: a arte de inventar o passado” in: **Caderno de História**, Natal: UFRN, vol 2, nº 1, jan./jun. 1995. p. 7-12.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. “O Tecelão dos tempos: o historiador como artesão das temporalidades” in NEGRO, Antonio L.; SOUZA, Evergton Sales; BELLINI, Lígia (orgs.). **Tecendo Histórias: espaço, política e identidade**. Salvador: edufba, 2009.

ANDRADE, Celeste. **A literatura no ensino de história da Bahia: a obra de Jorge Amado**. SITIENTIBUS (UEFS), Feira de Santana, v. 14, p. 09-21, 1996.

\_\_\_\_\_. **Os “capitães da areia” de Jorge Amado: histórias de vida na cidade da Bahia**. Amerika, v. 1, p. 60-70, 2014.

\_\_\_\_\_. **Conhecendo a Bahia através da ficção: Jorge Amado e as questões-étnico-raciais**. In: VI Encontro Estadual de História. XXIII Ciclo de Estudos Históricos. Povos indígenas, africanidades e diversidade cultural: produção do conhecimento e ensino., 2013, Ilhéus, BA. Anais Eletrônicos - VI Encontro Estadual de História - ANPUH-BA. Ilhéus, BA: Associação Nacional de História - Seção Bahia, 2012. v. 01. p. 1-7.

BARCA, Isabel. **Aula Oficina: do projeto à avaliação**. In. Para uma educação histórica de qualidade. Actas das IV Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Braga (PT): Ed. Universidade do Minho, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

CAINELLI, Marlene R. Educação histórica: perspectivas de aprendizagem da História no ensino fundamental. In. SCHMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tânia Braga (org.). Educar em Revista. Curitiba: UFPR, 2006.

CERRI, Luis Fernando. Ensino de história e consciência histórica. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

LISPECTOR, Clarice. **Clarice Lispector entrevistada**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

GUIMARÃES, Átila Silva Sena. **Canto negro: as músicas do bloco afro Ilê Aiyê para inclusão da História e Cultura africana no Currículo Escolar**. Dissertação Mestrado em Ensino de História, UNEB, 2018.

GRAMMONT, Guiomar de. Ler devia ser proibido. In: PRADO, J. (Org.); CONDINI, P. (Org.). **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999, p. 71-73.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.

SILVA, Rafaela Mendes; SANTOS, Francisco Wilton Moreira dos. História e Literatura: Jorge Amado, seus romances e as questões históricas nos anos 1930. **Revista Escritas do Tempo**, v. 3, n. 8, p. 206-224, mai-ago 2021.